



centro  
de  
documentação

RE (Arq)

33

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO - JOÃO MANUEL ALVES

A R Q U I T E C T U R A

Participou com elevada competência profissional e um assinalável sentido de responsabilidade, em todos os projectos acima referidos.

O trabalho produzido pelo estudante revelou uma grande capacidade de superação de dificuldades. As soluções propostas de cada tarefa atingiram uma

**Assunto:** Parecer sobre o estágio curricular do aluno João Manuel de Matos Alves

que demonstra uma grande concentração em cada tarefa que lhe foi entregue, evidenciando uma excelente capacidade de organização e priorização.

Integrou-se facilmente não só no espaço físico, como também no modo de trabalho do nosso atelier.

Exmos. Senhores:

Para lhe dar conhecimento, para além dos aspectos acima mencionados, sobre uma grande diversidade de projectos que contribuíram para a formação profissional do aluno, apresentamos a seguir o seguinte:

Conforme nos foi solicitado, após entrevista, pelo aluno acima referido, que desde o início mostrou interesse em fazer o seu estágio no nosso atelier, tomámos a decisão de o receber e integrá-lo na nossa equipa de trabalho.

Essa aceitação deveu-se essencialmente à constatação da elevada qualidade de trabalho executado ao longo do curso, afinidades metodológicas com este atelier, bem como, uma postura de grande prazer e concentração na carreira que pretende construir.

À semelhança de outros estágios que acompanhamos, decidimos inseri-lo no trabalho normal e corrente do gabinete, sem que para ele fosse criado qualquer tipo de trabalho específico ou ambiente próprio, o que traria alguma artificialidade ao seu estágio.

Assim, o estudante colaborou, conforme lhe foi sendo proposto nos seguintes projectos:

- Anteprojecto de remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo.
- Concurso Público Internacional para elaboração de um projecto da Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim.
- Casa Rosa, S. Pedro do Estoril.  
(Projecto de licenciamento).
- Restaurante/Museu flutuante, Costa Nova-Ílhavo.  
(Estudo prévio).
- Concurso Público Internacional para elaboração do projecto do edifício da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Regulamento de Exteriores de Edificações em Alhos Vedros  
(Concurso por convite).

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
05940  
(Centro de Documentação)



Participou com elevada dignidade profissional e um assinalável sentido de responsabilidade, em todos os projectos acima referidos.

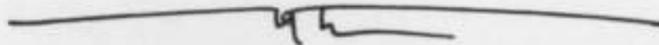
O trabalho produzido pelo estudante revelou uma grande capacidade de superar dificuldades. As limitações próprias de quem nunca integrou uma estrutura profissional ou emergentes de cada projecto foram sempre ultrapassadas dada a sua grande concentração em cada tarefa que lhe foi entregue e facilidade de assimilação de informação.

Integrou-se facilmente não só na equipa como também no método de trabalho deste atelier.

Na sua produção diária foi demonstrando, para além dos aspectos acima referidos, também uma elevada cultura arquitectónica que contribuiu efectivamente para a melhoria qualitativa da sua participação, sua capacidade crítica e de debate dos trabalhos desenvolvidos.

Pelo exposto, estamos convictos que irá continuar a exercer a sua profissão com distinção pelo que solicitamos, concordando, a aprovação imediata da sua licenciatura.

O Orientador  
(Arqº José Mateus)



Lisboa, 2 de Outubro de 1998

# INDICE

## CAPÍTULO I

Introdução

## CAPÍTULO II

### Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ilhavo

1. Introdução

2. Análise do Edifício Existente (Antigo Museu de Ilhavo)

2.1 - Evolução Histórica do Projeto

2.2 - Avenidas e Monumentos

2.3 - Instalações Externas

2.4 - Recursos Locais

3. Da Intervenção

4. Organograma Geral do Edifício

4.1 - Vista ao Mar

4.2 - Implantação Geral de Funcões por Piso

4.3 - Acesso

4.3.1 - Oficinas / Oficinas / Serviços

5. Recuperação / Extensão

5.1 - Actividades Complementares

5.2 - Integração de Novas Actividades Museológicas

### Concurso Público Internacional, no âmbito da E.U. para Elaboração do Projecto Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim, 1998

1. Introdução

2. Conceitos Gerais

3. Definição da Volumetria

4. Partido Arquitectónico - Ambientes

5. Estrutura Funcional

5.1 - Chancelaria

5.1.1 - Acesso

5.2 - Residência

5.2.1 - Produção

6. Anexos e circulações

# Í N D I C E

## CAPÍTULO I

Introdução

## CAPÍTULO II

### **Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo**

1. Introdução

2. Análise do Edifício Existente (actual Museu de Ílhavo)

2.1 - Espaços Interiores e Acessos

2.2 - Alvenarias e Acabamentos

2.3 - Instalações Especiais

2.4 - Natureza Estética

3. Da Intervenção

4. Organigrama Geral do Edifício

4.1.- Visita ao Museu

4.2.- Implantação Geral de Funções por Piso

4.3. Acessos

4.3.1. Entradas / Objectos / Serviços:

5. Recuperação / Extensão

5.1. Soluções Construtivas

5.2. Adequação às Necessidades Museológicas.

### **Concurso Público Internacional, no Âmbito da E.U. para Elaboração do Projecto Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim, 1998**

1. Introdução

2. Conceitos Gerais

3. Definição da Volumetria

4. Partido Arquitectónico - Ambientes

5. Estrutura Funcional

5.1. Chancelaria

5.1.1. Introdução

5.2. Residência

5.2.1. Introdução

6. Acessos e circulações

- 6.1. Chancelaria
  - 6.1.1 Público
  - 6.1.2 Viaturas
- 6.2. Residência
  - 6.2.1 Público
  - 6.2.2 Viaturas

## 7. Acabamentos

### **Casa Rosa - S. Pedro do Estoril**

- 1. Programa
- 2. Sítio
- 3. Breve Descrição Funcional
- 4. Metodologia

### **Restaurante / Museu Flutuante - Costa Nova**

- 1. Programa
- 2. Sítio
- 3. Natureza da Proposta
- 4. Breve Descrição Funcional
- 5. Acabamentos

### **Concurso Público, no Âmbito da U.E., para Elaboração do Projecto do Edifício da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa**

- 1. Conceitos Gerais
- 2. Definição da Volumetria
- 3. Partido Arquitectónico - Ambientes
- 4. Estrutura Funcional
- 5. Acabamentos
- 6. Áreas e Compartimentos

### **Regulamento de Exteriores de Edificação, Alhos Vedros**

- 1. Introdução
  - 1.1. Análise do Contexto Físico
    - 1.1.1. Envoltente, Limites
    - 1.1.2. Transformação
- 2. Estratégia

2.1. Linguagem Global / Exterior - Interior

2.2. Linguagem Localizada

2.2.1. Fluidez / Passagens, Prolongamentos, Ruas

2.2.2. Afectação do Existente

2.2.3. Ritualização dos Acessos

2.2.4. Disseminação de Elementos Particulares

3. Metodologia

3.1. A Diversidade dos Agentes

3.2. Adequidade de Sistemas Contrutivos Generalistas

3.3. Repetição de elementos Tipo

3.4. Repetição de elementos Particulares

3.5. Elementos Estratégicos

## CAPÍTULO III

Conclusão

Bibliografia

## ANEXO



## Introdução

... de bibliotecas e iluminação ambiental em espaços expositivos, quando dos projectos do Museu da Ilhava e concurso de Biblioteca da Universidade Nova.

Neste projecto, pude vivenciar várias tipologias de habitação, relação desta tipo de edifícios com a cidade, para com isso poder desenvolver, de maneira directa e concisa, as condicionantes que se me puseram, sempre sob a ótica económica ou programática.

Regulando o desenvolvimento do projecto sob minha coordenação, sempre supervisionado pelo arq<sup>to</sup> Nuno Mateus. Este relatório é referente ao trabalho desenvolvido durante o período de seis meses de estágio no Atelier ARX Portugal, tendo como orientadores desta prova académica os arq<sup>tos</sup> José Mateus e Nuno Mateus.

Esta fase foi bastante importante, no meu estágio, não porque as outras não o tenham sido, mas sim porque foi decidido, por estes, que o meu estágio passaria pela inserção total no trabalho normal e corrente deste atelier, de modo que os projectos foram-se sucedendo naturalmente e nos quais fui participando segundo a sua coordenação e orientação.

Importante também, foi ter a oportunidade de participar em algumas tarefas diferenciadas do atelier. O estágio incidu essencialmente sobre seis trabalhos distintos; três deles projectos já em curso no atelier, dois concursos públicos internacionais e um concurso por convite.

A sequência dos projectos realizados foi a seguinte:

- Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ilhavo, desenvolvido na fase de anteprojecto;
- Concurso Público Internacional, no âmbito da U.E., para a Elaboração do Projecto da Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim;
- Habitação Unifamiliar -Casa Rosa- em S.Pedro do Estoril, desenvolvido na fase de projecto de execução;
- Restaurante/Museu Flutuante, Costa Nova, desenvolvido na fase de estudo prévio;
- Concurso Público Internacional, no âmbito da U.E., para a Elaboração do Projecto do Edifício da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- Regulamento de Exteriores de Edificação em Alhos Vedros, concurso por convites.

À excepção deste último, a minha contribuição foi, quase sempre, de apoio ao trabalho que a equipa foi desenvolvendo, seja na construção de modelos de estudo e finais, seja na produção de peças desenhadas ( várias vezes com alguma responsabilidade projectual, como foi o caso do "quadrante negativo" do Concurso da Chancelaria e Residência em Berlim, entre outras prestações) e escritas.

O último projecto em que participei foi, como disse, um concurso por convite endereçado ao arq<sup>to</sup> Nuno Mateus, processo que me foi entregue para analisar, preparar o concurso e estudar a organização da equipa que iria coordenar no desenvolvimento do mesmo.

Todas as dificuldades próprias de quem nunca tinha sido integrado numa estrutura profissional, salvo raras excepções em serviços prestados a alguns "ateliers" enquanto estudante, foram sendo ultrapassadas sob o peso da responsabilidade, que foi crescendo, mas também com a ajuda, sempre presente, dos coordenadores e colegas arquitectos.

Assim, numa primeira fase comecei a preparação deste concurso, tratando dos documentos necessários para entrega, analisei o sítio e o programa e planifiquei as diversas fases que iriam decorrer sentindo a responsabilidade da necessidade da boa gestão de recursos humanos.

Seguidamente fiz um trabalho de pesquisa sobre habitação, à semelhança de outros que fiz

sobre museus, bibliotecas e iluminação artificial/natural em espaços expositivos, aquando dos projectos do Museu de Ílhavo e concurso da Biblioteca da Universidade Nova.

Neste projecto, pude estudar várias tipologias de habitação, relação deste tipo de edifícios com a cidade, para com isso poder desenvolver, de maneira directa e concisa, as condicionantes que se me puseram, tenham sido elas de indole económica ou programática.

Seguiu-se o desenvolvimento do projecto sob minha coordenação, sempre supervisionado pelo orientador nas reuniões diárias em se discutia o trabalho e nas quais o arq<sup>to</sup> Nuno Mateus estabelecia o "caminho" que se deveria seguir.

Esta fase foi bastante importante, no meu estágio, não porque as outras não o tenham sido mas sim porque nesta pude deparar com problemáticas com as quais nunca tinha contactado durante o meu período de estudante na faculdade, como seja a preparação de um concurso.

Importantíssimo também, foi ter a oportunidade de participar em algumas fases diferenciadas do decorrer de um projecto; estudo prévio do Restaurante da Costa Nova; anteprojecto no caso do Museu Marítimo de Ílhavo e projecto de execução para a Habitação unifamiliar em S. Pedro do Estoril.

Além disso, pude participar em concursos podendo usufruir de momentos intelectualmente interessantes de grande vida e despertar de um atelier de arquitectura.

A culminar devo agradecer as oportunidades concedidas, em que pude visitar algumas vezes a obra do Mercado Municipal da Moita na companhia dos arq<sup>tos</sup> Paulo Rocha e Stefano Riva, responsáveis pelo acompanhamento desta obra.



## Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Lagos

### 1. INTRODUÇÃO

O presente Projecto tem por objectivo a remodelação e ampliação do Museu de Lagos, projecto feito em conformidade com o Plano de

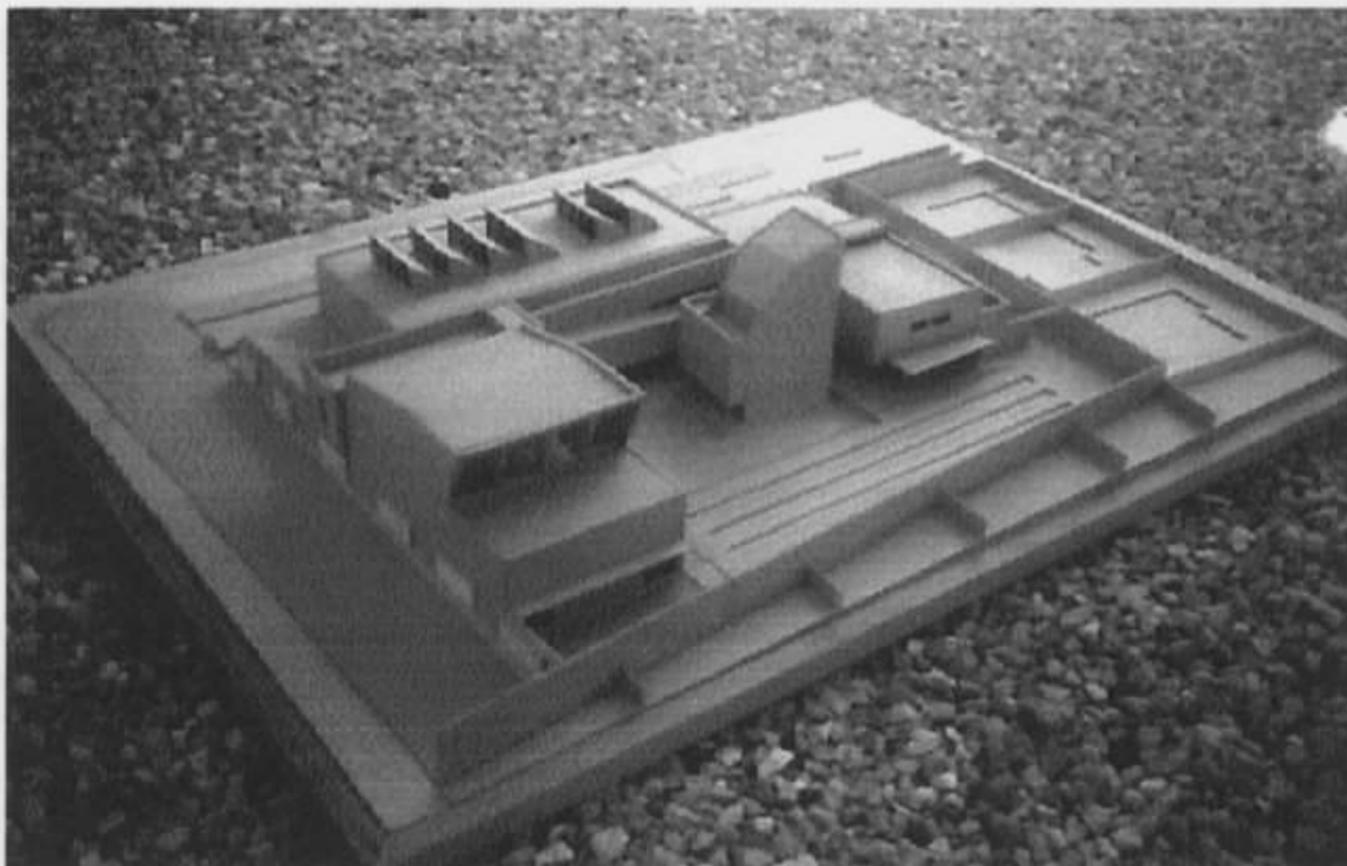
O novo Museu Marítimo de Lagos, tal como se apresenta neste plano (desenvolvido) teve como objectivo principal a melhoria das condições para se manter um ponto obrigatório de visita museológica e cultural da zona e país. Para isso, se considera uma intervenção estrutural e técnica tão importante para Portugal como são as ligadas à cultura do vinho e turismo, não menos importantes embora de carácter mais regional como é o caso do Museu e Salinas de Sagres ou do Museu do Vinho e do Turismo de Sagres e que muitas vezes se encontram ao longo da costa portuguesa desde o norte até ao sul e que são fundamentais e essenciais para o desenvolvimento desta região.

Este projecto de obra tem as mesmas bases estruturais do plano e independentemente de para que seja desenvolvida a remodelação e ampliação, não incluindo os trabalhos de obra de manutenção. Este Museu será a principal, no seu conjunto, um espaço de visita museológica e cultural, sendo de carácter essencialmente educativo e cultural.

Preparado e desenvolvido pelo Departamento do Estado Novo, sob a direcção de alguns técnicos por nome a seguir se seguem condições:

1. Cultura e Turismo, através do Plano de "Ampliação do Museu" e da Câmara Municipal

CAPÍTULO II



## **Ampliação e Remodelação do Museu Marítimo de Ílhavo**

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente Projecto trata-se da recuperação e ampliação do Museu de Ílhavo, projecto ganho em concurso realizado em 1997.

O novo Museu Marítimo de Ílhavo tal como se apresentou nesta fase (anteprojecto) teve como ambição criar as condições necessárias para se tornar um ponto obrigatório do roteiro museológico e cultural de todo o país. Para isso, foi estudada uma abordagem expositiva a temas tão importantes para Portugal como são os ligados à navegação, pescas e outros, não menos importantes embora de carácter mais regional como a apanha do moliço e salinas sabendo-se que estas foram tradicionalmente actividades a que muitas famílias se dedicaram ao longo da maior parte deste século e que fizeram florescer a economia e desenvolvimento desta região.

São naturais desta zona as maiores frotas bacalhoeiras do país e conseqüentemente alguns dos mais importantes estaleiros de construção naval, hoje fechados ou abandonados na sua quase totalidade. Este Museu virá a albergar, na sua colecção, um espólio em rápido desaparecimento e alguns restos de embarcações encontradas na Ria de Aveiro.

Pretendeu-se nesta fase, como desenvolvimento do Estudo Prévio, incorporar os ajustes necessários por forma a satisfazer as seguintes condicionantes:

- 1- Críticas e sugestões recolhidas junto dos "Amigos do Museu" e da Câmara Municipal de Ílhavo;

- 2- Adaptações resultantes do novo levantamento rigoroso do edifício fornecido pela C.M.Ílhavo;
- 3- Novas observações no local;
- 4- Integração de todas as especialidades no Projecto.

## 2. ANÁLISE DO EDIFÍCIO EXISTENTE (actual Museu de Ílhavo)

De modo geral, o edifício apresentava uma total inadequação ao fim a que se destinava.

### 2.1. ESPAÇOS INTERIORES E ACESSOS

O acesso de objectos de grande volume era impossível, dado não existirem aberturas de dimensões suficientes. No piso inferior só existia um acesso, a entrada principal, que não deveria ser utilizada com essa finalidade.

As comunicações verticais não permitiam a organização de circuitos de visita de diversas configurações, não cumprindo os regulamentos de segurança de incêndios. Este aspecto foi evidente analisadas as distâncias percorridas no interior do edifício sem fugas de emergência ou no número de portas de evacuação para o exterior.

Outro aspecto que de todo não se encontrava resolvido, era o acesso de deficientes a todo o circuito expositivo sendo mesmo impossível aceder ao piso superior.

### 2.2. ALVENARIAS E ACABAMENTOS

As soluções construtivas utilizadas na construção deste edifício favoreceram trocas térmicas entre o exterior e interior (através das estruturas de betão expostas e coberturas mal resolvidas do ponto de vista técnico) podemos constatar esta realidade dado o nível geral de degradação interior e exterior do edifício. Estes aspectos, põem em risco a segurança dos bens que se encontram no seu interior, já que não existem condições mínimas que sustentem a preservação dos mesmos. Estas condições põem gravemente em causa a possibilidade de evolução do Museu, que, nestas condições nunca poderá aspirar a que lhe sejam confiados novos valores de relevância patrimonial dado que torna evidente que a instituição não poderá zelar pela sua adequada conservação.

### 2.3. INSTALAÇÕES ESPECIAIS

Neste capítulo, pode-se dizer, ainda que isto se mostre aparentemente exagerado, que o edifício não foi projectado como Museu.

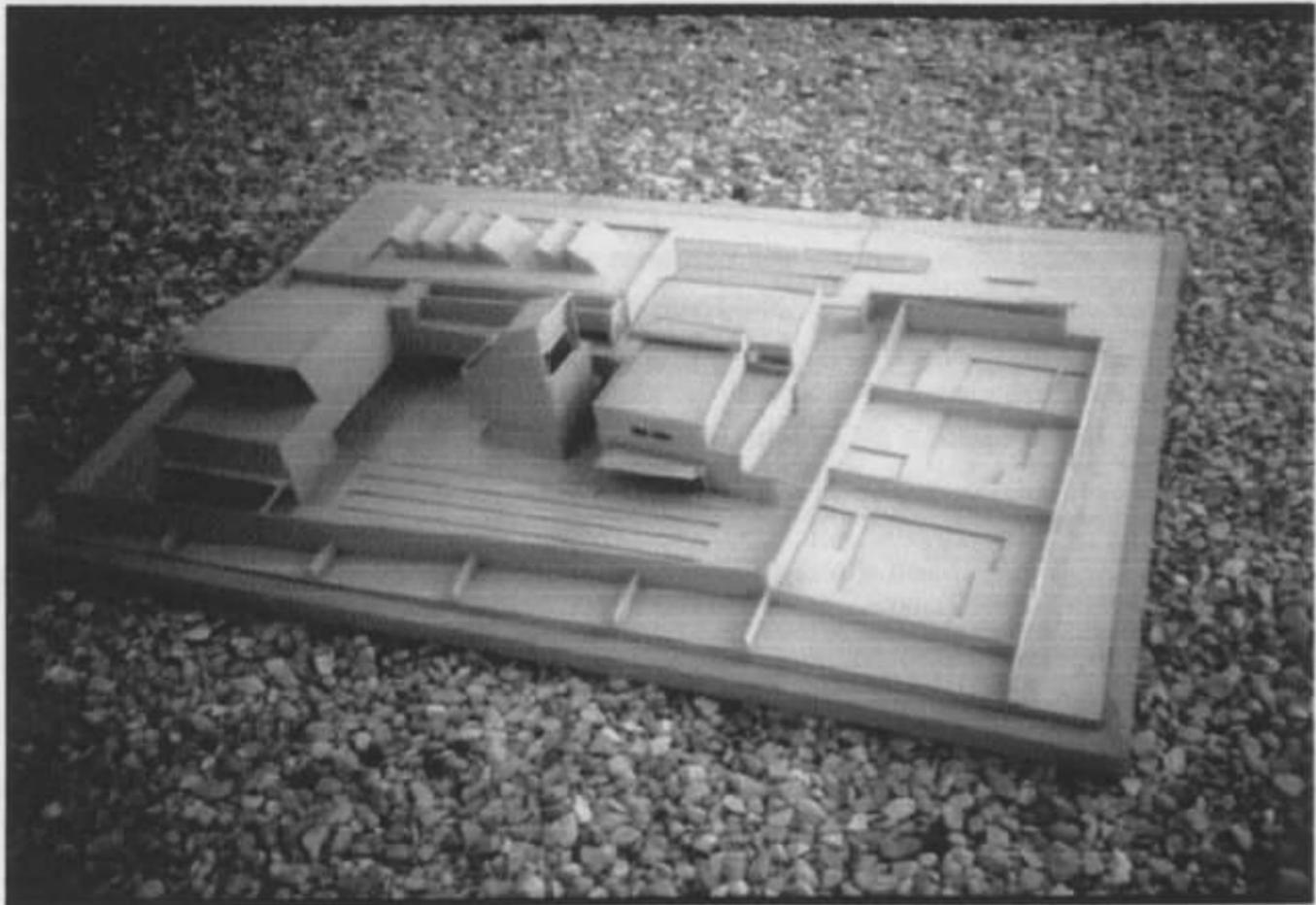
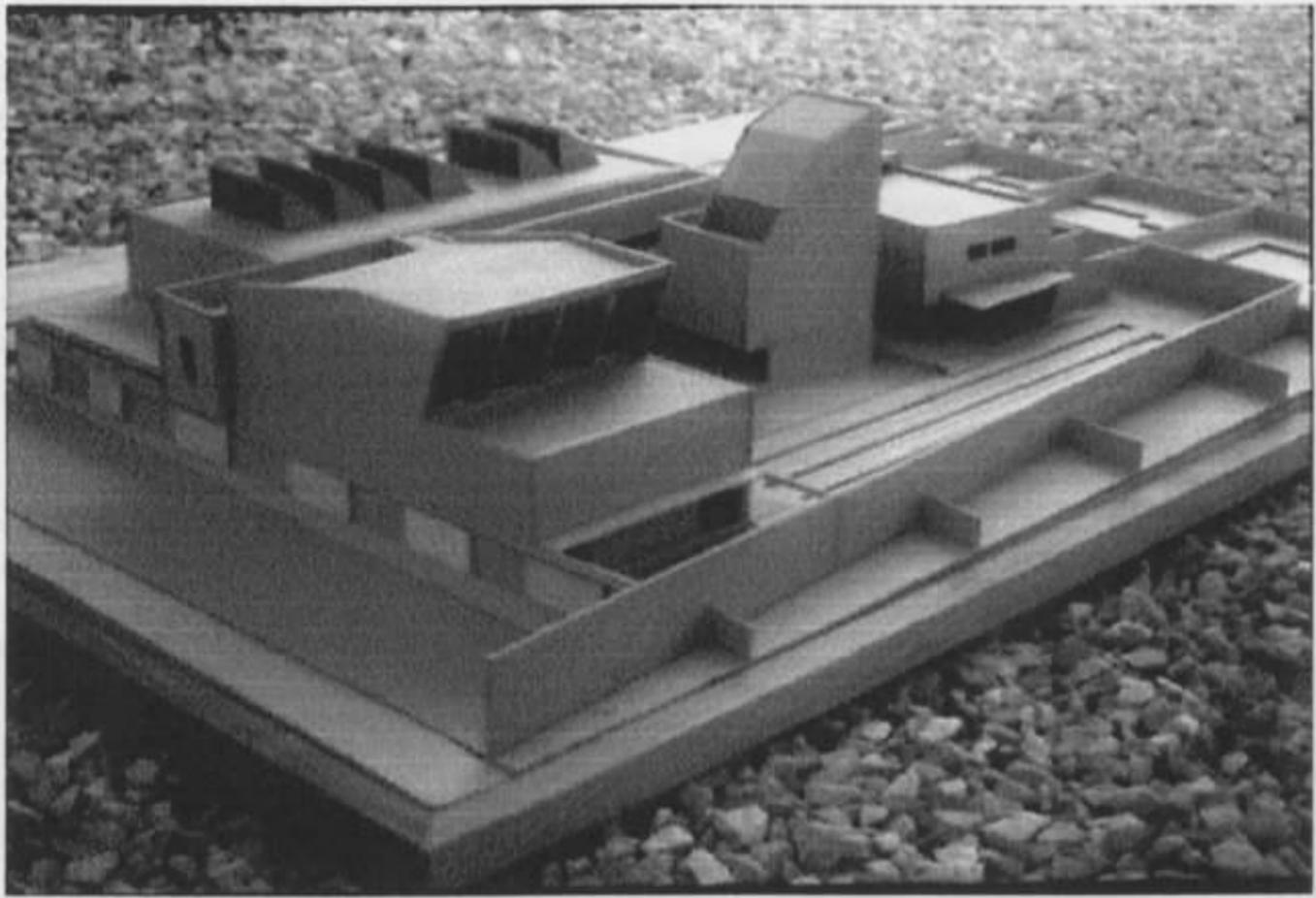
De facto, num edifício onde não foram previstos os sistemas de Instalações Mecânicas e Eléctricas que, garantissem os níveis de humidade e luz necessários a este tipo de utilização seria de esperar que tivessem sido construídos os meios "passivos" recomendáveis, de facto não se verificam.

### 2.4. NATUREZA ESTÉTICA

Neste ponto, reside um dos aspectos mais sensíveis entre os problemas que actualmente se verificam no edifício. Associado ao facto de na sua construção original não ser visível um desenho compatível com a dignidade própria de um Museu municipal, que, deveria ser referência urbana, património de qualidade de Ílhavo, o acelerado processo de degradação construtiva agrava uma imagem geral que resulta triste e acabada.

## 3. DA INTERVENÇÃO

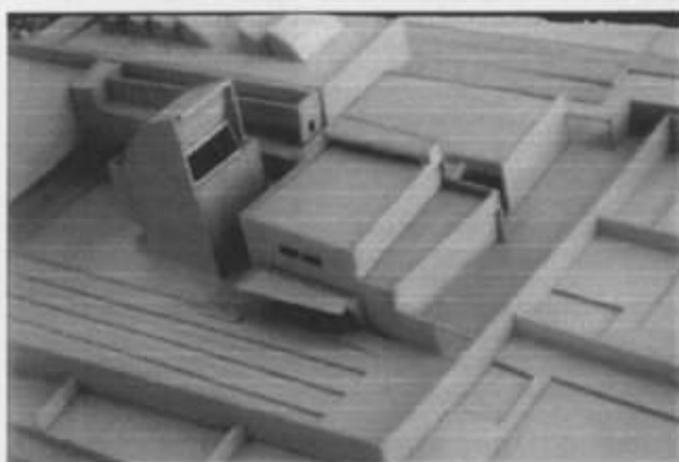
Como ponto de partida, procurou-se uma reabilitação geral da imagem do edifício.



O conjunto de condicionantes do projecto vocacionaram o discurso arquitectónico a desenvolver-se a partir de uma justaposição de volumes com uma relativa autonomia entre si.

O reaproveitamento do edifício existente e sua correcção construtiva e funcional constituiu um primeiro elemento. O auditório existente e sua correcção construtiva constituem um segundo elemento. A grande nave da Ria com grande pé direito, um terceiro. A "torre" dos "Achados da ria" ou exposições temporárias o quarto, sendo o quinto o corpo Administrativo.

Ao edifício existente adossou-se, ao longo de todo o seu volume, um corpo rectilíneo alongado que concentrará em si todas as circulações e principais máquinas de AVAC, funcionando como espaço de transição de percursos, entre o corpo existente e os da intervenção. A este corpo ancoraram-se três corpos novos, por forma a limitar o acesso ao jardim que ganhou assim uma maior privacidade e segurança. O corpo central, de exposições temporárias ou achados da ria, negro de ardósia polida, foi pensado para que pairasse sobre a água, como um moliceiro negro de breu sobre a ria. É por isso o mais escultural.



A água, visível a partir dos vários corpos novos, é o elemento de ligação e de surpresa da experiência do museu. Sendo na realidade o suporte ao tema central do museu (ria, mar) tornou-se também um potencial campo expositivo.

Numa observação das construções mais recentes em torno da zona onde se implanta o Museu, constatou-se uma certa exuberância e contrastes acentuados que resultam numa estrutura urbana algo confusa.

Assim, procurou-se fundamentar a nova imagem urbana do edifício em atributos baseados em princípios de sobriedade e contenção.

Na frente urbana, o edifício surgiu mais homogeneizado e abstracto.

A sua fachada principal foi prolongada a nascente por um muro de recobrimento da moradia de canto, dando uma nova escala ao Museu.

Foi no seu território mais privado que o edifício se exprimiu com uma maior riqueza formal.

#### 4. ORGANIGRAMA GERAL DO EDIFÍCIO

A proposta apontou para um edifício que funcionasse como um pólo cultural mais polivalente, em que a sala do anfiteatro passou a ter ligação directa ao átrio do museu.

Esta nova configuração foi pensada para que convertesse o edifício num centro de actividades culturais mais diversificadas, construindo uma ideia de Museu aberto, mais integrado na comunidade.

O átrio, foi desenvolvido como um espaço fluido de ligação de acessos e visitas. O seu espaço foi dilatado na vertical, com a criação de um vazado aberto às clarabóias superiores, dando-lhe uma

escala mais consentânea com a importância do programa. Sob este, situou-se o balcão da recepção, de onde se poderia ver claramente todos os pontos de circulação normal do Museu, permitindo um controle de segurança eficaz de todo o novo conjunto construído.

É de referir que o Museu foi pensado por forma a adaptar-se a várias soluções de percursos expositivos.

#### 4.1. VISITA AO MUSEU

Foram estudadas duas formas de visita completa ao Museu, ambas com início no átrio e passagem pelas exposições temporárias. Uma teria início com a subida da rampa de acesso ao piso 1, visita global ao piso superior, descida pelas escadas e visita global ao piso 0.

Na outra o visitante percorreria todo o piso inferior e só depois passaria pelo piso superior, subindo as escadas existentes.

#### 4.2. IMPLANTAÇÃO GERAL DE FUNÇÕES POR PISO

Piso -1 - Casas de máquinas do elevador e lago.

Piso 0 - Átrio/controle com ligação por rampa e elevador ao piso 1 e de nível aos restantes blocos.

Corpo do Auditório com sala de reuniões, acesso à régie, auditório e camarins.

Corpo Administrativo 15 para visitantes, loja, cafetaria, serviços administrativos, e acesso vertical ao piso 1.

Corpo de Exposições Permanentes com sala da faina, sala da ria, oficina, escola e depósito com comunicação ao piso 1.

Corpo de Exposições Temporárias

Piso 1 - Corpo Administrativo com sala da Fundação St<sup>o</sup> M<sup>a</sup> Manuela, gabinete dos "Amigos do Museu Marítimo de Ilhavo", biblioteca e arquivo.

Corpo de Exposições Permanentes com espaços de utilização múltipla e sala de depósito de reservas.

Cobertura - Zona Técnica para implantação de equipamento mecânico. Concentrar-se-á sobretudo no novo corpo longilíneo que fará ligação entre o edifício existente e os novos corpos.

#### 4.3. ACESSOS

##### 4.3.1. Entradas/ Objectos/ Serviços

A entrada principal encontra-se no Alçado nascente. No entanto, por questões de funcionalidade inerentes ao próprio Museu, tal como entrada e saída de objectos com escalas consideráveis, existiu a preocupação de preparar o edifício para esse tipo de necessidades.

#### 5. RECUPERAÇÃO/EXTENSÃO

##### 5.1. SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS

As soluções construtivas preconizadas para o edifício existente, resumiram-se a três factores essenciais:

- 1.- Qualidade construtiva;
- 2.- Facilidade de construção;
- 3.- Custo

Exterior: revestimento de paredes com rebocos acabados a pinturas e ainda com revestimentos parciais de paramentos em pedra de ardósia.

Interior: manteve-se o acabamento do edifício, isto é, o estuque pintado. Ao nível dos pavimentos, o

acabamento escolhido foi ardósia amaciada nos espaços de circulação, mosaico hidráulico em zonas técnicas e madeira em gabinetes.

Ao nível de caixilharias foi escolhido o aço para a sua construção. Nas fachadas expostas ao sol de nascente ou poente, foram utilizadas lâminas ou palas de obscurecimento.

## 5.2. ADEQUAÇÃO AS NECESSIDADES MUSEOLÓGICAS:

A introdução de luz natural nos espaços fez-se preferencialmente por via zenital, indirecta e sempre com um sistema adicional de obscurecimento total ou parcial que permita a montagem de exposições com requisitos de luz distintos, sob a forma de rolos de tela.

Quanto à sua natureza, foi pensada uma modulação estrutural do espaço expositivo para permitir uma grande flexibilidade de montagem de diferentes cenografias. A sobriedade do espaço interior permitirá a sua apropriação de formas distintas, possibilitando uma contínua renovação das exposições, e consequentemente, da sua relação para com os seus visitantes.





Concurso Público Internacional, no âmbito da E.U. para  
Elaboração do Projecto Chancelaria e Residência da  
Futura Embaixada de Portugal em Berlim, 1998

### 1. INTRODUÇÃO

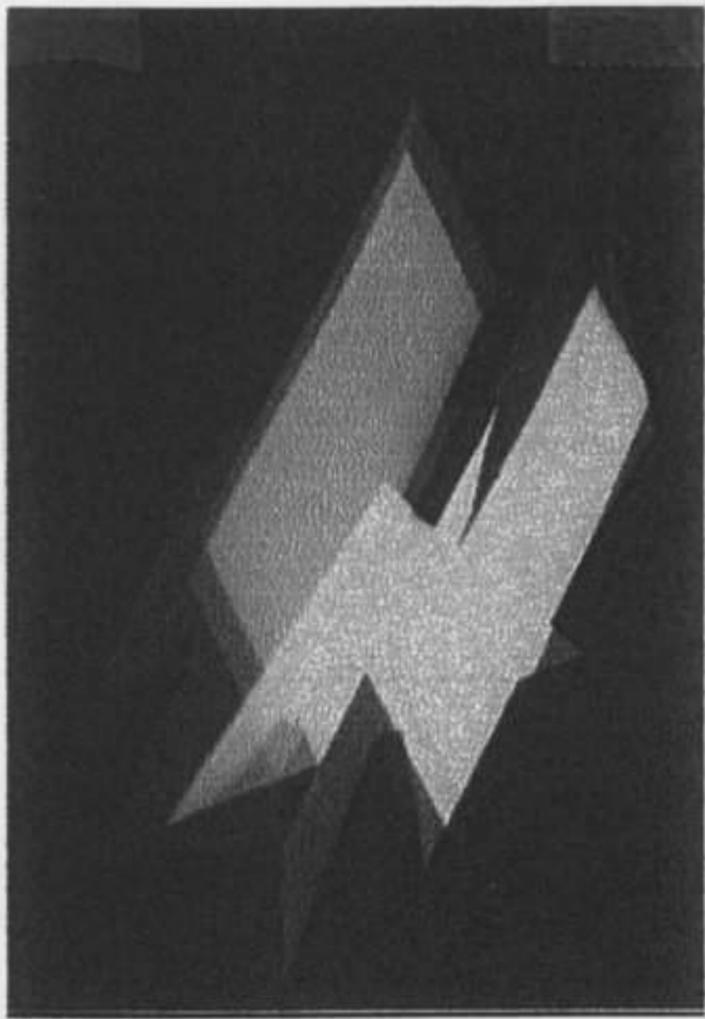
Embora, a seu respeito, muitos jurts de ar-  
quitetura tenham sido realizados, não se  
deu ao País uma arquitectura

de grande nível. Entretanto, a grande re-  
volução que se está a realizar neste país

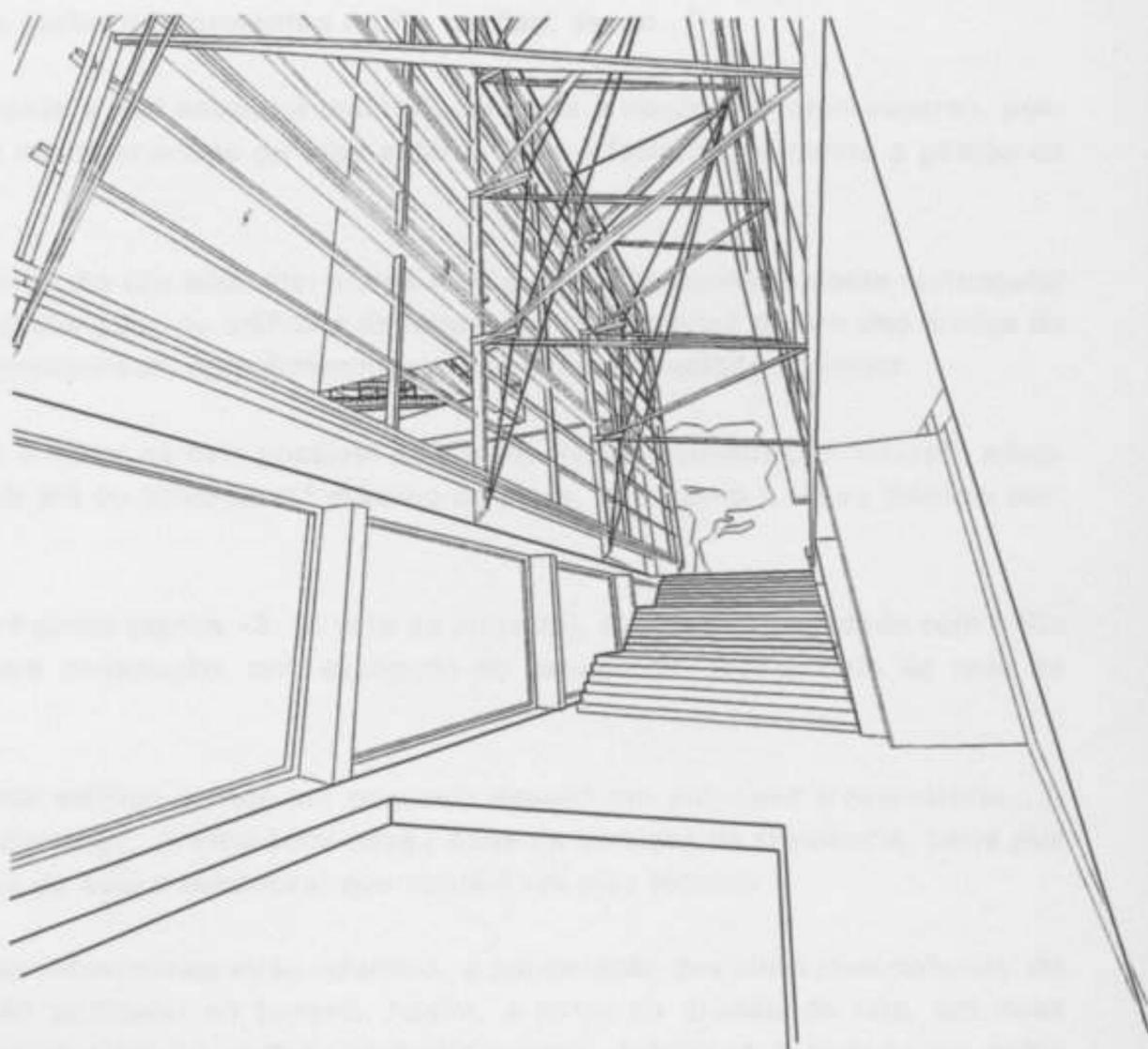
### 2. CONDIÇÕES GERAIS

"Condição" que tem de ser dada ao projecto

A razão de ser do "concurso" é a grande im-  
portância que se dá ao País através da ar-  
quitetura, sendo a mesma a chave para



Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim  
Concurso Público Internacional, 1998



## Concurso Público Internacional, no Âmbito da E.U. para Elaboração do Projecto Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim, 1998

### 1. INTRODUÇÃO

Embaixada, é por definição, "missão junto de um governo estrangeiro".

Embaixador residente em solo estrangeiro, constitui-se como que um representante do governo do País junto de outro governo.

Da mesma forma, Embaixada é parcela de um país dentro de outro país. Assim, assume também ela um papel particular nessa tarefa de representação. Valor, símbolo, carácter ou espírito.

### 2. CONCEITOS GERAIS

**"Compacto** - que tem as suas partes componentes muito unidas; **denso**..."

A noção de corpo "compacto", é aquela que melhor traduz a estratégia seguida de desenho dos dois edifícios. Se por um lado contém implícita a ideia de unidade, robustez e eventualmente dignidade, contém intrínseca também densidade.

Interessou-nos particularmente esta ideia de densidade. Não no sentido físico, ainda que a possua, mas sim na riqueza e diversidade de leituras que permite.

### 3. DEFINIÇÃO DE VOLUMETRIA

**"Compacto** - que tem as suas partes componentes muito unidas; denso..."

Um corpo compacto, dada a sua estrutura unitária, contrária à noção de corpo esparso, possibilita a preservação de uma maior extensão de área exterior livre e facilita igualmente a gestão da sua segurança.

O terreno para a implantação dos edifícios, era de configuração aproximadamente rectangular com 50mx55m. Dentro deste rectângulo, os edifícios deveriam ser implantados dentro dos limites de um rectângulo de 46mx50m, posicionado, aproximadamente no centro do rectângulo maior.

Por forma a preservar a maior parcela possível de terreno livre de construção "visível", adoptou-se a estratégia de construir até ao limite do n.º máximo de pisos, bem como a altura máxima permitida naquele lote.

Considerou-se o nível freático (aprox. -3,15 cota de projecto), devido à proximidade com o Rio Spree, como limite inferior para construção, com excepção do espaço de "reservatório da rede de incêndios e bombagem".

Assim, o projecto deste edifício possui um pequeno espaço em sub-cave (reservatório,...), uma cave efectiva (garagem, consular,...), uma semi-cave (zona de serviços da residência, parte dos quartos,...), quatro pisos acima do solo e cobertura, que contém um piso técnico.

Tal como os parâmetros urbanísticos atrás referidos, a ponderação das condições naturais do sítio indicaram uma disposição particular no terreno. Assim, a partir da divisão do lote, em duas metades, segundo um eixo longitudinal no sentido nascente-poente, definiu-se a metade sul como domínio da Residência e a metade norte como domínio da Chancelaria.

Seguidamente, traçou-se uma perpendicular ao eixo atrás referido, e obteve-se um conjunto de quatro quadrantes. Seguindo este traçado, implantou-se o edifício da Chancelaria dentro dos dois quadrantes a norte. O edifício da Residência ocupa o quadrante sudoeste deixando livre, como zona ajardinada, o quadrante sudoeste.

Desta forma, o edifício da Chancelaria acompanha a rua de acesso pedonal em frente ao lote da Fundação Friedrich-Ebert, orientando os planos envidraçados para sul, podendo ser facilmente acessível tanto pela Hiroshimastrasse, como pela Hildebrandstrasse.

A Residência, que ocupa o lado sul, orienta a sua fachada para Hiroshimastrasse, a partir da qual é acessível por atravessamento do jardim, e da Hildebrandstrasse de forma directa. Assim poderia usufruir da exposição solar de nascente e poente.

Metodologicamente, o lote foi abordado como um volume (respectivo à construção permitida) atravessado por dois planos (percursos) que o cortam, formando uma composição em quatro quadrantes. O lado norte é ocupado pela Chancelaria. A sul os quadrantes são ocupados pela Residência, de frente para o jardim, quadrante "negativo", o "não construído".

### 4. PARTIDO ARQUITECTÓNICO. AMBIENTES

No sítio, encontrava-se uma densa arborização que ao longo dos anos, foi ultrapassando os limites do próprio lote. Pela sua extensão programática, o edifício a implantar corria o risco de tudo apagar, devastando em simultâneo uma porção de património natural/histórico daquele que volta a ser o "quartirão diplomático", na franja do esplêndido Tiergarten.

Houve a intenção de fazer com que o edifício contrariasse a sua vontade de se estender. Deixou-se que a vegetação e eventuais resíduos de construção anterior pudessem, ainda, habitar o

lote. As coberturas podem ser lidas como extrusões do terreno, ou meramente como "registos" desse mapa natural.

Orientou-se a Chancelaria para sul, procurando um sol que em Berlim é quase sempre escasso. Virou-se a sua entrada para a tranquilidade da rua pedonal a norte.

Os grandes planos da fachada cortina foram protegidos a norte da intempérie e também do devassamento visual. A fachada "cresce" pela justaposição de lâminas de pedra serrada. Estas fachadas procuram, na sua composição, uma escala de duplo piso que teve como base a transmissão de uma ideia de maior dignidade. A sul, essas cortinas abrem-se generosamente. O plano de lâminas é destacado 5 m. Por um lado, delimita e defende a privacidade do terreno da habitação, por outro permite a entrada de luz na Chancelaria.

Os interiores são de compartimentação simples e os eventos arquitectónicos de maior significação aconteceram nos átrios e circulações.

A relação visual com o jardim construído é directa.

No piso -1, perde-se a ideia de cave. Procurou-se ganhar com o facto da construção existir rebaixada no terreno. Protegida, iluminada através de pátios/jardim, a uma cota inferior.

A Residência procurou a sua autonomia, sempre difícil pela escassez de terreno.

O plano de "quebra-luz", a sul da chancelaria é o limite do jardim. Este ocupa o quadrante sudoeste, espaço amplo, onde os eventos acontecem estendendo-se a partir dos salões interiores.

O átrio surge baixo, depois alto, articulado, denso..., liga as partes, sempre iluminado a partir do jardim.

A habitação comportou uma zona familiar e outra para receber convidados, de modo a que a privacidade da família pudesse ser mantida.

No topo, os espaços de estar desenvolvem-se em torno de um pátio/terraço ajardinado.

## 5. ESTRUTURA FUNCIONAL

### 5.1. CHANCELARIA

#### 5.1.1. Introdução

O edifício da Chancelaria é totalmente autónomo da Residência.

Na verdade, só partilham o espaço de garagem e respectivo acesso, centrais de produção de energia e reservatório de incêndios. Em todo o restante são independentes.

A sua estrutura espacial distribui-se ao longo de duas caves (-2 e -1), piso térreo (0), três pisos acima do solo (1, 2 e 3) e piso de cobertura (4).

#### 5.1.2. Descrição dos pisos

##### Piso -2

Neste piso de pequenas dimensões (56m<sup>2</sup>) localizam-se depósitos e bombas da rede de incêndios e esgotos. Este equipamento é partilhado com a Residência.

##### Piso -1

Estacionamento para 31 viaturas, acesso de carga às colunas de comunicação vertical, tanto para a cozinha como para a zona de escritórios, posto de transformação e grupo gerados de energia

eléctrica em casos de emergência (partilhada com a Residência).

Área de arquivo central - arquivo, gabinete, sanitários e economato.

Área consular pública - sala de espera, sanitários, duas salas de atendimento e secretariado.

Área consular vedada ao público - arquivo, sanitários, sala de reuniões e escritórios.

#### Piso 0

Átrio com antecâmara, controle de acessos, recepção e escada principal de acesso aos pisos superiores.

Átrio de transição para áreas de serviço, áreas de serviço com cozinha, cafetaria, sanitários, vestiários e armazéns.

Átrio de transição para comunicações verticais.

#### Piso 1

Serviços de tradução, ensino e outros.

Compreende todos os compartimentos listados no programa. O acesso à sala de cifra, por razões de segurança, é condicionado com antecâmara dissimulada construída em betão.

Constituiu-se um núcleo de equipamentos que se repetiu nos pisos superiores e que inclui: sala de quadros eléctricos e ups, elevadores, sanitários e arrumos.

Todos os compartimentos possuem luz natural, sendo de maior dimensão as superfícies de vidro orientadas a sul. Considerou-se uma compartimentação modular que, associada à natureza das fenestraçãoes (cortinas de vidro triplo) possibilitou uma grande flexibilidade espacial que poderá tornar fáceis as alterações eventuais na compartimentação. Este critério estendeu-se aos pisos superiores.

#### Piso 2

Serviços sociais, jurídicos, administração e apoio à área diplomática.

#### Piso 3

Área diplomática e zona do apoio à mesma.

#### Piso Técnico (cobertura)

Central térmica para águas de consumo e aquecimento. Por se tratar de equipamento alimentado a gás não pode ser localizado na cave.

### 5.2. RESIDÊNCIA

#### 5.2.1. Introdução

A sua estrutura espacial distribui-se ao longo de uma cave (piso -1), semi-cave (piso 0), piso térreo (piso 0), três pisos acima do solo (1,2 e3) e piso técnico na cobertura.

#### 5.2.2. Descrição dos pisos

##### Piso -1

Estacionamento de seis viaturas e acesso de viaturas de descarga para a cozinha.

##### Piso 0

Zona pública - cabine de segurança no exterior, átrio (parcialmente de pé-direito duplo), sala de visitas, bengaleiro e segurança.

Zona restrita - serviços: quartos duplos, apartamentos, balneários/vestiários, sala de refeições do pessoal, armazéns, garrafeira, copas, engomados e rouparia, lavagem e secagem de roupa.

#### Piso 1

Átrio (que se articula directamente com o do piso inferior), salas de banquete, salões de recepções, sanitários e coluna de serviços com copa de apoio.

Os espaços de recepções e banquetes foram concebidos por forma a possibilitar a sua conversão em espaços contínuos, garantindo um desfogo espacial mutável em função do n.º de convidados. Os mesmos possuem uma relação franca com os espaços exteriores ajardinados, pelos quais se poderiam estender os eventos em dias de bom tempo.

#### Piso 2

Residência de convidados. Todos os quartos, possuem luz natural de nascente.

Hall do piso, hall de transição para a Residência do Embaixador e coluna de serviços.

Zona de quartos da família do Embaixador.

#### Piso 3

Zona social e de estar da habitação da família do embaixador - sala de estar; sala de refeições e copa; biblioteca e gabinete de trabalho; sala de jogos.

## 6. ACESSOS E CIRCULAÇÕES

### 6.1. CHANCELARIA

Resultante da própria estratégia de implantação da volumetria construída, os acessos a este edifício surgiram fáceis. Como uma "ponte", os seus extremos abeiram-se das duas ruas existentes - Hiroshimastrasse e Hildebrandstrasse - e, ao fazê-lo, acompanham a rua pedonal projectada a norte, facilitando a acessibilidade e a hierarquização de acessos (serviços/principais, pedonais/viaturas).

No extremo nascente toca o edifício da Residência. A passagem de um edifício para o outro só acontecerá em dois pisos (-1 e 0) por razões de segurança.

#### 6.1.1. Público

O público só tem um acesso ao edifício que se faz pela Hiroshimastrasse. Entra no átrio principal do piso 0, e aí aguarda. Só em casos de necessidade específica teria acesso, de forma controlada, aos serviços consulares no piso -1 ou aos serviços de apoio social no piso 2. Em ambos os casos os espaços de atendimento encontram-se imediatamente junto das escadas e elevadores de acesso.

Os funcionários, que não utilizam automóvel, entram no edifício pela mesma porta. Existe ainda a possibilidade dos funcionários da cafetaria/cozinha, poderem entrar pelo acesso de serviços a nascente (Hildebrandstrasse) comum com o da Residência.

O acesso aos pisos é feito por uma única coluna de escadas/elevador cujo acesso seria controlado pela segurança no átrio.

Ao longo dos pisos, a circulação processa-se, de forma simples por galerias lineares.

#### 6.1.2. Viaturas

As viaturas, tanto para descargas como dos funcionários, chegam ao edifício vindos da Hildebrandstrasse.

Como as descargas são interditas à superfície as mesmas seriam feitas na cave e servidas por duas colunas de comunicação vertical.

## 6.2. RESIDÊNCIA

Este edifício também se relaciona com as duas ruas existentes - Hiroshimastrasse e Hildebrandstrasse. Com a primeira através do jardim, como uma moradia e com a segunda através de uma tipologia mais urbana, do edifício que acompanha a rua.

A partir de Hildebrandstrasse fazem-se os acessos de serviços e viaturas. Através da Hiroshimastrasse faz-se o acesso de cerimónia ou principal.

### 6.2.1. Público

A entrada do público faz-se pelo acesso nobre, da Hiroshimastrasse, através do jardim, após passagem pelo controle junto ao limite do lote. Em dias de recepções e banquetes poderá seguir pela escada principal para o piso 1 onde se localizam os salões.

Os funcionários entram pelo lado contrário, directamente pela zona de Residência.

A família do Embaixador pode entrar por qualquer das entradas.

A cozinha, bem como as restantes áreas de serviço estão ligadas aos pisos superiores por escadas e elevador de serviço.

### 6.2.2. Viaturas

As viaturas, tanto para descarga como dos funcionários ou da família, chegam ao edifício vindos da Hildebrandstrasse.

As descargas são interditas à superfície, por isso foi pensada uma coluna de comunicações verticais para poderem ser feitas na cave.

## 7. ACABAMENTOS

Os critérios de escolha de materiais de acabamento do edifício procuraram interpretar questões de natureza diferente, nomeadamente, necessidade de conferir dignidade a edifícios que são de representação do país, resistência e ganhos qualitativos com o envelhecimento ( ex.: cobre), beleza intrínseca e adensamento da estrutura do mecanismo conceptual dos edifícios.

Trata-se de uma "paleta" que se baseou nos seguintes materiais tipo:

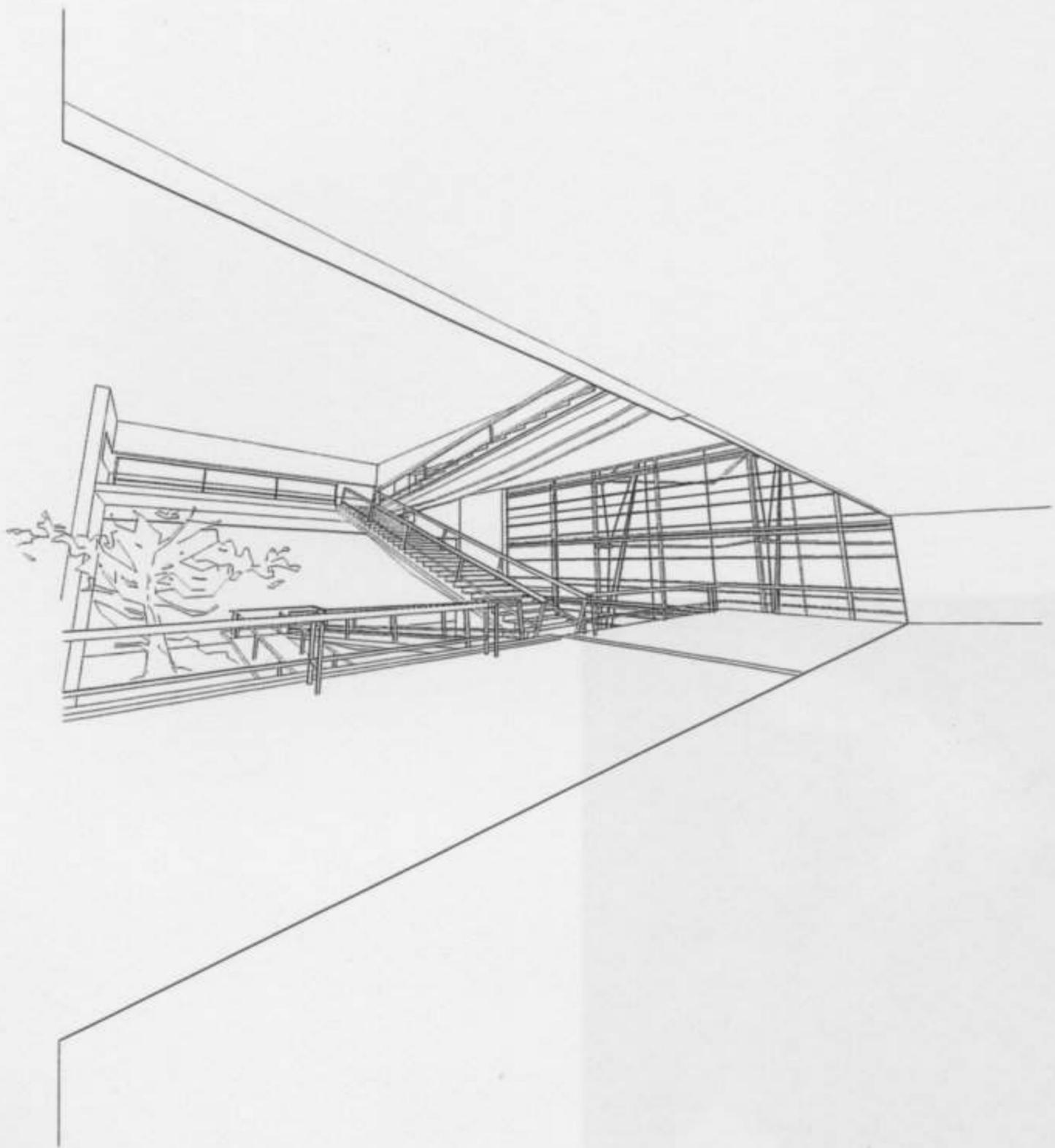
1.Fachadas - forros de pedra serrada e brunida. Lâminas de pedra serrada em primeiro plano, sobre planos de vidro triplo com dupla caixa de ar, de grandes dimensões (tipo fachada cortina). Caixilharia em aço inox escovado.

2.Coberturas - rufos e clarabóias em chapa de cobre nervurada. Coberturas planas ajardinadas sob a forma de jardins suspensos.

3.Interiores Chancelaria - pavimentos (mesmo os falsos) em contraplacado de alta densidade de madeira de carvalho e pedra brunida ou bujardada a pico fino. Tectos em gesso cartonado pintado e contraplacado de madeira envernizada com verniz ignífugo. Paredes estucadas e pintadas.

4.Protecção de vãos na Chancelaria - rolos de tela micro perfurada.

5.Interiores da Residência - pavimentos em madeiras diversas e pedra brunida ou bujardada a pico fino. Tectos em gesso cartonado pintado e contraplacado de madeira envernizada com verniz ignífugo. Paredes nas zonas de recepção em estuque e madeiras diversas. Paredes nas zonas de habitação em estuque pintado.



Casa Rosa, S. Pedro do Estoril  
Projeto de Execução, 1994



## Casa Rosa - S. Pedro do Estoril

### 1. Introdução

1.1. Contexto - Casa Rosa, S. Pedro do Estoril

### 2. Descrição

2.1. Localização - S. Pedro do Estoril

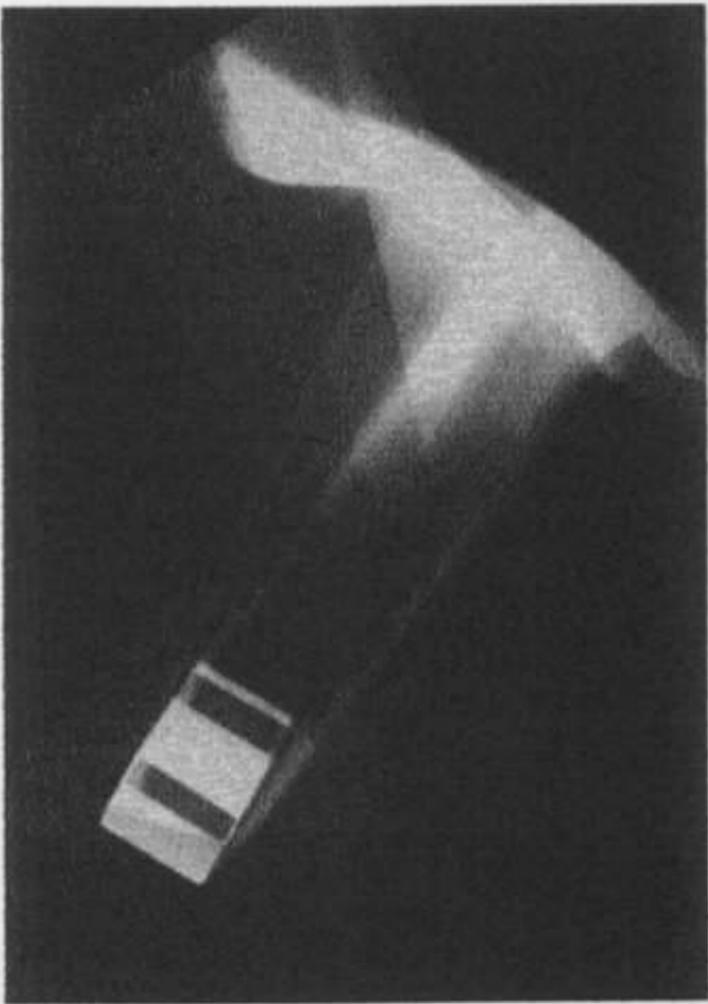
2.2. Características - Casa Rosa

2.3. Área - 1.200 m<sup>2</sup>

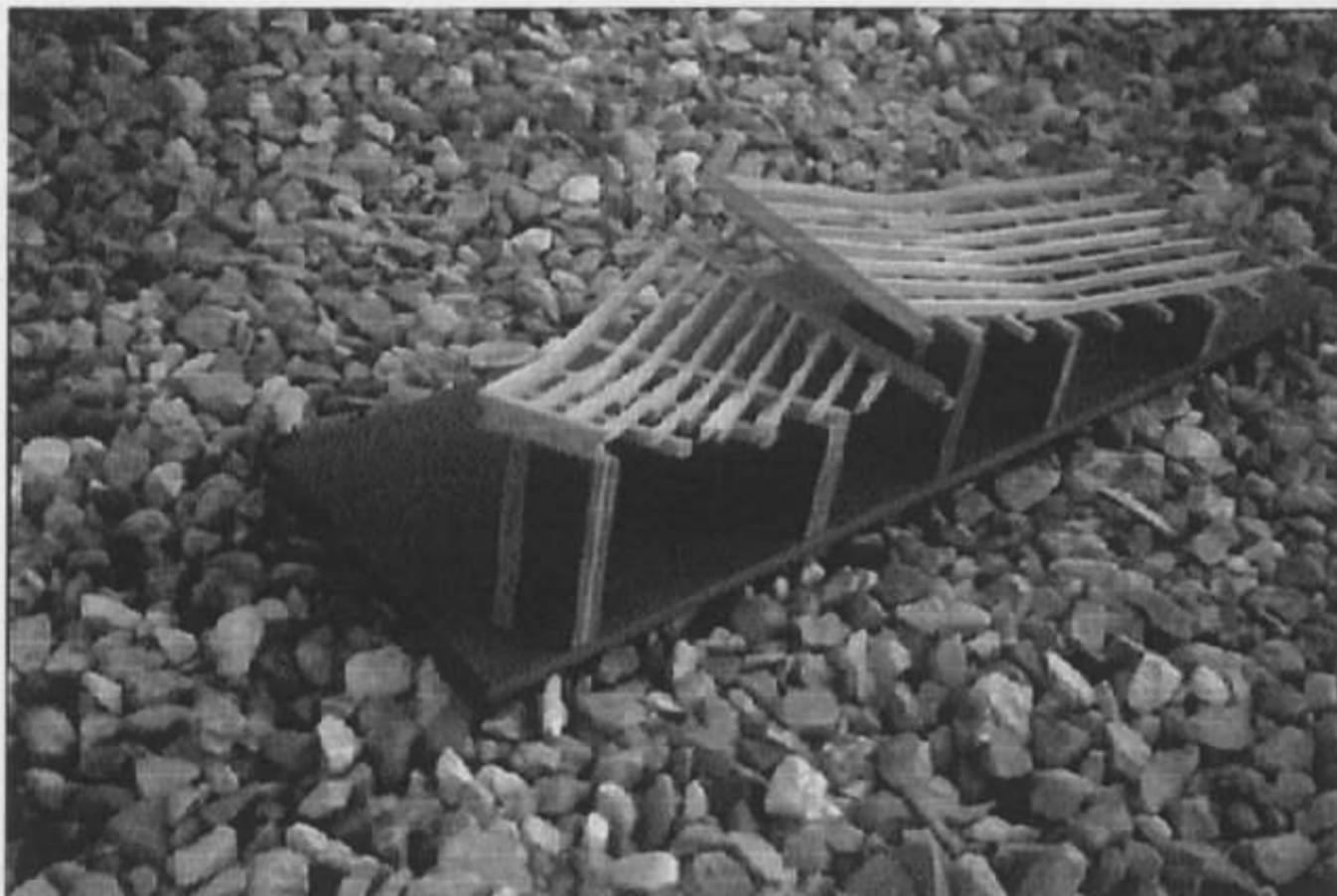
2.4. Construção - 1998

2.5. Materiais - Cimento, tijolo, madeira

2.6. Estado - Em execução



Casa Rosa, S. Pedro do Estoril  
Projecto de Execução, 1998



## **Casa Rosa - S. Pedro do Estoril**

### **1. PROGRAMA**

O trabalho que se apresenta é referente ao projecto de execução de uma Moradia Unifamiliar em S. Pedro do Estoril.

### **2. SÍTIO**

Este lote localiza-se em S. Pedro do Estoril, Freguesia da Parede, num conjunto denominado "Jardins da Parede".

O lote 10 dos "Jardins da Parede" tem as seguintes confrontações:

- |            |                        |
|------------|------------------------|
| 1-Norte    | - Lote n.º 9;          |
| 2-Sul      | - Lote n.º 22;         |
| 3-Nascente | - Lote n.º 11;         |
| 4-Poente   | - Terrenos camarários. |

O terreno, à cota elevada debruça-se em declive acentuado, sobre o mar, proporcionando uma ampla visibilidade sobre a costa do Estoril até Cascais.

### 3. BREVE DESCRIÇÃO FUNCIONAL

Esta Moradia Unifamiliar, desenvolve-se em três níveis, os quais foram projectados para que viessem a acomodar o seguinte programa funcional:

#### Piso Térreo

Esta moradia está inserida num lote com declive bastante acentuado. O seu acesso é feito pela parte superior do lote, lado Norte, o que possibilita tanto a acessibilidade pedonal como de viaturas. É neste nível, servido por uma praceta, que se encontra a garagem.

O piso térreo é constituído pelas salas, de estar e jantar, viradas a Sul e cozinhas e apoios a Norte. No exterior, uma área ajardinada e uma zona de churrasco desenham a envolvente da moradia. Ainda no exterior têm-se acessibilidade aos dois pisos de cave, por duas escadas de pedra.



A cobertura foi o elemento gerador, acompanha e envolve toda a moradia criando zonas de telheiro, servindo de resguardo a toda a envolvente. A solução a que se chegou foi a construção total da sua estrutura em madeira o que obrigou, pelo desenho da mesma, a um grande esforço de pormenorização e engenharia.

Na cobertura existe um solário com acesso por escada interior.

#### Cave -1

Este nível é constituído por toda a zona privada da moradia: suite, quartos, apoios e um pátio vazado. Os quartos encontram-se virados a Sul, usufruindo de toda a vista de orla marítima.

#### Cave -2

Neste piso existe a zona de lazer da moradia: um salão de jogos e zonas de apoio. No exterior a piscina completa a envolvente da moradia, servida por um vasto pátio pavimentado.

### 4. METODOLOGIA

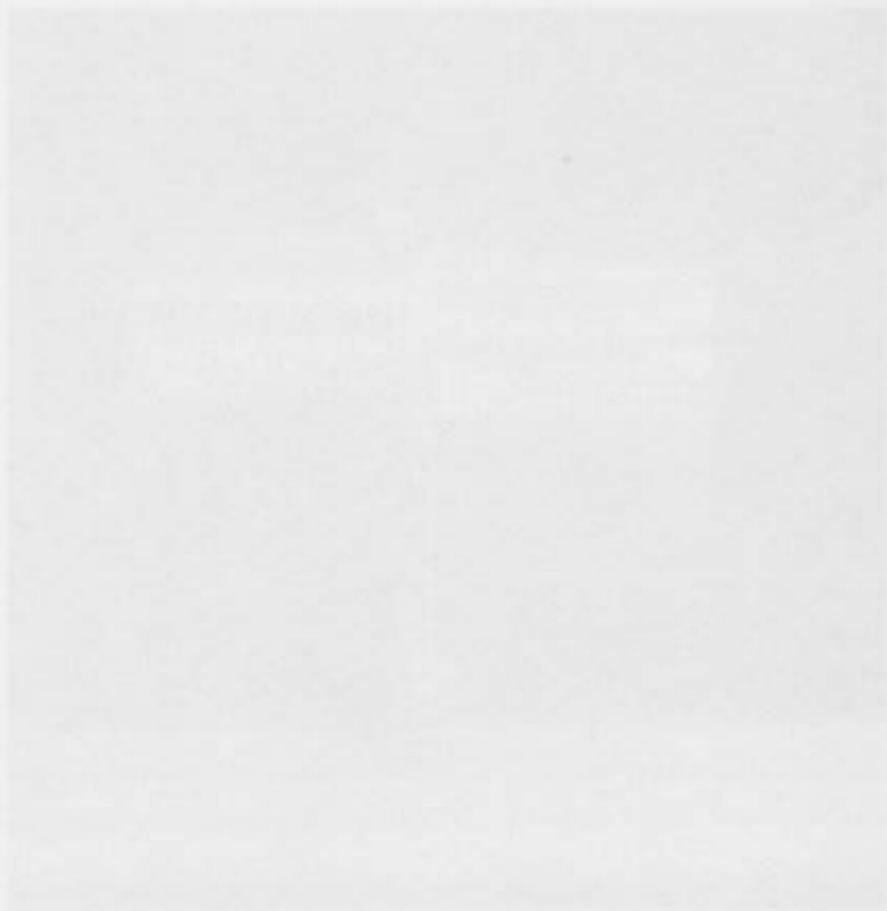
Aqui as pré-existências foram o ponto de partida para que a arquitectura reagisse com o sítio e o transformasse num lugar que se pretendia constituinte de uma memória urbana.

Destas, saíram os condicionantes para a introdução de novas variáveis: novos valores; aquilo que se pretendia resolver no sítio ; a "invenção" do novo lugar.

A resolução dos conflitos e o estabelecer de relações fêz com que parecessem soluções de carácter provocatório. Provocação vital ao espaço urbano.

Mais do que ânimo de simplificar, a estratégia conceptual visou ter a capacidade de absorver e assimilar as tensões com o tecido, com as construções., dando novas interpretações de vida ao espaço urbano.

A moradia pretendeu ser uma peça criadora de vida organizadora do espaço exterior, fazendo com que o seu pequeno mundo arquitectónico desenvolva relações com o todo: paisagem, cidade e orla marítima constituindo-se como um facto cultural.



## Restaurante / Museu Flutuante

### 1. PROGRAMA

O edifício tem de incorporar, além do espaço para o restaurante e para o museu, um espaço para a exposição de arte de rua - Galeria Nova.

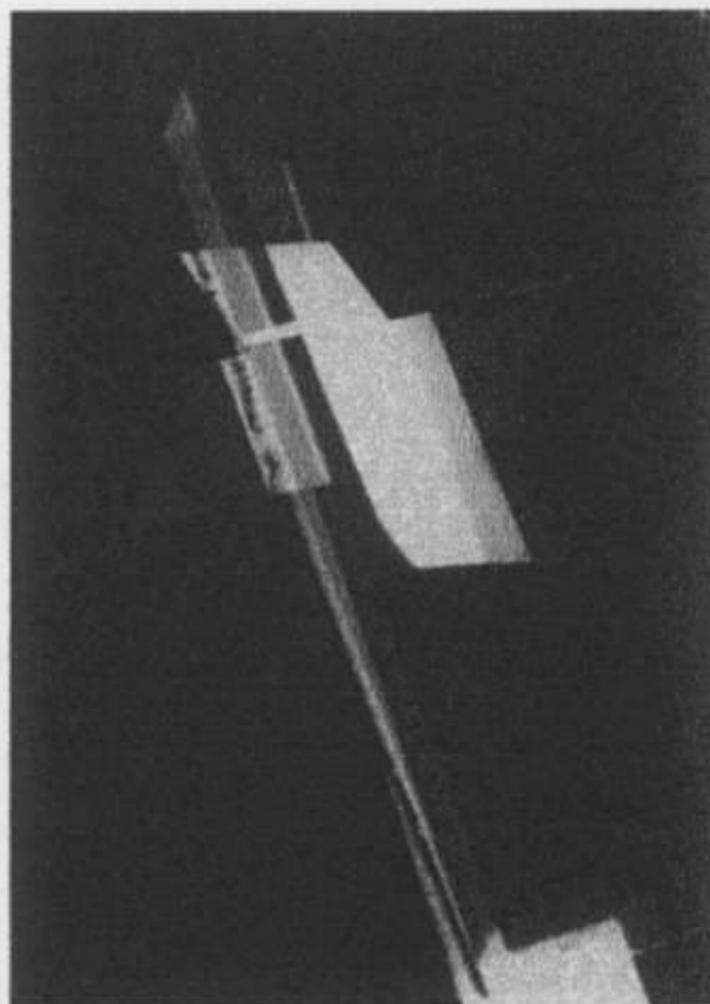
2. Trata-se de um edifício flutuante, que se encontra ancorado ao rio de Lisboa, próximo da zona da Ribeira das Naus, e que será construído em madeira.

3. O edifício terá um volume que se integra com o rio e com a cidade, e que será construído em madeira.

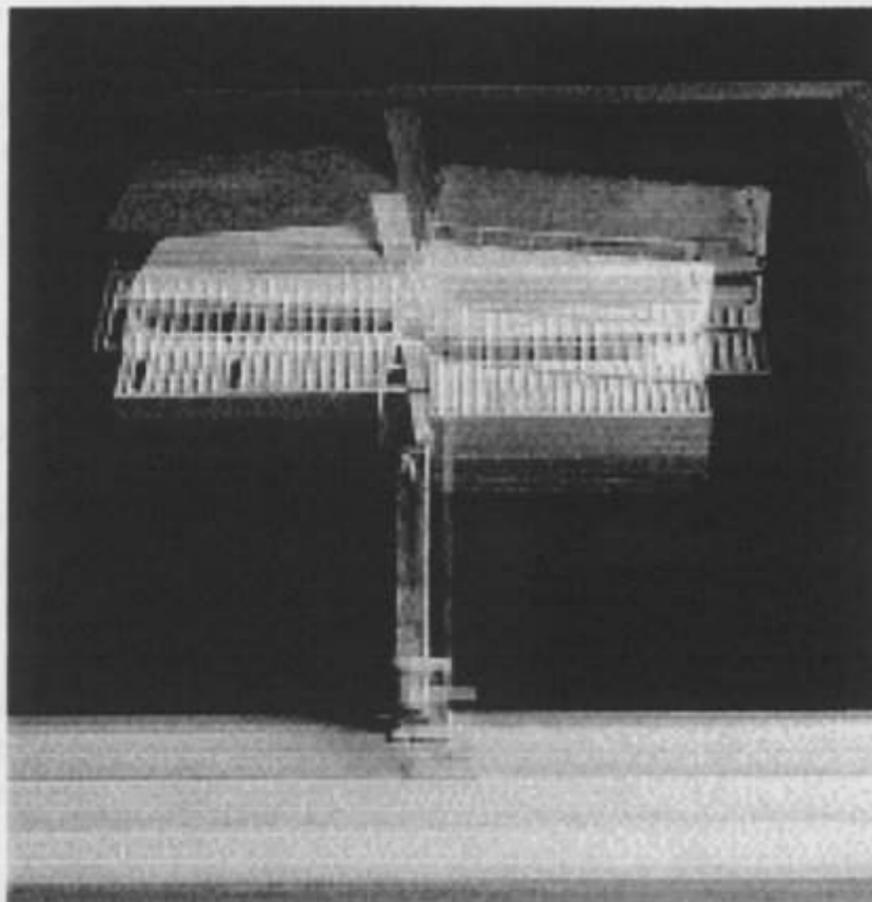
### 2. PLANO

O edifício terá um volume que se integra com o rio e com a cidade, e que será construído em madeira.

O edifício terá um volume que se integra com o rio e com a cidade, e que será construído em madeira.



Restaurante / Museu Flutuante, Ílhavo  
Estudo Prévio de Viabilidade, 1998



## Restaurante / Museu Flutuante

### 1. PROGRAMA

O trabalho que se apresenta, refere-se ao estudo prévio de viabilidade para:

- 1- Um equipamento hoteleiro de elevada qualidade, com funções de lazer e cultura, de carácter flutuante, a implantar na ria de Aveiro - Costa Nova.
- 2- Trata-se de um restaurante flutuante, que irá permanecer num ponto fixo da margem. Este será dotado de uma base flutuante tipo "batelão", o qual poderá no entanto ser rebocado para outros pontos de fixação.
- 3- Pretendeu-se, com este trabalho, que fosse uma referência de ocupação temporária em zonas privilegiadas para espaços de lazer e cultura sem alterações que se revelem prejudiciais a nível ambiental.

### 2. SITIO

O Restaurante irá situar-se na margem da Ria, na Costa Nova, na Avenida José Estevão.

Conhecida sobretudo pelos seus característicos palheiros, a Costa Nova tem sofrido, nos últimos dez anos, um processo de uma certa degradação que se tem manifestado a diversos níveis:

- Proliferação de construção em alvenaria, contrária à tradição que apontava sobretudo para construções de carácter mais efémero, em madeira.

- Uma boa parte dessas construções em alvenaria, ao procurar "integrar-se" no contexto, repetiu, com um grau de deformação considerável, detalhes dos velhos palheiros (as famosas riscas), mas porque retirados do universo da construção em madeira resultam em caricaturas tristes, e para um observador menos atento, quase banalizadora dos próprios palheiros.

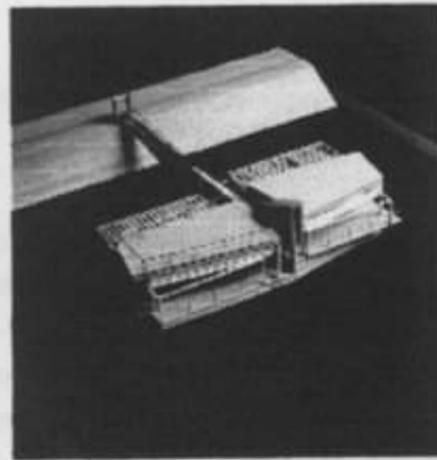
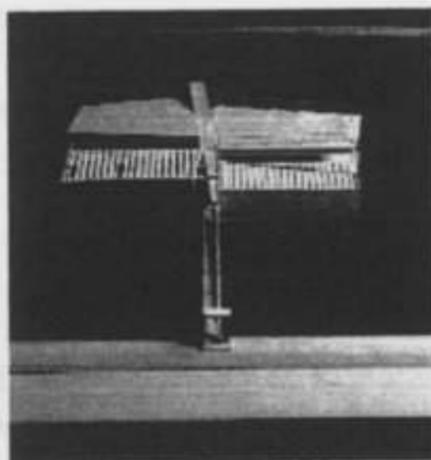
- Apesar de a Costa Nova ser uma povoação cuja cultura está intimamente ligada à Ria assiste-se, no entanto, a um desinteresse total em levar por diante iniciativas que reforcem e avivem esta relação.

- Proliferação de habitação própria, sobretudo para fins de semana e férias, observando-se longos períodos de desertificação da população.

- Inexistência de equipamentos culturais, de restauração ou hotelaria que apoiem esse tipo de habitação e possam atrair visitantes por forma a contrariar desertificação sazonal.

Assim, a natureza do empreendimento e o local escolhido tomou em consideração os factores atrás listados bem como alguns aspectos específicos que no seu conjunto demonstravam a adequabilidade da implantação, nomeadamente:

1. Profundidade do leito da Ria adequado para o efeito;
2. Existência de redes públicas de água, esgotos e electricidade;
3. Existência de estacionamento automóvel.



### 3. NATUREZA DA PROPOSTA

O modelo apresentado, que já vem sendo frequente em diversas cidades europeias, americanas e até mesmo em Lisboa, consiste num restaurante/museu.

Como local de lazer, foi pensado para que durante a noite pudesse ser convertido em bar, mantendo uma actividade dinamizadora entre o lazer e a cultura.

Pretendeu-se assim que este espaço fosse considerado como espaço cultural. As suas salas poderiam ser utilizadas para exposições artísticas como a pintura, a escultura, musica e a qualquer outras actividades de indole cultural e intelectual ligadas à vida da Ria.

Pensou-se num local que pelas suas características pudesse promover as artes, gastronomia, enfim a cultura local, num ambiente próprio e em contacto com a Ria.

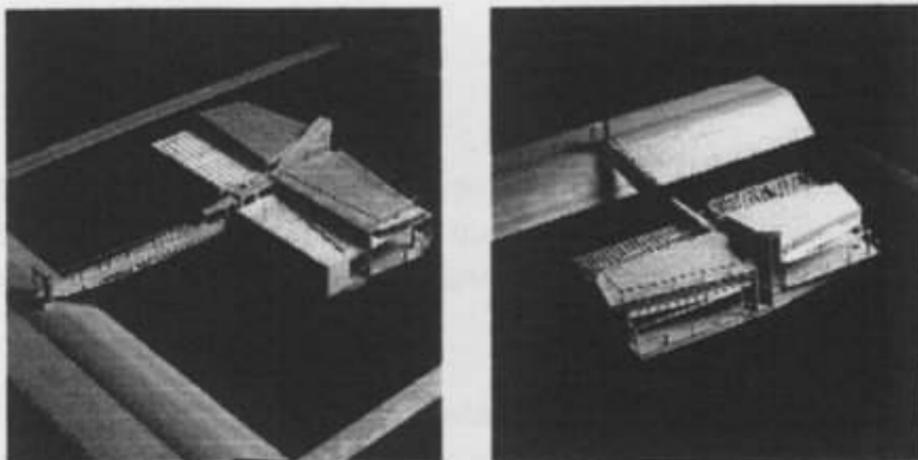
Como objecto, foi pensado com a consciência de que se trata de algo sobreposto a uma paisagem de grande delicadeza ambiental. Assim, assumiu-se um carácter efémero e "frágil", procurando reter dos palheiros a delicadeza da sua construção, no entanto, em virtude de vir a ocupar o meio aquático, naturalmente incorpora alguns aspectos próprios das construções navais.

A transparência foi um dos conceitos base deste projecto, foi uma característica que permitiu reduzir o impacto do objecto no seu contexto e, simultaneamente, proporcionar o amplo usufruto da

paisagem para quem no seu interior se encontre.

Para a construção desta forma, partiu-se de uma análise do carácter oscilatório de um objecto poisado na água.

Em função das marés, que originam simultaneamente uma deslocação do corpo no sentido vertical e também, num sentido paralelo à margem, o restaurante ocupará assim, posições muito diversas.



No entanto, assume também um comportamento pendular visto que estará fixado à margem por uma linha (passadiço).

Da investigação destas noções resultou assim, um objecto que ocupa uma posição variável no espaço, como que incerta, formado por parcelas que ocupam momentos diferentes dessas oscilações de maré, registando esse carácter dinâmico.

Chegou-se a um resultado caracterizado por um conjunto de formas/espacos que se posicionam a cotas diferentes relativamente à água e fatalmente à margem.

No corpo mais saliente, a cêrcea varia entre 1,30m e 4,40m acima do passeio em função da oscilação das marés, sendo que no corpo mais baixo varia entre 0,00m e 3,10m.

Do lado da margem, a forma construiu-se mais baixa e opaca, encerrando espaços de serviço onde se admite um pé-direito mais baixo. Do lado da Ria, virados sobre a paisagem, uma grande transparência possibilitará o usufruto da beleza envolvente e reduzirá naturalmente o impacto provocado por este corpo estranho à Ria.

As varandas estendem-se suspensas sobre a água, procurando transmitir uma ideia de leveza que se sublinha durante a noite por intermédio de luzes que na parte inferior das mesmas iluminarão a água. O restaurante flutua na água iluminada.

Estes princípios que demonstram preocupação ambiental relativamente ao impacto da forma, revelaram-se igualmente na questão da eliminação de resíduos, onde se propôs uma solução completamente limpa com tratamento e encaminhamento de esgotos para a rede pública.

Assim a eliminação de resíduos criados no interior do restaurante, foi pensado por forma a que nunca existisse uma descarga directa para a ria. Os esgotos serão introduzidos numa conduta técnica que existirá no passadiço de acesso à margem (acesso às condutas de esgoto em terra) e através de bombas elevatórias que existirão no interior.

#### 4. BREVE DESCRIÇÃO FUNCIONAL

O Restaurante fará a ligação à margem através de um passadiço que dará acesso ao seu interior. Este é composto por duas salas de refeição/exposição, desniveladas entre si, zonas de apoio e zona de estar exteriores.

O conjunto encontra-se dividido em dois pisos funcionais, um de serviço (inferior) e outro público (superior).

#### Área de apoio/ Piso -1

Neste piso estão incluídos os serviços administrativos do Restaurante - Escritório -, espaços de arrumos e arrecadações, áreas frigoríficas, áreas de balneário e áreas técnicas para instalações de águas, esgotos e ventilação.

#### Sala de Refeições/ Piso 0

A entrada principal de acesso ao Restaurante é feita por este piso. Do hall servido por um espaço de bengaleiro, seguimos para as duas salas, a cotas diferentes, que compõem o Restaurante. Uma zona de cozinha e um balcão confrontarão as duas salas. Existe ainda um bloco de instalações Sanitárias.

Exteriormente tem varandins. A ligar estes pisos existe uma escada interior que leva à área de esplanada numa das partes da cobertura do restaurante. Daqui poder-se-à disfrutar de uma vista panorâmica sobre a Ria.

### 5. ACABAMENTOS

Em termos construtivos, trata-se de uma construção mista com alguma predominância de elementos navais. O flutuador é concebido com uma altura média interior livre mínima de 2,20m numa das suas metades, por forma a que seja possível a sua utilização.

A estrutura resistente e flutuador serão construídos em aço. As estruturas secundárias serão em aço e madeira.

Quanto aos revestimentos, foi pensada a utilização de tabuado de madeira, numa alusão à materialidade tanto dos palheiros como dos barcos. Os vãos são constituídos por grandes envidraçados fixados por caixilharia de madeira e atenuadores de luz (brize-soleil) em ripado de madeira envernizada a verniz marítimo.

A impermeabilização das coberturas será feita por intermédio de chapa nervurada de zinco, oculta por ripado de madeira.



Concurso Público, no Âmbito do U.E., para Elaboração  
do Projecto do Edifício da Biblioteca da Faculdade de  
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de  
Lisboa.

1. CONDIÇÕES GERAIS

1.1. - A biblioteca a ser construída terá uma área útil de aproximadamente 10.000 m<sup>2</sup>.

1.2. - A biblioteca deverá ser construída em um terreno situado na zona urbana da Universidade Nova de Lisboa, com acesso directo à Avenida da Universidade Nova.

1.3. - O projecto deverá ser entregue até ao dia 31 de Maio de 1998.

2. CARACTERÍSTICAS DE VOLUNTARIEDADE

2.1. - O projecto deverá ser elaborado em conformidade com as normas técnicas em vigor e com as especificações técnicas da Universidade Nova de Lisboa.

2.2. - O projecto deverá ser elaborado em conformidade com as normas técnicas em vigor e com as especificações técnicas da Universidade Nova de Lisboa.



**Biblioteca da Faculdade da Universidade Nova de Lisboa**  
**Concurso Público Internacional, 1998**



## **Concurso Público, no Âmbito da U.E., para Elaboração do Projecto do Edifício da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa**

### **1. CONCEITOS GERAIS**

Biblioteca é, pela sua natureza de edifício símbolo da cultura e do saber, referência no espaço urbano onde se integra.

Numa época em que as várias disciplinas do conhecimento "perdem" a sua autonomia "ganhando" nas relações/sobreposições que sugerem evoluções originadas pelo cruzar de diferentes conhecimentos, diferentes dos edifícios de diferentes escolas, as bibliotecas continuam hoje a ser elementos agregadores simultaneamente receptáculos e divulgadores da cultura, ciência e tecnologias.

Pensar a biblioteca em função dessa sua vocação, foi parte consciente deste processo.

### **2. DEFINIÇÃO DE VOLUMETRIA**

Fortemente condicionada pelos limites muito apertados para implantação do novo edifício, a volumetria acomodou-se dentro destes "desenhando-os". Nos pisos superiores cumpriu-se o afastamento de três metros relativamente aos terrenos vizinhos do hospital e alargou-se sobre a praça que assim passaria a dispôr de um terreno de permanência no exterior protegido da intempérie.

A estratégia base da moderação da volumetria assentou no princípio básico de um edifício que se "solta" do pavimento desenhando, abaixo do solo, os espaços de apoio vedados ao público e com menos necessidade de luz e, acima deste, aqueles que têm acesso de público ou serviços adminis-

Nesta Biblioteca foram pensados seis pisos. Destes, dois existem abaixo do solo. Três "flutuam" acima do solo. Ligando estes dois conjuntos ao nível do terreno, o piso de entrada, "transparente", "permeável", recebe e encaminha as pessoas, desdobrando as circulações e comunicações verticais em dois circuitos independentes (serviços/público).

### 3. PARTIDO ARQUITECTONICO - AMBIENTES

Pensar a biblioteca, partiu-se do princípio que é o objectivo para o qual este concurso foi organizado. No entanto, logo desde a primeira visita ao local, tornou-se claro que mais do que somente pensar o edifício, era inevitável ( urgente ) pensar o contexto em que, este se insere, o pátio, e em como a transformação de um dos seus limites poderia decididamente transformá-lo, num sentido regenerador.

Fechado pela construção, dominado pelo ruído automóvel e a poluição da Avenida de Berna, sem zonas protegidas da chuva ou sol, o pátio dificilmente poderia ser aquilo a que deveria naturalmente ambicionar - local de encontro tertúlia ou espaço para acontecimentos da mais diversa índole.

Tornou-se então particularmente delicado, neste contexto, o trabalho de inserir uma volumetria de grandes dimensões. A estratégia foi libertar o maior espaço possível ao nível do solo, tornando o pátio mais amplo, fazendo-o viver o novo edifício.

Havia que manter o muro ( protector ) que acompanha a Av. da Berna, pensou-se aquilo que mais claramente poderia vir a alterar o enquadramento do pátio, abrir tanto quanto possível o campo visual a norte, passando a oferecer à população da Universidade o usufruto visual dos jardins do hospital.

No seu miolo, a biblioteca receberia cuidadosamente a luz de sul, abrindo-se de forma mais generosa a norte cuja luz, homogênea e indirecta, proporcionaria uma suave claridade adequada para a leitura. Simultaneamente, o belo arvoredado do hospital dominaria o campo visual exterior.

### 4. ESTRUTURA FUNCIONAL

#### Piso -2

É neste piso que se situam os espaços que não necessitam de luz natural. Optou-se pelos depósitos gerais; o seu acesso é condicionado e possuem ligação aos restantes pisos por qualquer dos elevadores ou escadas.

#### Piso -1

A maioria dos espaços poderia receber luz do pátio afundado que se propôs a norte. Espaços de serviços técnicos de audiovisuais, com acesso condicionado e servidos pelas três colunas de comunicações verticais.

Optou-se por manter a inclusão de estacionamento subterrâneo com acesso a partir da cave do edifício vizinho.

#### Piso 0

O átrio organiza e separa os acessos às diferentes áreas publicas ou privadas.

O público poderá optar por permanecer no espaço de leitura informal ali existente ou subir aos pisos superiores.

No topo poente propôs-se uma entrada de serviço para cargas que ali podem chegar a partir da azinhaga. A controlar este acesso, surgem os primeiros espaços de serviços administrativos - recepção, um gabinete técnico, armazéns para trânsito, etc.



### Piso 1

A planta do edifício surgiu da articulação simples de duas figuras através de um hall central, acompanhando a geometria do limite do lote. Uma das figuras é bastante mais longa que a outra.

Assim, cada piso foi organizado de forma clara, em que o hall separa/ relaciona dois sectores, espaços de diferente natureza.

Nos dois pisos imediatos ao de entrada estão localizados os espaços com maior procura por parte do público.

Leitura geral, com acesso restrito e comunicações verticais independentes, os restantes espaços dos serviços administrativos - direcção e tratamento bibliográfico.

### Piso 2

Leitura geral.

Neste piso, ocupando o rectângulo menor a poente, surgem os primeiros módulos de bibliotecas especializadas com respectivos espaços de apoio.

### Piso 3

O último piso do edifício é totalmente preenchido por bibliotecas especializadas e respectivos espaços de apoio.

Neste piso sobredimensionou-se os espaços de circulação de forma a que pudessem ser criadas zonas de implantação de mobiliário constituindo espaços adicionais de leitura.

### Cobertura

Foi pensada de forma a acomodar dissimuladamente todo o equipamento das instalações mecânicas, numa só área reservada para o efeito .

O acesso é directo a partir do corredor de distribuição do rectângulo poente do piso 3.

## 5. ACABAMENTOS

A escolha baseou-se nos seguintes materiais base:

1- Fachadas - forros de pedra serrada e brunida nos socos e peitoris. Lâminas de serralheria em aço pintado a esmalte forja para ensombramento a sul, sobre planos de vidro duplo com caixa de ar, para protecção acústica relativamente ao ruído automóvel da Av. de Berna. Caixilharia em alumínio polido.

2- Coberturas - rufos e clarabóias em chapa de zinco nervurada. Coberturas planas com protecção térmica sob a forma de placas de isolante tipo "roofmate" e areão de rio.

3- Interiores - foram escolhidos os seguintes materiais para os pavimentos: contraplacado de alta densidade de madeira de carvalho nos gabinetes , linóleo nas salas de leitura, pedra brunida nas principais circulações e mosaicos hidráulicos nas zonas de serviço.

Os tectos seriam em gesso cartonado pintado (gabinetes, leitura, etc.) ou reboco areado fino (depósitos, etc.). As paredes seriam estucadas e pintadas (gabinetes, leitura, etc.) ou reboco areado fino (depósitos, etc.)

4-Protecção de vãos - Rolos de tela micro perfurada.

## 6. ÁREAS E COMPARTIMENTOS

O limite máximo de área bruta a construir, estipulado no programa de concurso era de 4770 m<sup>2</sup>.

Dada a optimização que se conseguiu nas áreas de circulação, foi possível acrescentar alguns compartimentos para além dos especificados, nomeadamente salas de trabalho de grupo, salas individuais e de consulta audiovisual.

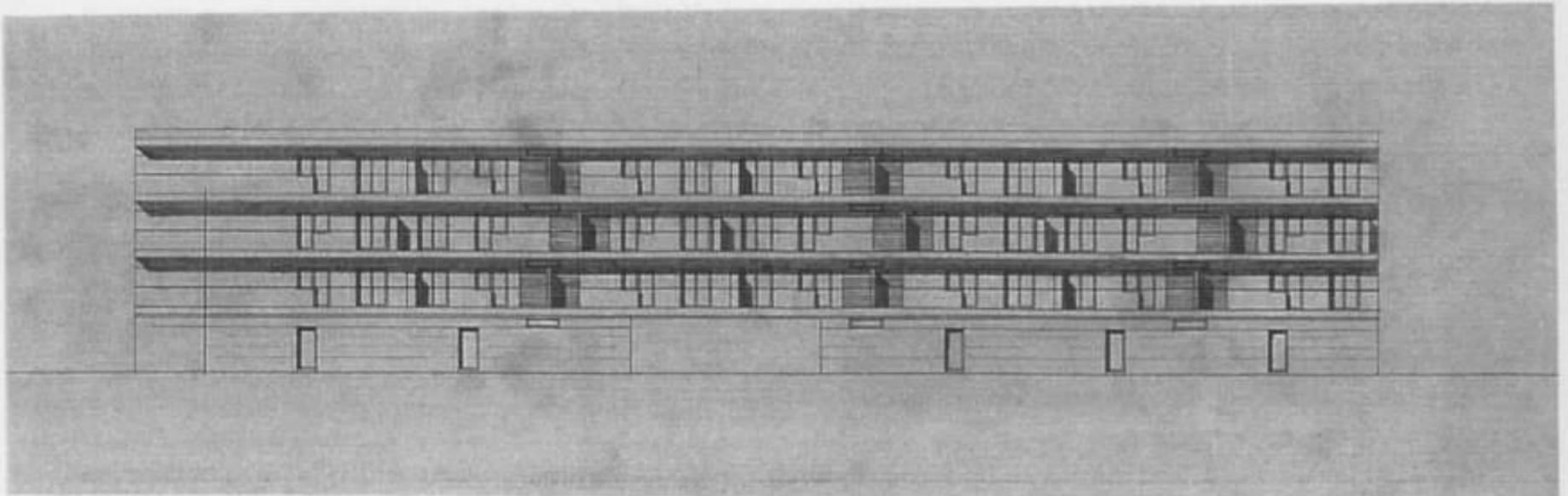
A área útil que segundo o programa deveria ser 3607 m<sup>2</sup>, foi neste caso, 3726 m<sup>2</sup>, ou seja com um benefício de 119 m<sup>2</sup>.



## Regulamento de Exteriores de Edificação, Alhos Vedros



Regulamento de Exteriores de Edificações, Alhos Vedros  
Concurso por Convite, 1998



## Regulamento de Exteriores de Edificação, Alhos Vedros

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta refere-se a um concurso por convite dirigido ao arq<sup>to</sup> Nuno Mateus pela Câmara Municipal de Alhos Vedros. O programa consistia na criação de um regulamento de exteriores para as futuras edificações, na zona da passagem desnivelada, junto à estação dos caminhos de ferro.

#### 1.1. ANÁLISE DO CONTEXTO FÍSICO

##### 1.1.1. Envolvente, Limites

A intervenção situa-se na zona Sul do aglomerado urbano de Alhos Vedros, tendo como fronteira evidente a linha férrea. Esta, como habitualmente acontece na maior parte das periferias, constitui um corte, claramente separador, das vivências entre os terrenosopostos.

Na zona Norte, localizam-se o núcleo antigo da povoação. Este aparece ligado directamente ao miolo dos novos quarteirões por uma rua (Cândido dos Reis), que pode ser considerada como a mais interessante no que diz respeito ao carácter arquitectónico de conjunto, ambiental e sobretudo de usos. Sendo esta, a rua que fará a articulação entre a zona antiga e a nova, a sua continuidade nos edifícios do Plano foi tratada com particular importância.

Como limite Norte, a Rua do Poço e o seu prolongamento, apresenta um grupo de edifícios

que embora em estado actual de conservação muito degradado, poderiam, caso recuperados, vir a constituir uma mais valia arquitectónica de permanência, ou memória, não tanto pelo seu valor arquitectónico extraordinário, mas antes pela simplicidade e correcção do seu desenho que lhe confere um interessante valor de conjunto. No confronto com uma arquitectura nova do lado Sul nascerá uma rua de ambiente híbrido, transtemporal, potenciando qualidades diversas.

A proximidade da Igreja e do cemitério, anteriormente sinais de periferia ou limite, constituem-se aqui como elementos de ancoragem de memórias vitais na constituição do carácter específico deste novo tecido urbano. Assim o tratamento do prolongamento da Rua Pedro de Anaia que limita a Poente a intervenção teve em conta a leitura destas continuidades e permanências.

A Rua António da Silveira, que também ligará a ala existente da povoação com a intervenção, é já um pouco marginal ao centro de Alhos Vedros e apresenta-se, neste momento, pouco consolidada. No entanto é prevista a sua quase total reconfiguração até à Avenida Humberto Delgado, pois esta está contemplada num plano urbano, algo ambicioso por parte da Câmara Municipal, chamado "Operação Alhos Vedros". Deste modo, no conjunto, tratar-se-á de uma rua essencialmente nova.

Os limites a Nascente embora mais degradados, apresentam um conjunto de edifícios com algum interesse arquitectónico de conjunto na Rua Particular. O plano tido como base deste concurso previa, nesta zona, uma interpenetração do novo com o existente, com a implantação de novas volumetrias de dois pisos que, contudo, não foram objecto deste concurso.

### 1.1.2 Transformação

A construção da passagem rodoviária desnivelada sobre a via férrea veio deslocar o sentido de centralidade de Alhos Vedros. Esta nova ligação em viaduto veio concretizar um novo eixo viário prioritário de ligação entre os acessos da auto-estrada e vias rápidas de ligação ao Barreiro, Setúbal e eventualmente Lisboa, Moita e Montijo, absorvendo importância ao tradicional eixo EN10/Av. Humberto Delgado.

Esta nova via constitui a espinha dorsal do Plano onde serão implantados os novos quarteirões. Para isso entendeu-se que se devia proceder à reconfiguração da EN11 bem como à demolição de um conjunto de edifícios actualmente existente, constituído na sua maioria por armazéns.

Com os novos planos, Alhos Vedros, vindo de Setúbal, constitui-se como uma nova "cara" ou "porta" da povoação, sendo este um aspecto acentuado pelo facto de o percurso automóvel sobre a ponte possibilitar uma visão sobrelevada de conjunto.

## 2. ESTRATÉGIA

### 2.1. LINGUAGEM GLOBAL/ EXTERIOR- INTERIOR

Para fundamentar o estudo de exteriores que se apresentou a concurso, abordou-se tipologicamente o interior dos edifícios dentro dos parâmetros definidos pelo Plano (n.º de fogos/piso/lote), procurando uma solução de carácter neutro, modificável, sem que, para tal, seja necessário introduzir alterações de fundo no exterior.

Feita a base, optou-se então por uma matriz de linguagem constante, que recebe de uma forma estruturada as suas variações. Criou-se, portanto, o que se denominou de "linguagem global", unificadora e identificante.

Esta, nasceu subdividida numa intenção global de opostos, entre os espaços de rua e o interior dos quarteirões, definindo os "espaços canais" e as "interioridades urbanas". A fruição dos "interiores" aparece potenciada pela sistemática perfuração dos quarteirões a nível térreo, atitude promovida pelo Plano.

Caracterizou-se esta diferenciação, não apenas no recurso a materiais e cores, como também no desenho das fachadas, procurando-se nos interiores dos quarteirões uma ideia mais unitária, de recurso a elementos repetitivos, como se de um grande espaço (salão) se tratasse.

## 2.2.LINGUAGEM LOCALIZADA

### 2.2.1.Fluidiez/ Passagens, Prolongamentos, Ruas

Esta abordagem teve como princípio a utilização de elementos de linguagem global, bem como uma matização e identificação rua a rua, consoante o seu carácter. Deste modo, por exemplo as fachadas laterais à EN11 que atravessa longitudinalmente o Plano com uma grande intensidade de tráfego, foram tratadas com aberturas um pouco mais fechadas, acentuando a sua leitura linear, drómica, enquanto protege o interior das habitações do ruído. Em oposição, o prolongamento da R. Cândido dos Reis, que estende a parte antiga e comercial do centro, pela área do Plano, fez-se uma interpenetração mais celular, na continuidade do ambiente de rua constituída por justaposição de pequenos edifícios.

### 2.2.2.Afectação do Existente

A relação mais directa com o núcleo histórico, está praticamente circunscrita aos dois quarteirões Norte. Foram aqui introduzidos, esterotomias e detalhes que registem esta "presença", transição de cérceas, transformando aqui a linguagem global numa lógica metamórfica de transição.

### 2.2.3.Ritualização dos Acessos

As portas, que conferem o ritmo doméstico às ruas, foram celebradas como pequenos lugares, como nomes ou personalidades identificáveis. "Soltos" do chão, largos, estreitos, autónomos ou participantes do desenho dos pisos superiores, contribuem também para a especificidade da rua em que se inserem, constituindo-se, ora individuais, ora por "famílias".

### 2.2.4.Disseminação de Elementos Particulares

A possibilidade de concretização de variações evidentes em zonas mais circunscritas (excepções desenhadas pelo Plano), Constitui-se como estratégia vital para evitar a monotonia, própria de grandes operações urbanas.

O objectivo foi a mestiçagem de um carácter algo mais orgânico num processo cuja viabilidade económica dependeria necessariamente da repetitividade de elementos.

## 3.METODOLOGIA

### 3.1. A DIVERSIDADE DOS AGENTES

Este projecto teve como objectivo estabelecer um conjunto de regras que disciplinasse a actividade de um espectro diverso de agentes e construtores individuais, para em conjunto, se construir um largo tecido urbano coerente e homogêneo.

### 3.2. ADEQUABILIDADE DE SISTEMAS CONSTRUTIVOS GENERALISTAS

As tecnologias a utilizar na construção dos edificios teriam necessariamente como base o seu conhecimento generalizado e economia de meios.

A solução proposta enquadra-se num sistema de estrutura pilar/viga em betão armado e de elementos projectados de dimensões reduzidas. Estas estruturas seriam recobertas por alvenarias de tijolo convencional. Os revestimentos oscilariam entre os rebocos tradicionais, materiais cerâmicos e pedra.

As soluções de desenho encontradas, procuraram situações de construção simples pretendendo-se assim um melhor desempenho construtivo de empreiteiros de qualidades variáveis.

As juntas entre lotes, linhas de transição entre construtores distintos, foram tratadas ambigualmente como divisões eventualmente legíveis, parte integrante da composição, ou dissimuláveis, quando se pretende criar a imagem de maior escala, supra-lote.

### 3.3. REPETIÇÃO DE ELEMENTOS TIPO

Procurou-se maximizar a repetição de elementos tipo (vão, guarda, grelha), para atingir uma melhor qualidade construtiva do conjunto com a sua consequente homogeneidade de imagem.

Os pontos de ligação e fixação foram cuidadosamente estudados com o duplo objectivo de gerarem uma linguagem estética particular enquanto facilitarão a montagem em obra, tendo em conta a sua resistência e durabilidade.

### 3.4. REPETIÇÃO DE ELEMENTOS PARTICULARES

Mesmo num primeiro nível de variações, que poderia, corresponder à distinção entre ruas, procurou-se uma sistematização que pode ser vista como um derivado directo dos elementos generalizadamente repetidos. Assim, por exemplo, uma grelha e uma guarda poderiam ser reagrupados numa nova configuração, formando um novo conjunto de elementos singulares. Alguns elementos repetidos sofrem também, em situações particulares, variações dimensionais na globalidade, isto é, uma guarda pode ser distendida ou um vão autonomizar-se respondendo por vezes a variações modulares dos lotes.

### 3.5. ELEMENTOS ESTRATÉGICOS

Num primeiro nível, de maior proliferação, encontrar-se-iam as portas de entrada nos edifícios. Tratados como caixas ou pequenos espaços suspensos, flutuam (em consola) a 15 cm da rua. Uma rampa e um degrau escultórico "solto" ligam as duas cotas.

A caixa seria rebocada no exterior com remates de topo em pedra e o seu interior seria cerâmico, de cor forte.

A porta em vidro, de caixilharia em aço pintado e puxador inox, seria recolhida do plano da fachada, deixando já no exterior as caixas de correio. Seriam átrios celebrados, que, dentro das regras atrás descritas, pontuariam a rua com variações de desenho, as quais lhe confeririam personalidade individual.

Num segundo nível os elementos de variações mais profundas, que se encontram em zonas de cunhal, de colisão de volumes, variação de cérceas, rupturas no perímetro do quarteirão.

Estes pontos serão tratados como elementos que subvertem visivelmente a lógica do lote e da repetição, entrando numa nova lógica à escala urbana, da singularização de elementos estratégicos, como sempre existiram nos aglomerados urbanos "não desenhados".

A sua construção, pormenorização e materiais serão desenvolvidos na continuidade dos restantes elementos dos edifícios, propondo-se essencialmente como variações de desenho, que contribuirão também para pôr em destaque novas leituras possíveis dos elementos mais repetidos.

## Conclusão

Como parte integrante do plano de negócios, a estratégia de marketing é fundamental para o sucesso de qualquer empreendimento. Ela define a forma como a empresa se relaciona com o mercado e como ela pretende alcançar seus objetivos de longo prazo. A estratégia de marketing é o plano de ação que orienta todas as atividades da empresa relacionadas ao mercado.

Esta estratégia de marketing pretende atingir os seguintes objetivos: definir a missão da empresa, identificar as oportunidades de mercado, estabelecer as metas de vendas e definir as ações de marketing.

Para que a estratégia de marketing seja eficaz, é necessário que ela seja baseada em dados e fatos, e que seja flexível para se adaptar às mudanças do mercado.

Apresentamos aqui algumas ideias e sugestões para a elaboração de uma estratégia de marketing. É importante lembrar que esta é apenas uma orientação geral e que cada empresa deve adaptar estas ideias às suas características específicas.

Como se viu, a elaboração de uma estratégia de marketing é um processo contínuo que exige uma constante atualização e adaptação às mudanças do mercado.

Um plano de marketing é um documento que define a estratégia de marketing de uma empresa. Ele estabelece os objetivos de marketing, as ações de marketing e os recursos necessários para a realização das mesmas.

A empresa APX Fertilizantes é uma empresa que atua no setor de fertilizantes. Ela possui uma longa tradição e uma sólida reputação no mercado. A empresa tem como objetivo principal aumentar sua participação de mercado e melhorar sua rentabilidade.

O plano de marketing da empresa APX Fertilizantes é baseado em uma estratégia de marketing que visa aumentar a participação de mercado e melhorar a rentabilidade. Para isso, a empresa pretende implementar as seguintes ações de marketing:

Conhecer o ambiente de negócios e a concorrência, definir a missão e a visão da empresa, estabelecer as metas de marketing, definir as ações de marketing e implementar as mesmas. É importante lembrar que a estratégia de marketing deve ser baseada em dados e fatos, e que deve ser flexível para se adaptar às mudanças do mercado.

A estratégia de marketing da empresa APX Fertilizantes é baseada em uma estratégia de marketing que visa aumentar a participação de mercado e melhorar a rentabilidade. Para isso, a empresa pretende implementar as seguintes ações de marketing:

Muitas vezes, os planos de marketing são elaborados apenas para cumprir uma obrigação formal, sem que haja uma verdadeira preocupação com o sucesso do empreendimento. Isso pode levar a resultados negativos e a falhas no negócio.

Uma estratégia de marketing é um plano de ação que define a forma como a empresa se relaciona com o mercado e como ela pretende alcançar seus objetivos de longo prazo. Ela é fundamental para o sucesso de qualquer empreendimento.

Esta estratégia de marketing pretende atingir os seguintes objetivos: definir a missão da empresa, identificar as oportunidades de mercado, estabelecer as metas de vendas e definir as ações de marketing.

## Conclusão

Como parte activa do novo plano de estudos; 6º ano de estágio, não podia deixar de declarar que esta fase académica muito me ajudou a clarificar e introduzir novos e muitos valores na minha formação de arquitecto. Atenuou de alguma forma, diferenças e dificuldades, articulando o final de um percurso académico com o início de uma prática profissional.

Achei bastante importante perceber como se organiza um atelier, como funciona, como se gerem recursos humanos, como se produz trabalho.

Penso que talvez terão sido estas, as coisas mais importantes a reter em cinco meses, espaço de tempo bastante curto numa carreira que tende a afirmar-se com a longevidade.

Aperceber-me como funciona uma estrutura deste tipo, leva-me a pensar em tantas coisas a reter e outras tantas a combater. Foi importante deparar-me com uma realidade sobre a qual no nosso percurso académico pouco se fala ou será mesmo difícil ou impossível de abordar.

Como se prepara e coordena um concurso, como se gere uma equipa para que tudo se torne economicamente viável, são factores chave na organização e produtividade da mesma.

Um atelier é antes de mais uma empresa, uma estrutura de produção; tem hierarquias, objectivos estipulados, clientes, em que tudo gira à volta do arquitecto que tem que ser um grande relações públicas.

A empresa ARX Portugal é bem exemplo disso, uma "máquina bastante oleada", (assim foi descrita pelo arqºManuel Graça Dias, numa conferência do Convento da Arrábida), apostando forte na sua auto promoção, através de uma linguagem e uma metodologia muito próprias, no contexto português.

O seu trabalho reflete o espelhar da, cada vez maior, complexidade contemporânea, apostando sempre, na criação de outra realidade, que serve como cenário a um drama localizado num dado tempo e espaço.

Contra o simplismo defende a ideia, que não se pode reduzir a arquitectura a um mero processo tecnológico, pois não se pode privar do seu conteúdo poético. Da teoria em que se apoiam os trabalhos aqui realizados, posso dizer que é um pouco racionalista, à maneira de Sto Agustino, pois todos os problemas estéticos e funcionais são resolvidos por métodos puramente baseados em geometria. Desmonta-se uma dada realidade e analisa-se através de processos geométrico, a tal "segunda natureza", (título de uma monografia sobre os seus trabalhos).

A relação unidade-fragmentação é explorada exaustivamente num sentido em que, aqui projecta-se de uma maneira quase fotografica ou por "takes", da unidade ao fragmento e vice-versa.

Muitas vezes os ouvi (os responsáveis por este atelier) explicar as suas obras de arquitectura dizendo que o modelo cartesiano da visão é o tacto; o háptico, não o óptico. Por isso servem-se da linguagem das medidas e do desenho.

Este método de trabalho, que muito tem em comum com o campo da matemática e com alguma arte, tome-se o exemplo do soviético Malevitch, se muitas vezes resulta nuns campos, noutros tantos torna-se redutor.

Sem querer julgar os trabalhos -os quais admiro- e a prática, desenvolvidos neste atelier aquando do meu estágio, não poderia deixar de fazer estas reflexões, e se não as fizesse estaria a ser intelectualmente injusto.

## Bibliografia

Porque penso que assim não procuram um campo de relações a descobrir entre as coisas, em que o projecto pode introduzir para a revelação das características do lugar: os projectos nos quais participei constituem-se em síntese como "fundadores" e não como "refundadores" do ambiente.

Tornam-se num excesso de "desenho", sem que os projectos estejam muito desenhados.

É muito mais artificial ter a disparidade desenhada do que a monotonia e o equilíbrio, porque estes tem um pressuposto mecanicista e ... "até humanista, que depois as pessoas encarregam-se de romper. A arquitectura resiste quando se torna versátil".

Eduardo Souto de Moura

A arquitectura, é como disse Beuys, uma escultura social.

Em fase de citações terminarei com uma frase de Alvar Aalto, a qual muito aprecio.

"Escrevi alguma poesia. Pouca mas obviamente boa. Escrevi-a na areia. E escrita na areia não serve nem aos editores, nem às revistas e o vento já é um bom editor. Sobre este propósito Sócrates sublinhava que existem artes em que a palavra não vale nada,... e eu sempre achei que a arquitectura desenvolve-se melhor no silêncio."

Alvar Aalto

## Bibliografia

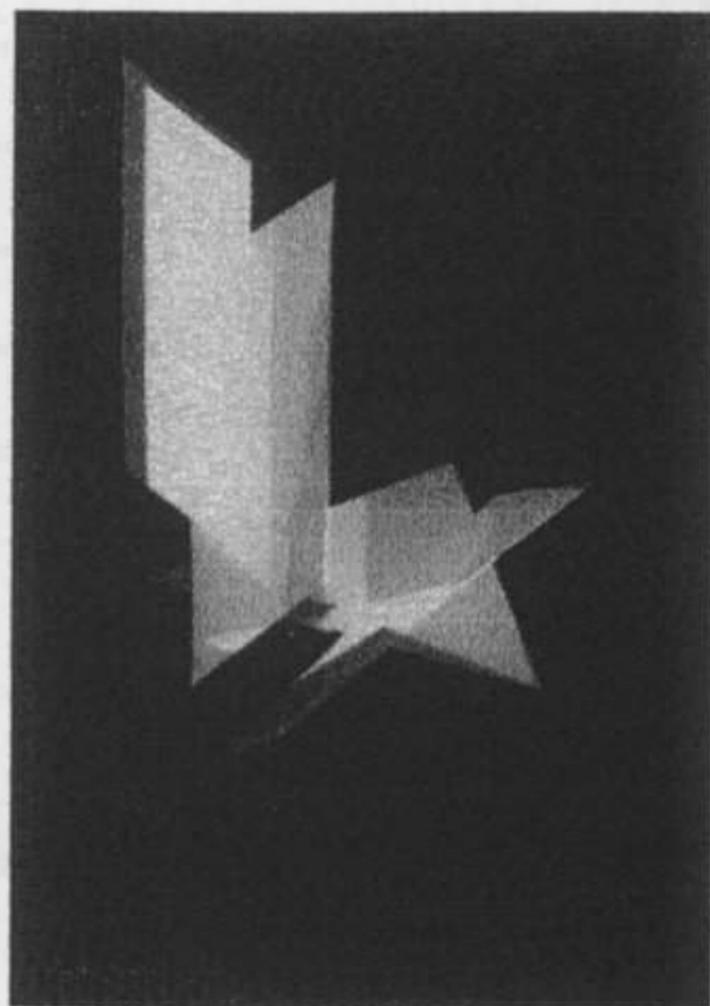
- Rossi, Aldo - *Autobiografia Científica*, (1998) 2ª Edição. Coleção GG Reprints, editora Gustavo Gilli.
- Zumthor, Peter - *Peter Zumthor Works. buildings and projects*, (1979-1997). Lars Müller publishers.
- Souto Moura, *Eduardo - Souto Moura*, (1996), 1ª edição. Editorial Blau.
- Siza, Álvaro - *Álvaro Siza. obras e projectos*, (1951-1992), 1ª edição. Editora Gustavo Gilli.
- Siza, Álvaro (1958-1994), *El Croquis* nº 68/69, 1ª edição.
- Moneo, Rafael (1990-1994), *El Croquis* nº 64, 2ª edição.
- Herzog & Meuron; Jacques, Pierre (1993-1997), *El Croquis* nº 84, 1ª edição.
- Aret, Wiel (1992-1997), *El Croquis* nº 85, 1ª edição.
- Aalto, Alvar - *Idée di Architettura*, 4ª edição.
- Regulamento Geral de Edificações Urbanas e Licenciamento Municipal de Obras Particulares*, 3ª Edição.
- ARX Portugal - *Uma Segunda Natureza*, (1991) 1ª edição. Coleção Portefólio, editora Blau.

\* As imagens utilizadas em separador e capa foram retiradas de uma monografia do artista plástico, Moholy-Nagy.



ANEXO

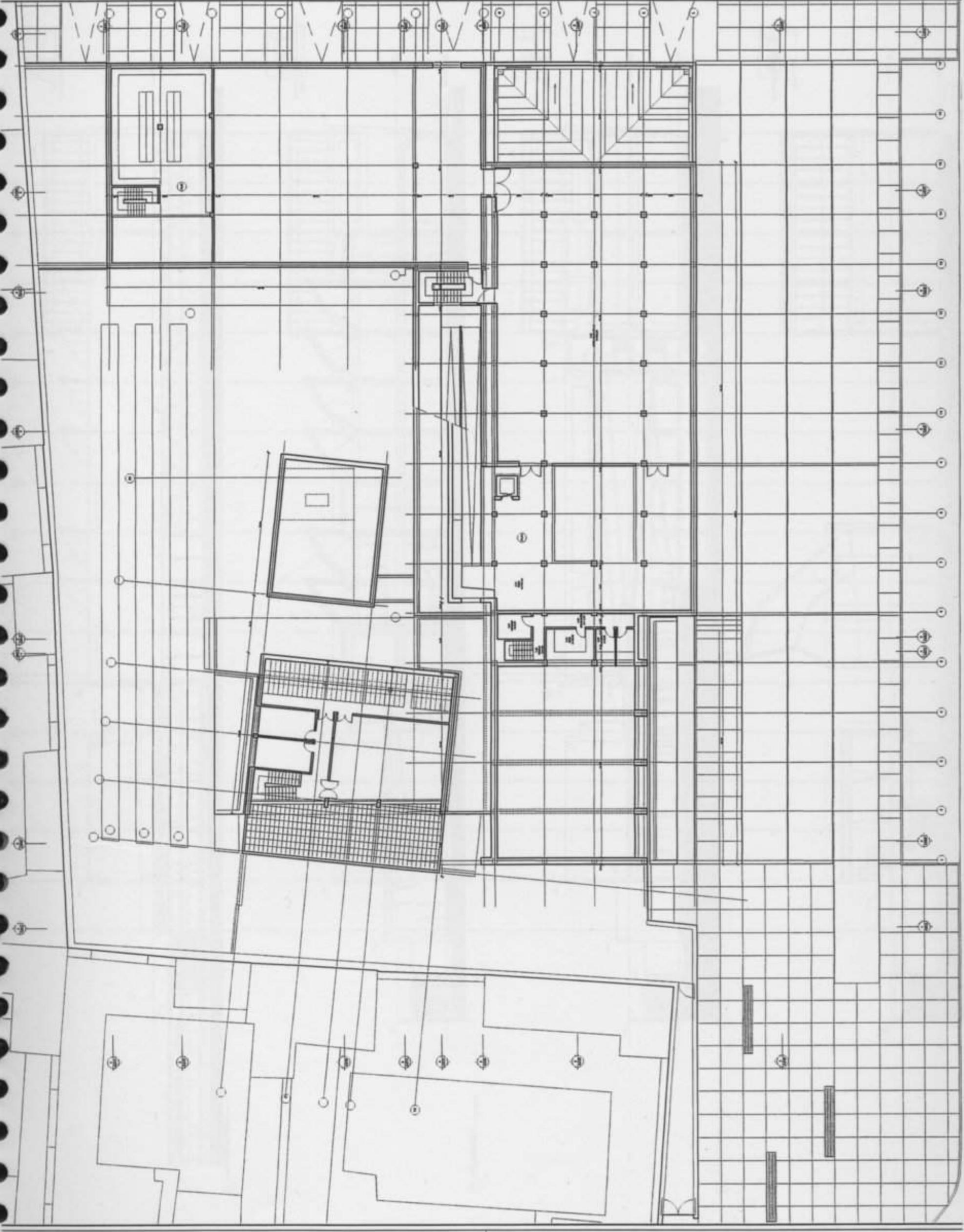
Museu Marítimo de Lisboa  
Anteprojecto de Remodelação e Ampliação, 1998



**Museu Marítimo de Ílhavo**  
**Anteprojecto de Remodelação e Ampliação, 1998**



|            |          |          |           |
|------------|----------|----------|-----------|
| PROJEKTANT | PROJEKT  | STADIUM  | LISTA     |
| 1. ETAP    | 2. ETAP  | 3. ETAP  | 4. ETAP   |
| 5. ETAP    | 6. ETAP  | 7. ETAP  | 8. ETAP   |
| 9. ETAP    | 10. ETAP | 11. ETAP | 12. ETAP  |
| 13. ETAP   | 14. ETAP | 15. ETAP | 16. ETAP  |
| 17. ETAP   | 18. ETAP | 19. ETAP | 20. ETAP  |
| 21. ETAP   | 22. ETAP | 23. ETAP | 24. ETAP  |
| 25. ETAP   | 26. ETAP | 27. ETAP | 28. ETAP  |
| 29. ETAP   | 30. ETAP | 31. ETAP | 32. ETAP  |
| 33. ETAP   | 34. ETAP | 35. ETAP | 36. ETAP  |
| 37. ETAP   | 38. ETAP | 39. ETAP | 40. ETAP  |
| 41. ETAP   | 42. ETAP | 43. ETAP | 44. ETAP  |
| 45. ETAP   | 46. ETAP | 47. ETAP | 48. ETAP  |
| 49. ETAP   | 50. ETAP | 51. ETAP | 52. ETAP  |
| 53. ETAP   | 54. ETAP | 55. ETAP | 56. ETAP  |
| 57. ETAP   | 58. ETAP | 59. ETAP | 60. ETAP  |
| 61. ETAP   | 62. ETAP | 63. ETAP | 64. ETAP  |
| 65. ETAP   | 66. ETAP | 67. ETAP | 68. ETAP  |
| 69. ETAP   | 70. ETAP | 71. ETAP | 72. ETAP  |
| 73. ETAP   | 74. ETAP | 75. ETAP | 76. ETAP  |
| 77. ETAP   | 78. ETAP | 79. ETAP | 80. ETAP  |
| 81. ETAP   | 82. ETAP | 83. ETAP | 84. ETAP  |
| 85. ETAP   | 86. ETAP | 87. ETAP | 88. ETAP  |
| 89. ETAP   | 90. ETAP | 91. ETAP | 92. ETAP  |
| 93. ETAP   | 94. ETAP | 95. ETAP | 96. ETAP  |
| 97. ETAP   | 98. ETAP | 99. ETAP | 100. ETAP |





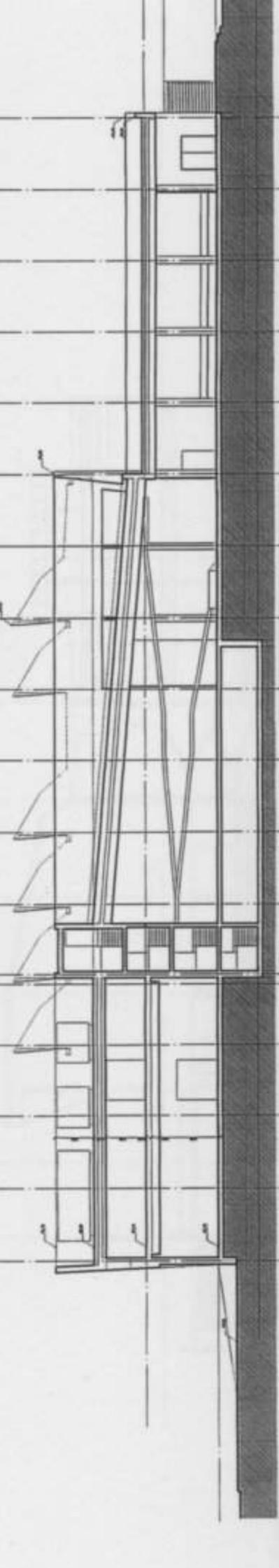
|     |                      |
|-----|----------------------|
| NO. | DESCRIPTION          |
| 1   | SECTION THROUGH ROOF |
| 2   | SECTION THROUGH ROOF |
| 3   | SECTION THROUGH ROOF |
| 4   | SECTION THROUGH ROOF |

1. ALL ROOFING SHALL BE AS SHOWN UNLESS OTHERWISE NOTED.

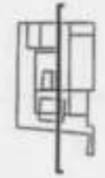
2. ALL ROOFING SHALL BE INSTALLED OVER A 2" MINIMUM THICKNESS OF CONCRETE OR Gypsum BOARD.

3. ALL ROOFING SHALL BE INSTALLED OVER A 2" MINIMUM THICKNESS OF CONCRETE OR Gypsum BOARD.

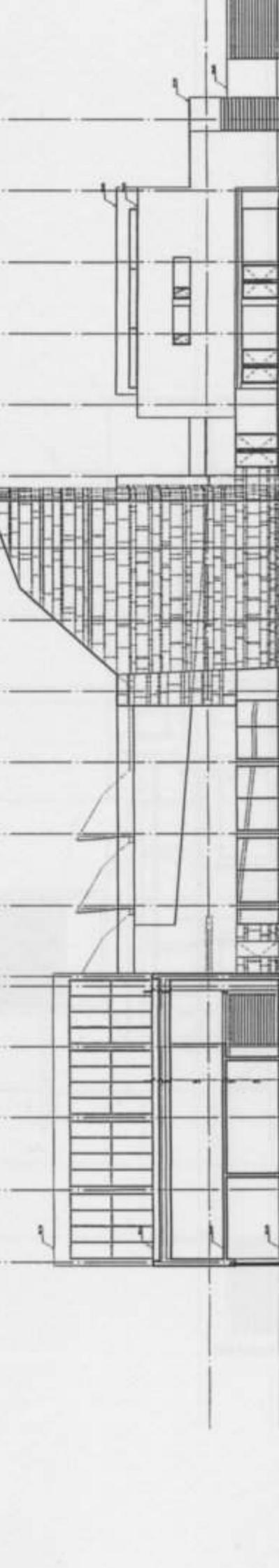
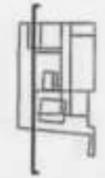
4. ALL ROOFING SHALL BE INSTALLED OVER A 2" MINIMUM THICKNESS OF CONCRETE OR Gypsum BOARD.



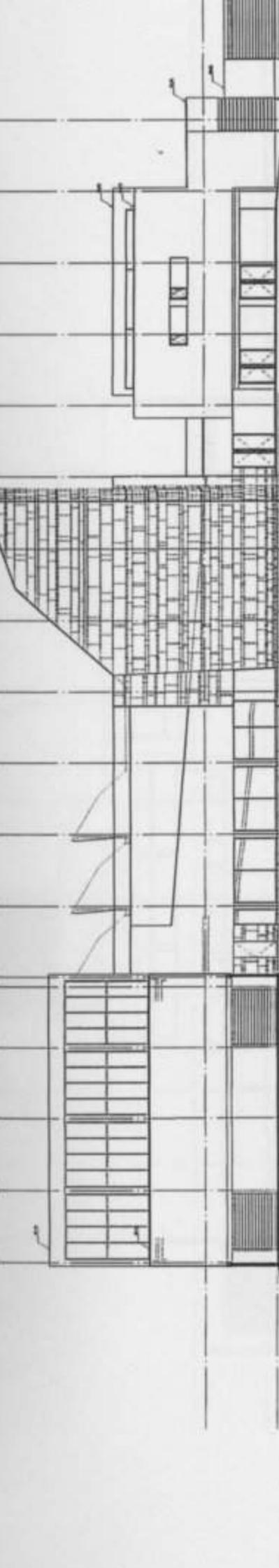
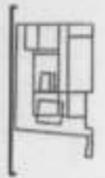
1



2



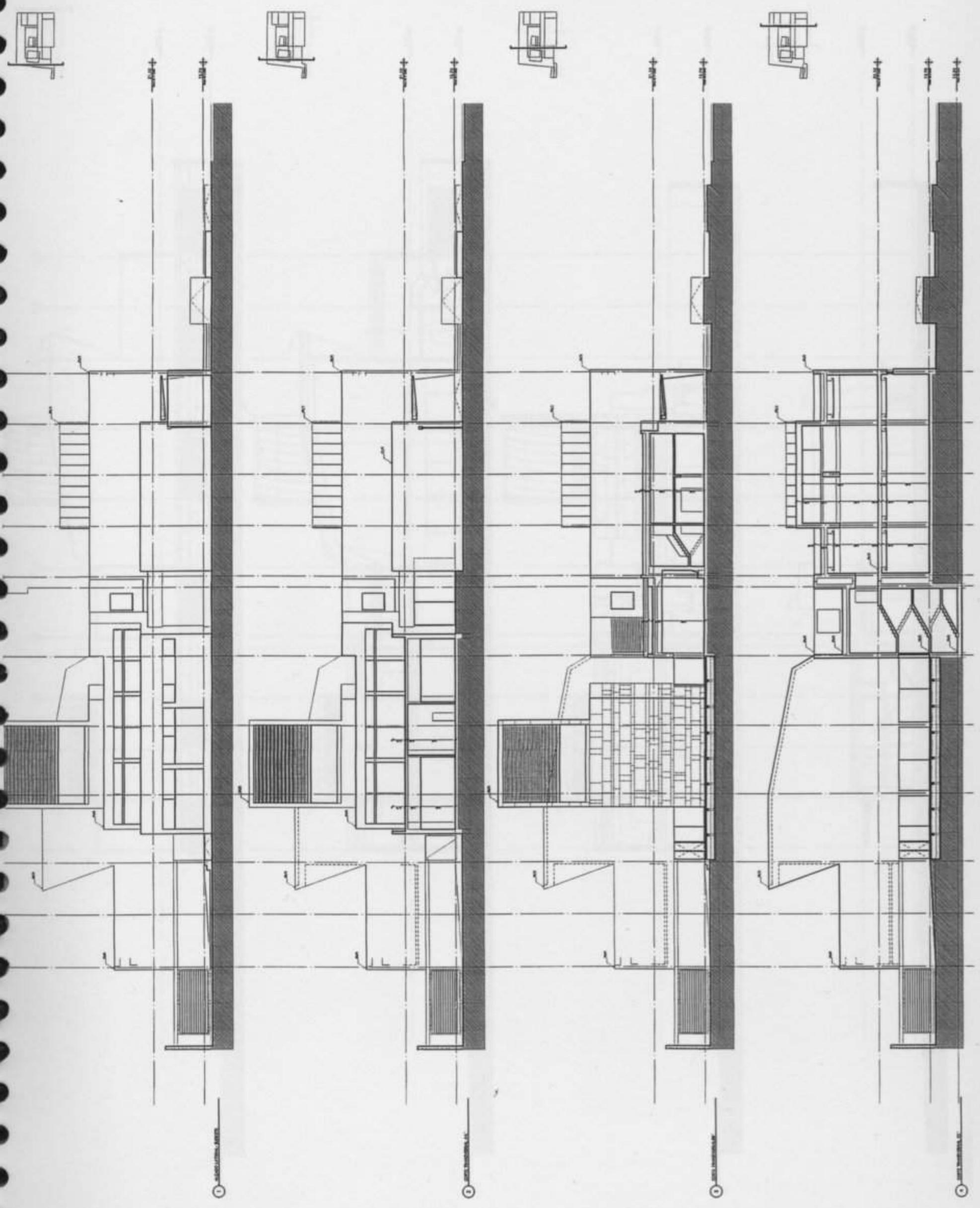
3



4

|     |          |
|-----|----------|
| NO. | REVISION |
| 1   | AS SHOWN |
| 2   | REVISION |
| 3   | REVISION |
| 4   | REVISION |
| 5   | REVISION |
| 6   | REVISION |
| 7   | REVISION |
| 8   | REVISION |
| 9   | REVISION |
| 10  | REVISION |

PROJECT: [Illegible]  
 ARCHITECT: [Illegible]  
 DATE: [Illegible]  
 SHEET: [Illegible]



1. SECTION THROUGH AREA

2. SECTION THROUGH AREA

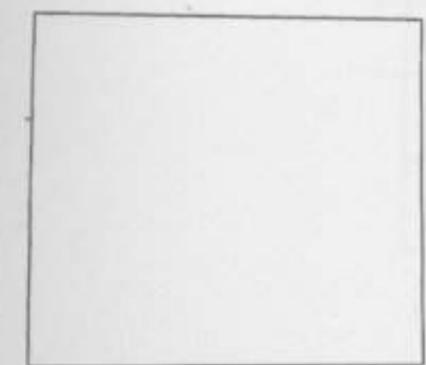
3. SECTION THROUGH AREA

4. SECTION THROUGH AREA

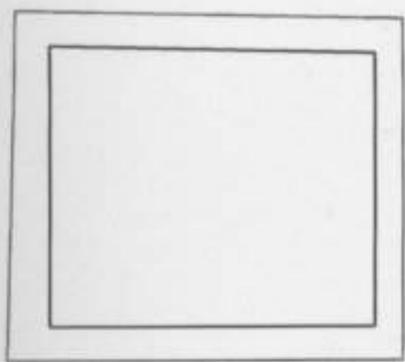
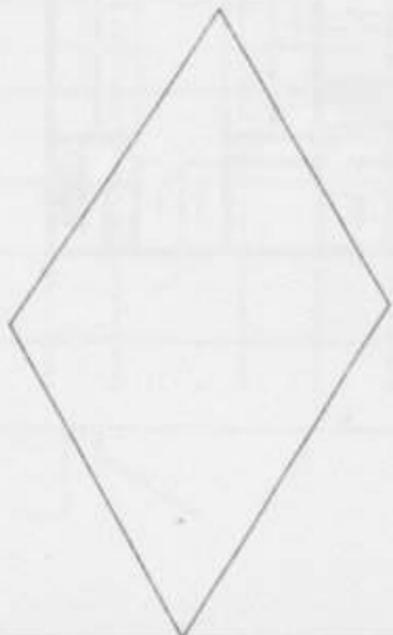




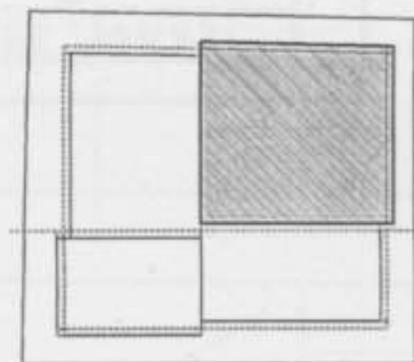
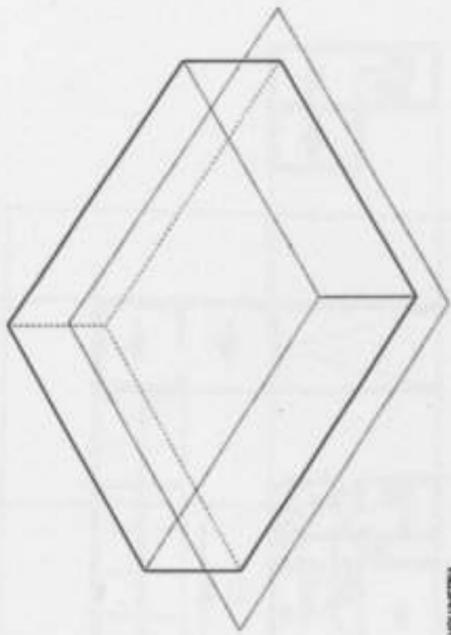
Chancelaria e Residência da Futura Embaixada de Portugal em Berlim  
Concurso Público Internacional, 1998



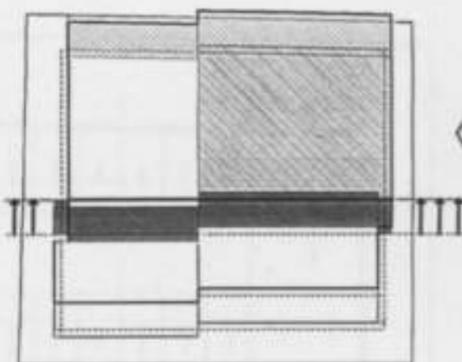
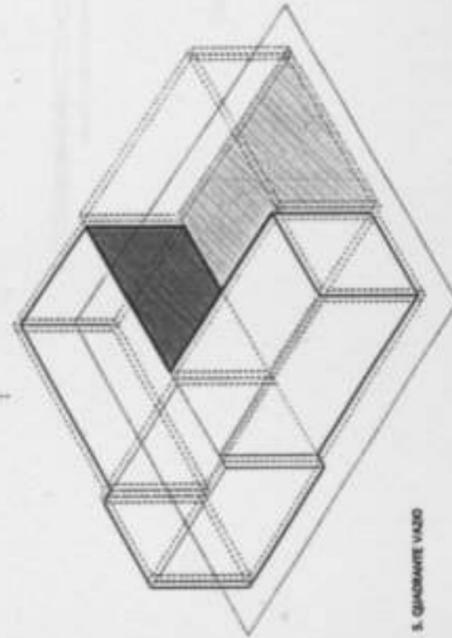
1. LOTE



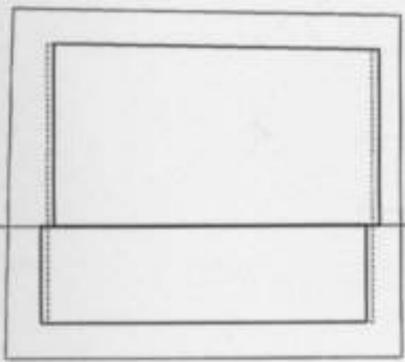
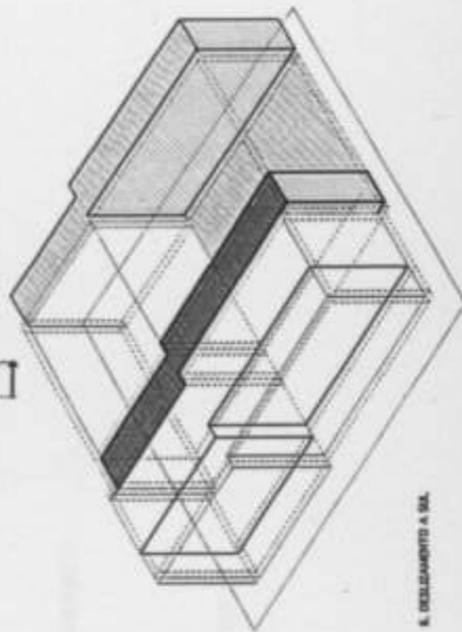
2. VOLUMETRIA



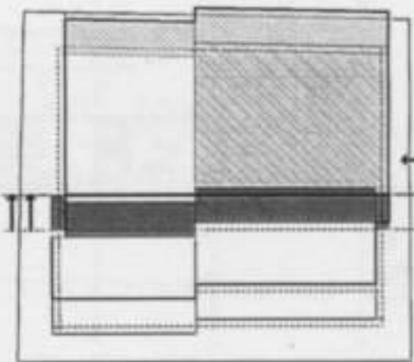
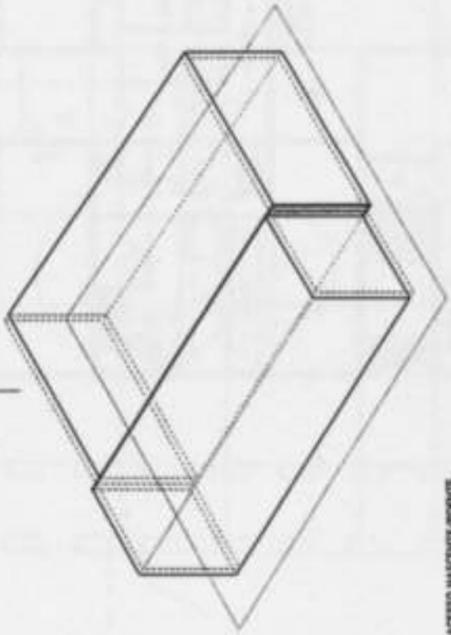
3. QUADRANTE VAZIO



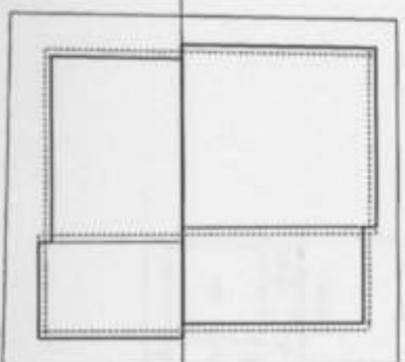
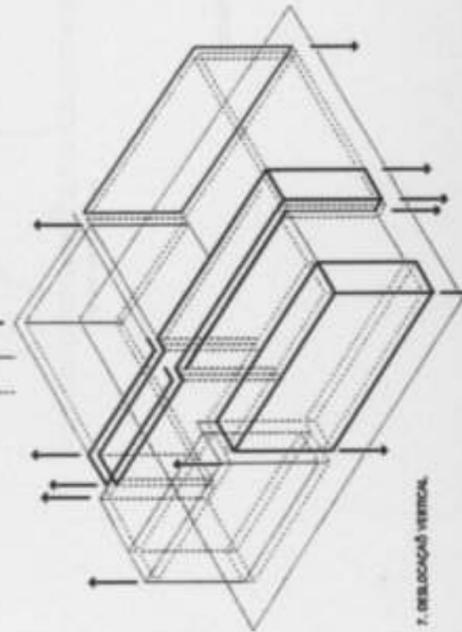
4. REDEQUAMENTO A SAL



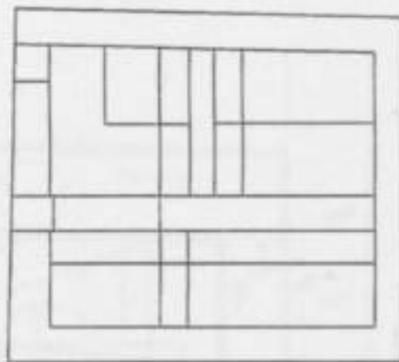
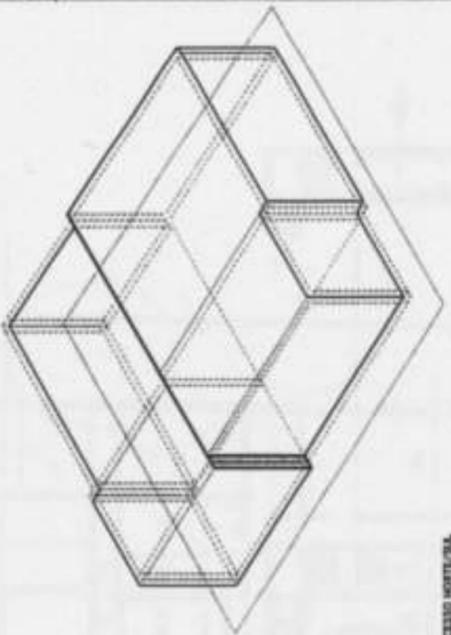
5. ACESSO NA ESCADA/POENTE



6. REDEQUAMENTO A SAL



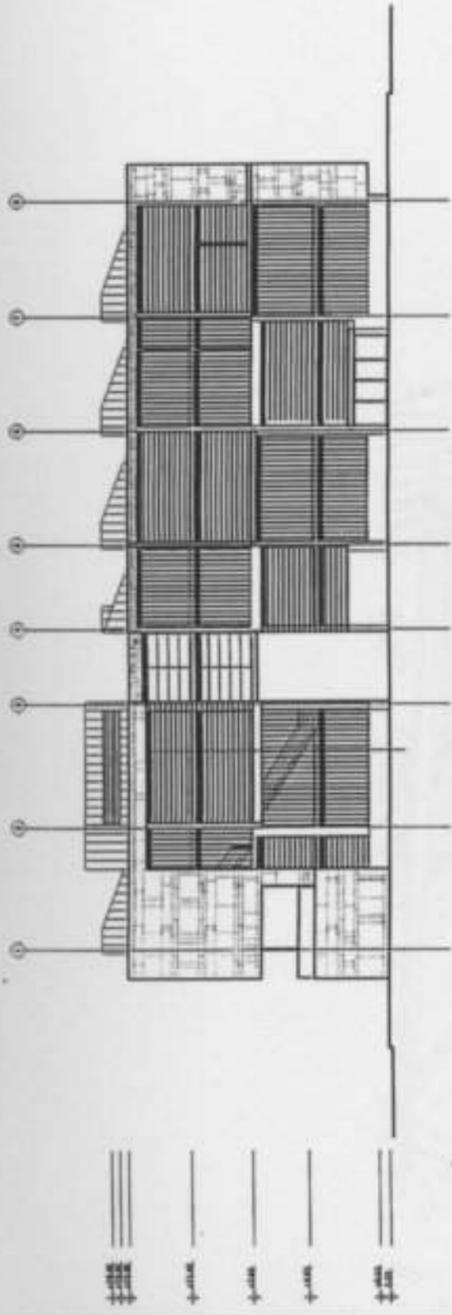
7. ACESSO NOROESTE/SAL



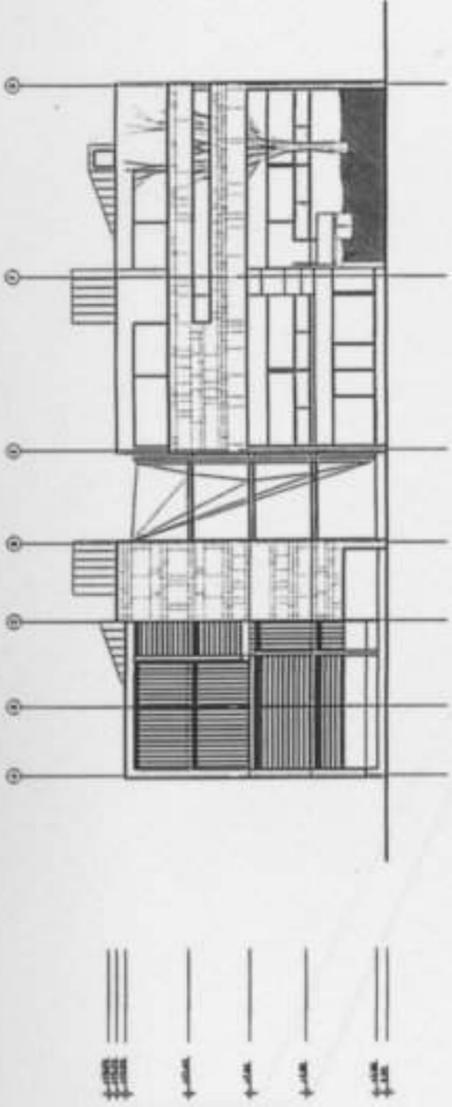
8. REDEQUAMENTO A SAL (ROTACAO)



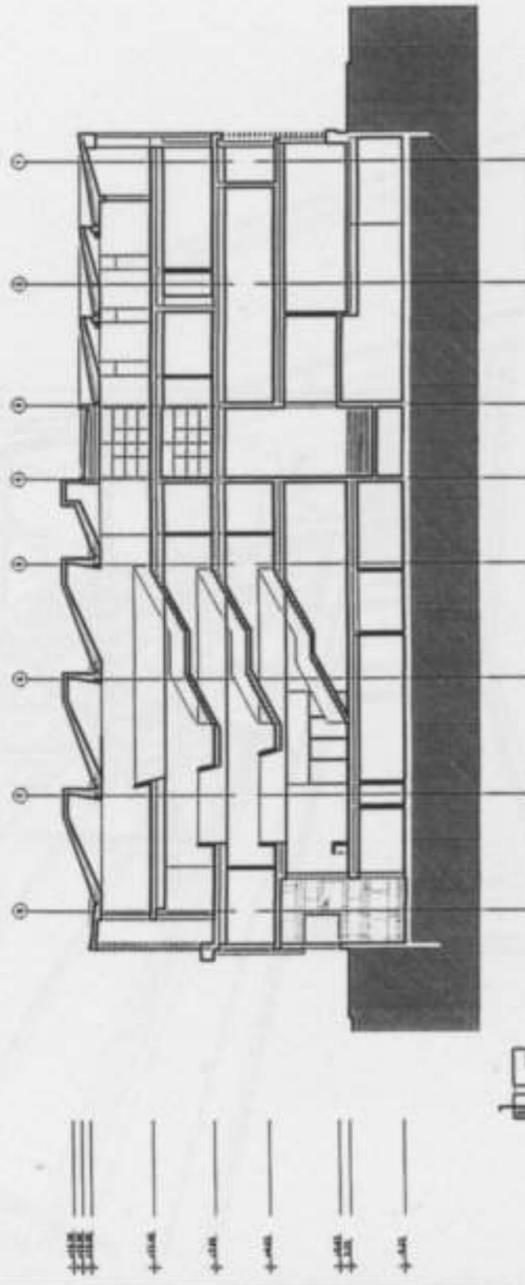
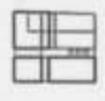




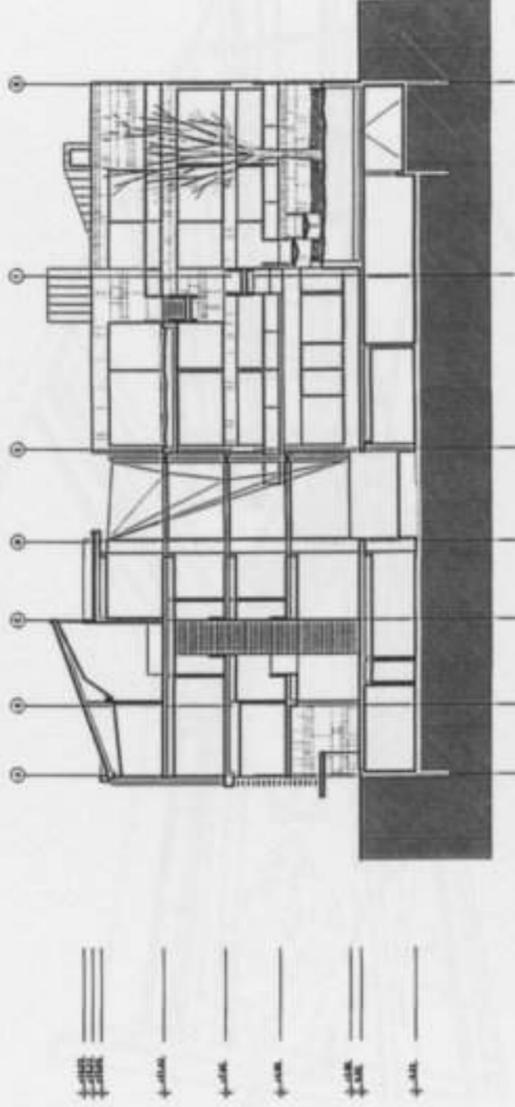
1. ALÇADO NORTE / CHANCELARIA



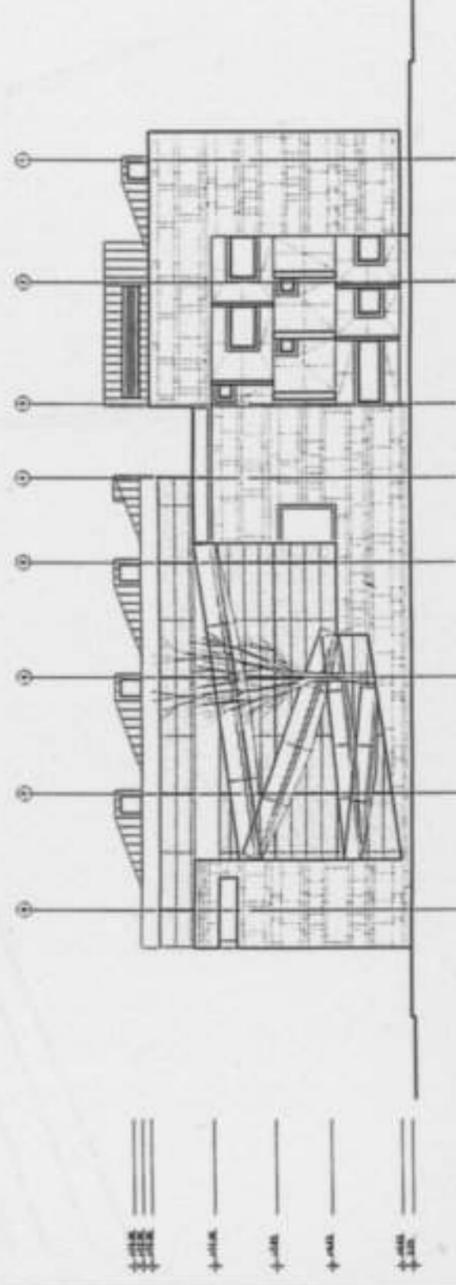
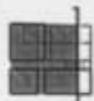
2. ALÇADO POENTE



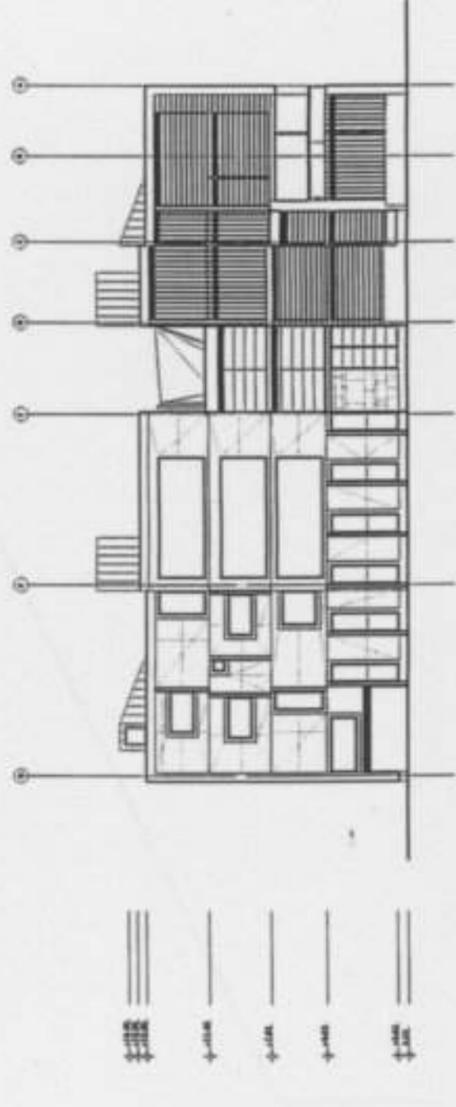
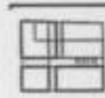
3. CORTE LONGITUDINAL / CHANCELARIA



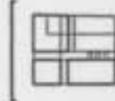
4. CORTE TRANSVERSAL - CHANCELARIA / ENTRADA DIFERENCIADA

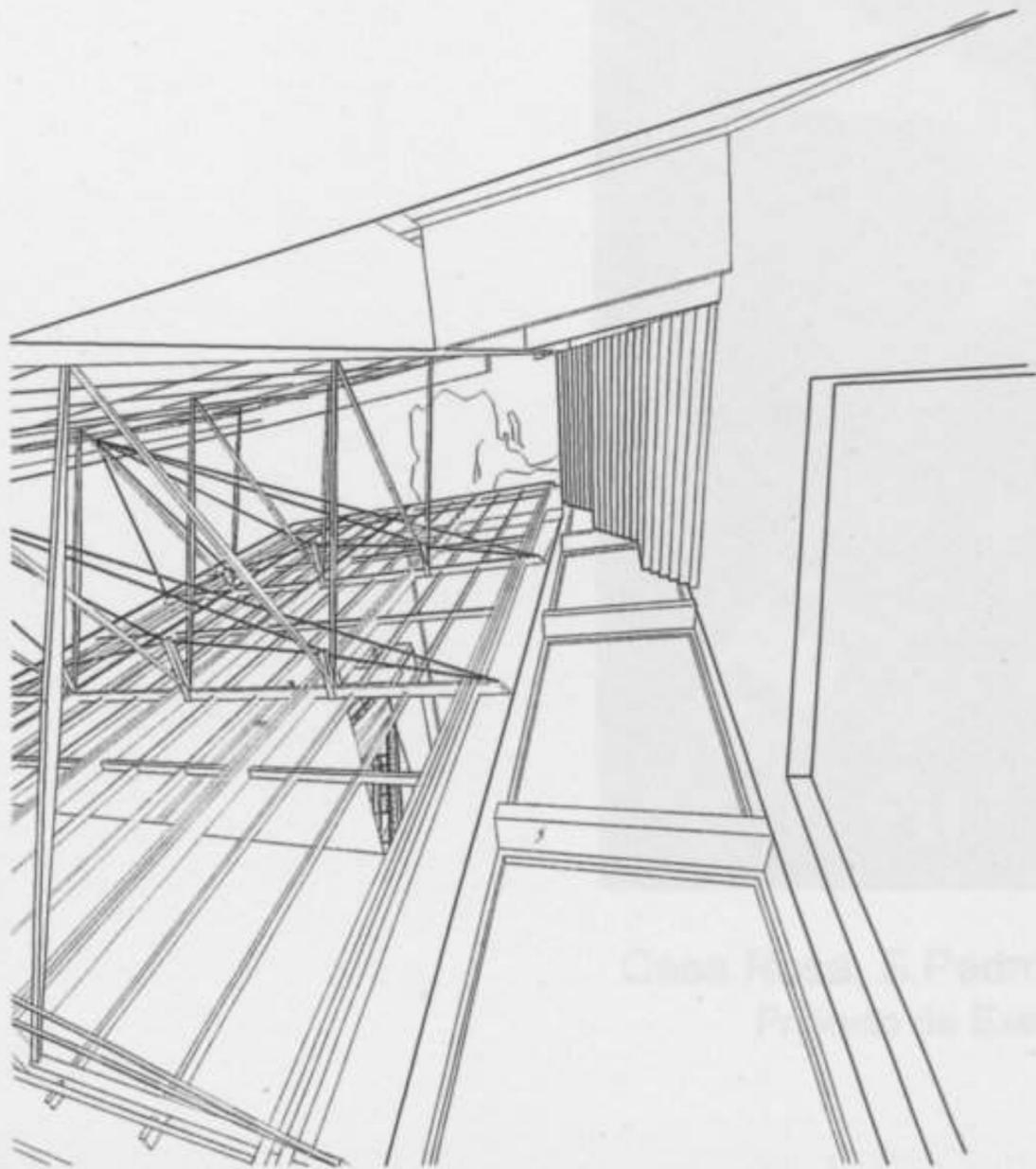
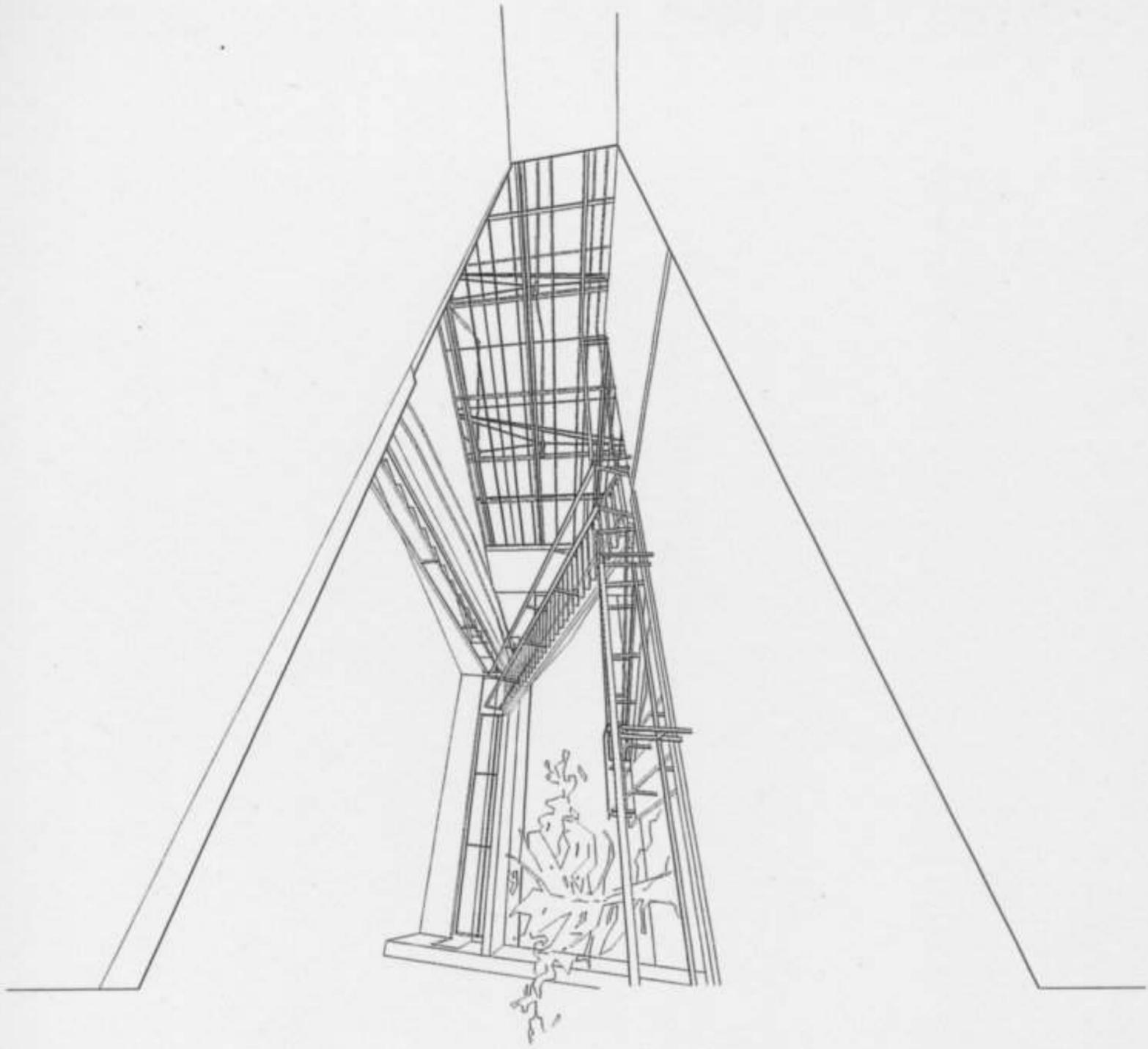


5. ALÇADO SUL / RESIDÊNCIA

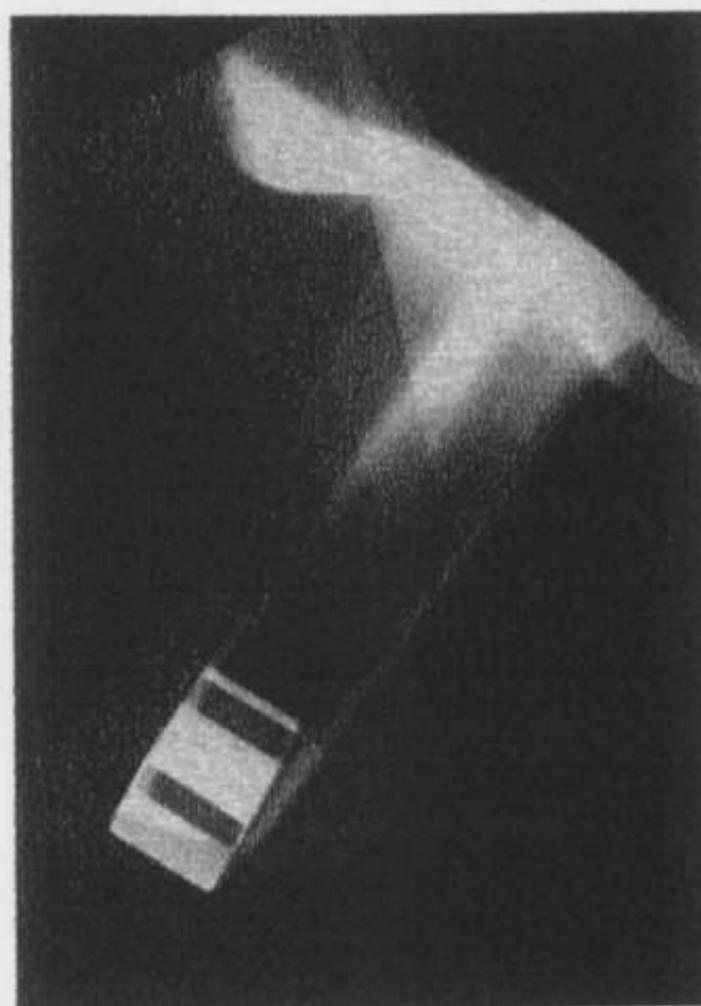


6. ALÇADO N/NE

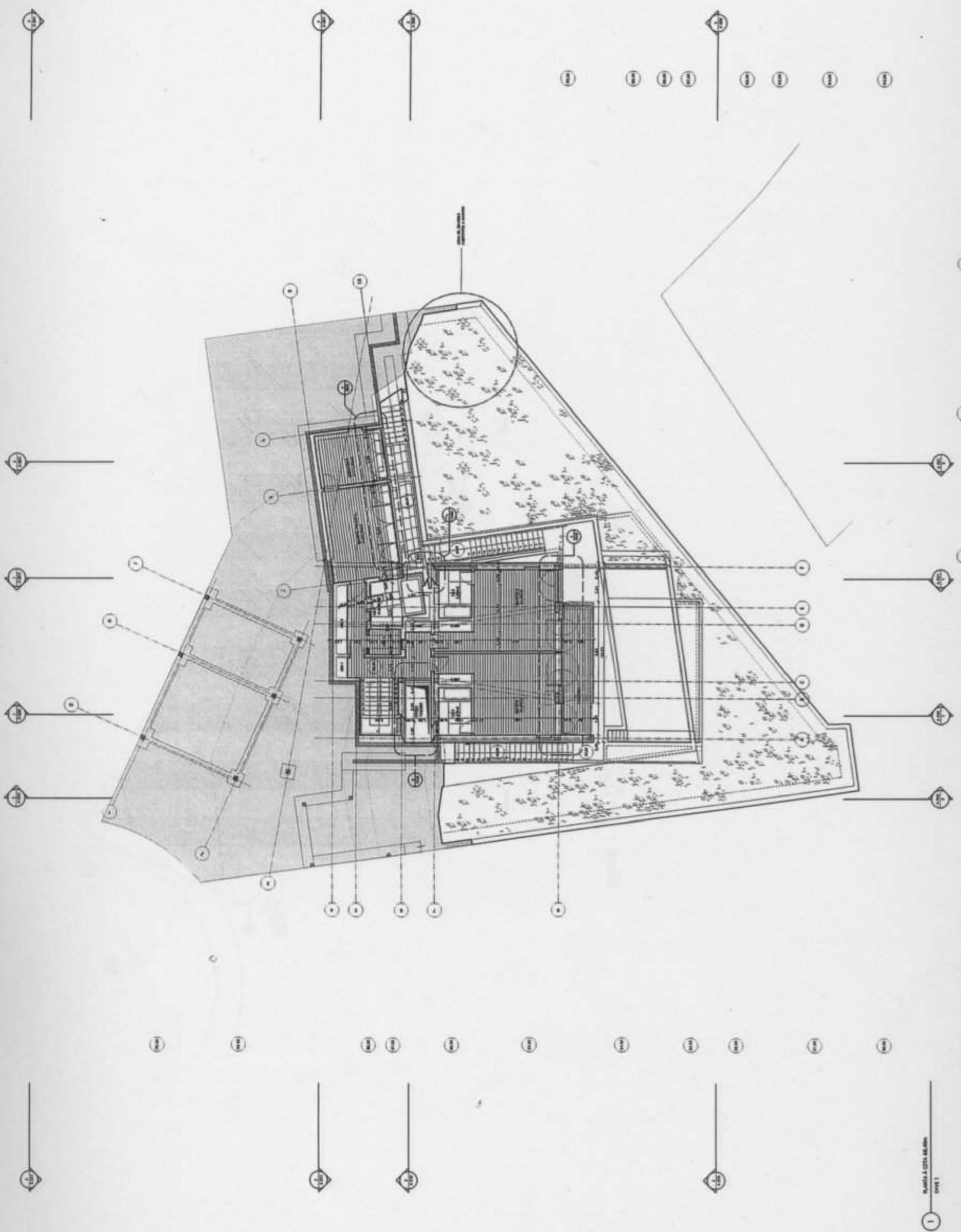




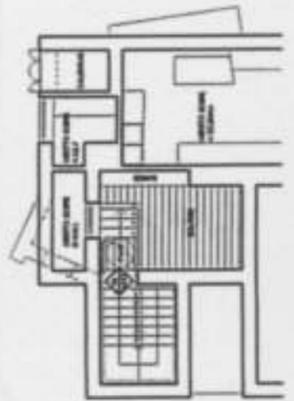
Clase de Arquitectura del Paisaje  
Prof. Dr. Enriquez, 1980



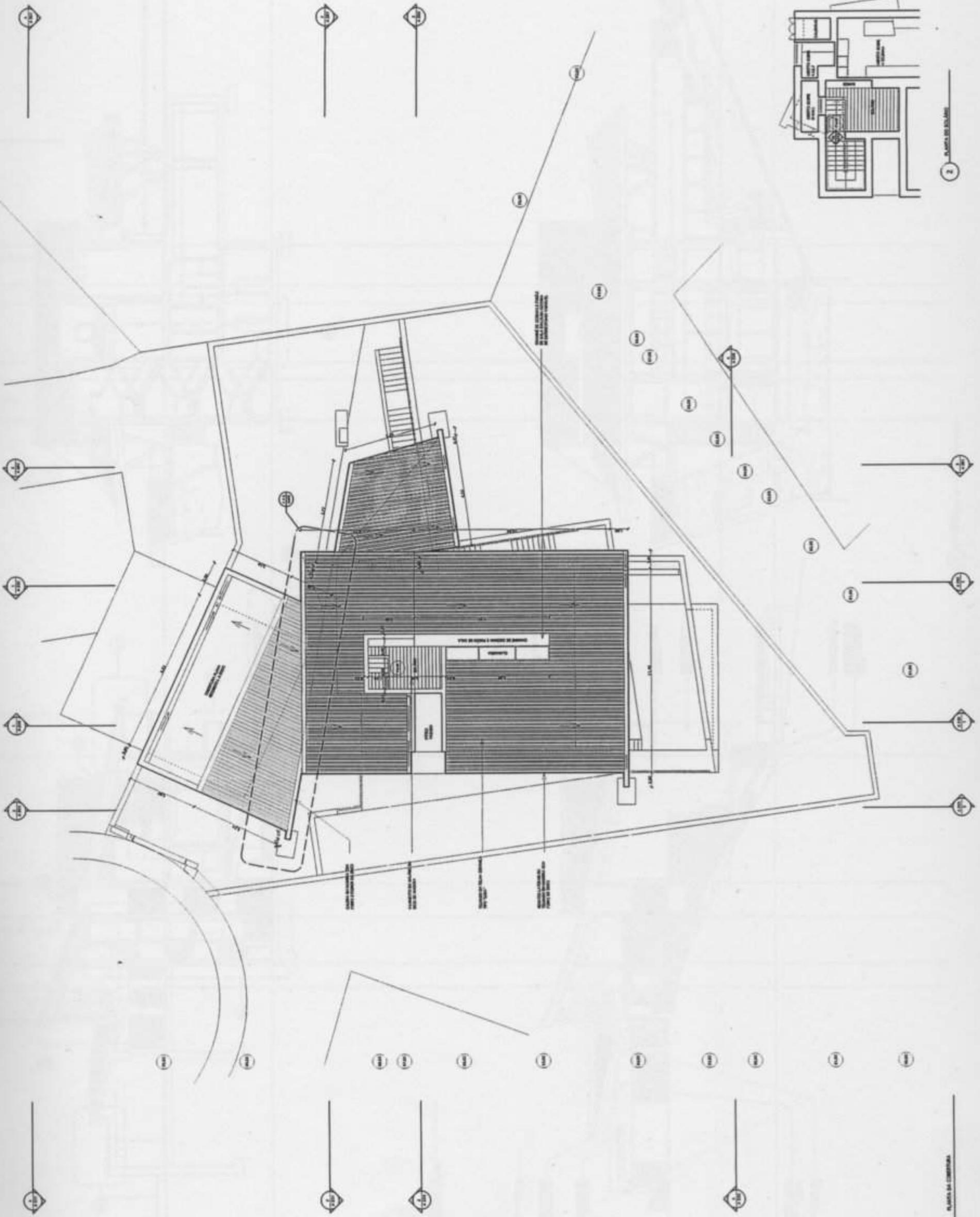
Casa Rosa, S.Pedro do Estoril  
Projecto de Execução, 1998







1. PLAN DE SITIO



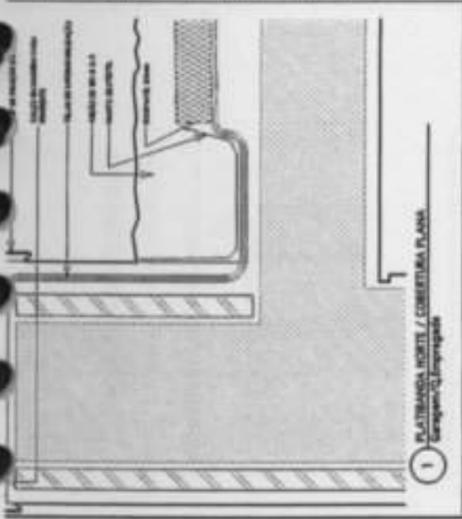
2. PLAN DE CUBIERTA



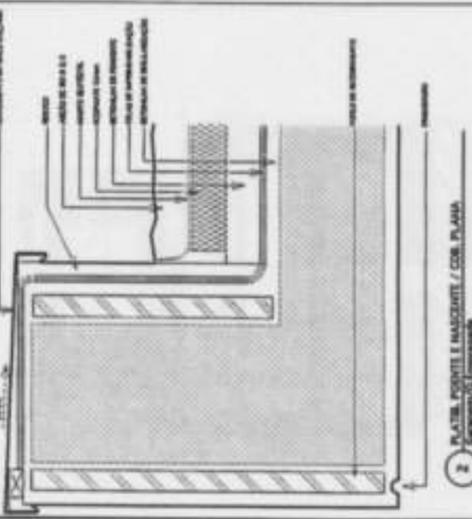




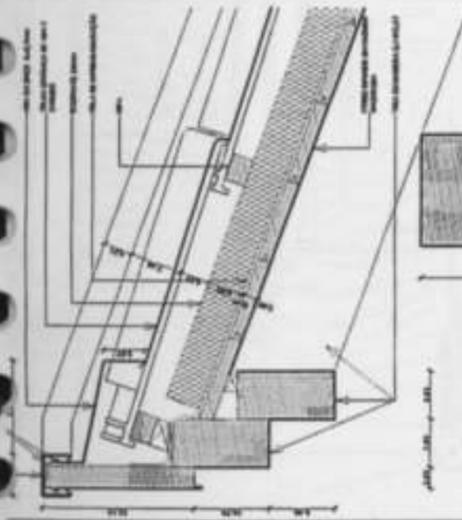




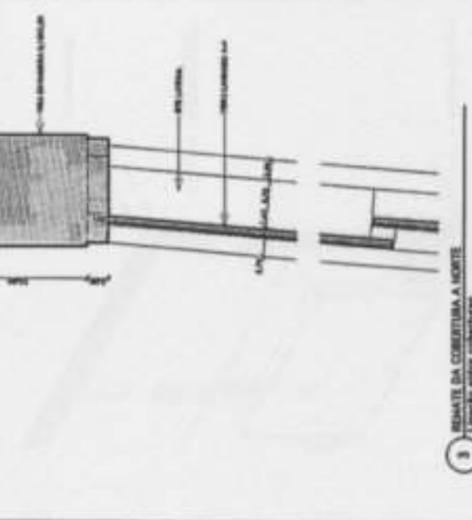
1 PLATAMINA NOROESTE / COBERTURA PLANA  
Escala: 1/20



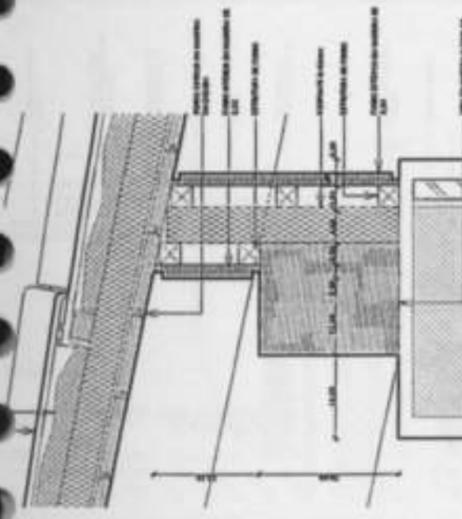
2 PLATAS NOROESTE E NASCENTE / COB. PLANA  
Escala: 1/20



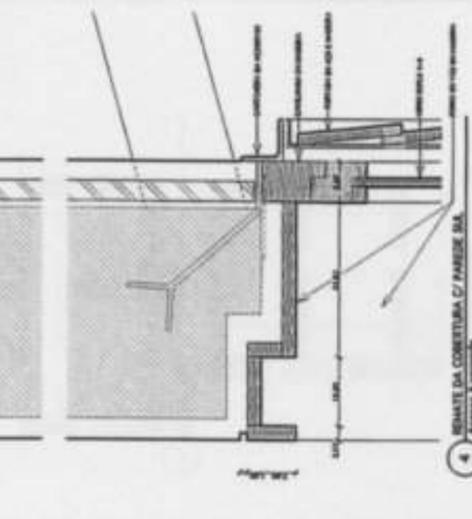
3 REMANTE DA COBERTURA A NOROESTE  
Escala: 1/20



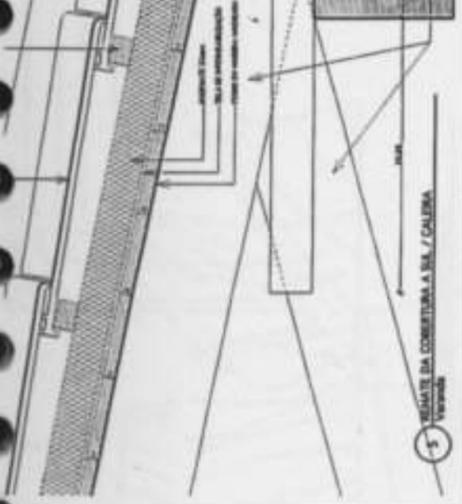
4 REMANTE DA COBERTURA A NOROESTE  
Escala: 1/20



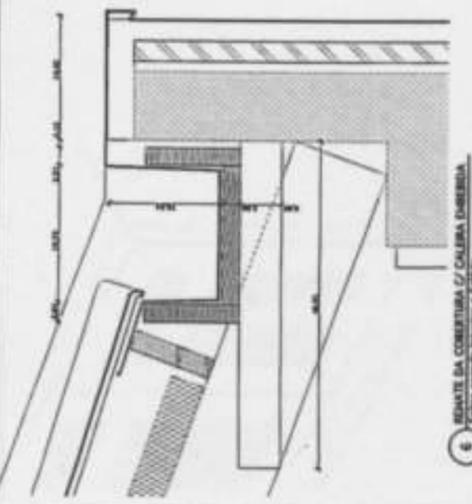
5 REMANTE DA COBERTURA A SUL / GALERIA  
Escala: 1/20



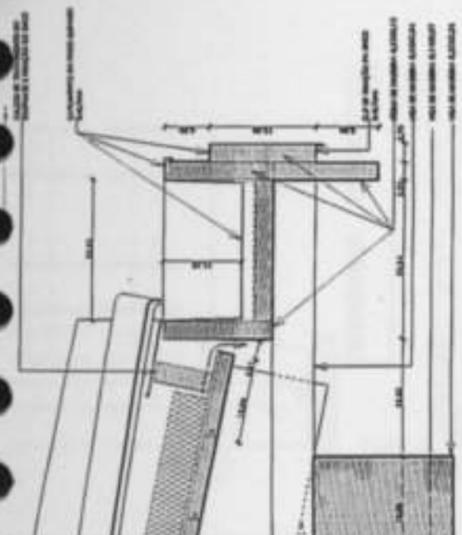
6 REMANTE DA COBERTURA C/ GALERIA COBERTA  
Escala: 1/20



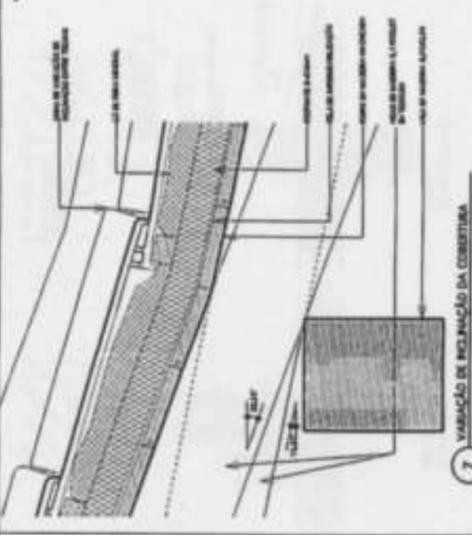
7 VARIAÇÃO DE INCLINAÇÃO DA COBERTURA  
Escala: 1/20



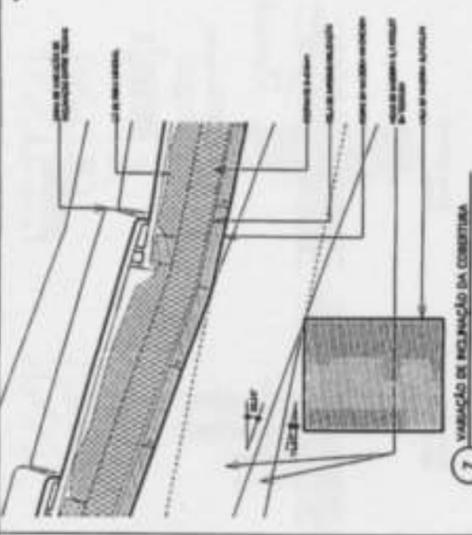
8 VARIAÇÃO DE INCLINAÇÃO DA COBERTURA  
Escala: 1/20



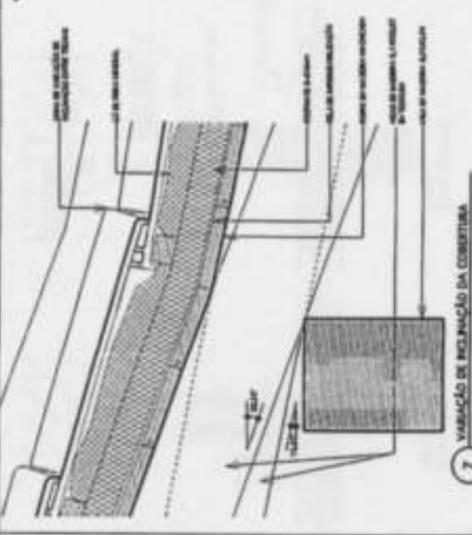
9 REACÇÃO DOS VIGAS NA PLANTA  
Escala: 1/20



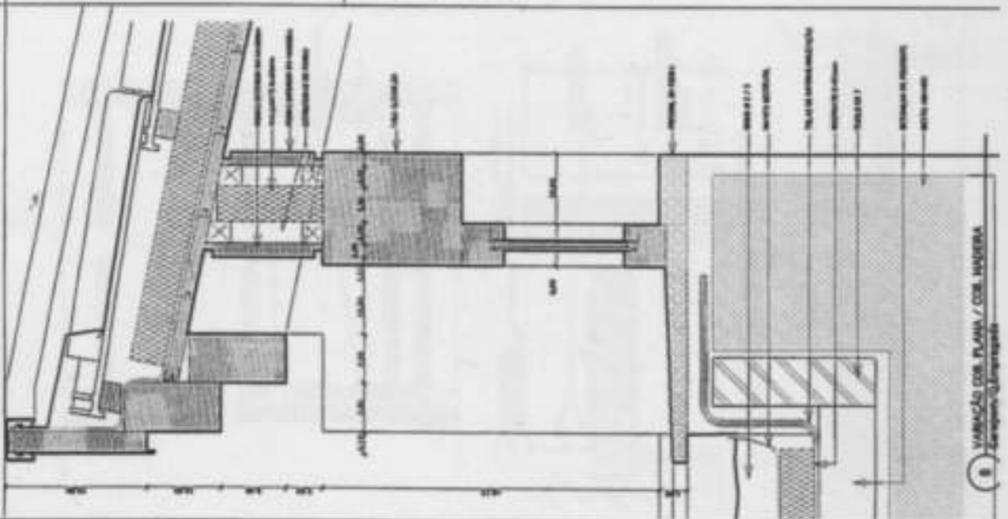
10 REMANTE DA COB. DA SARRAZEN C/ GALERIA E LIGAÇÃO  
Escala: 1/20



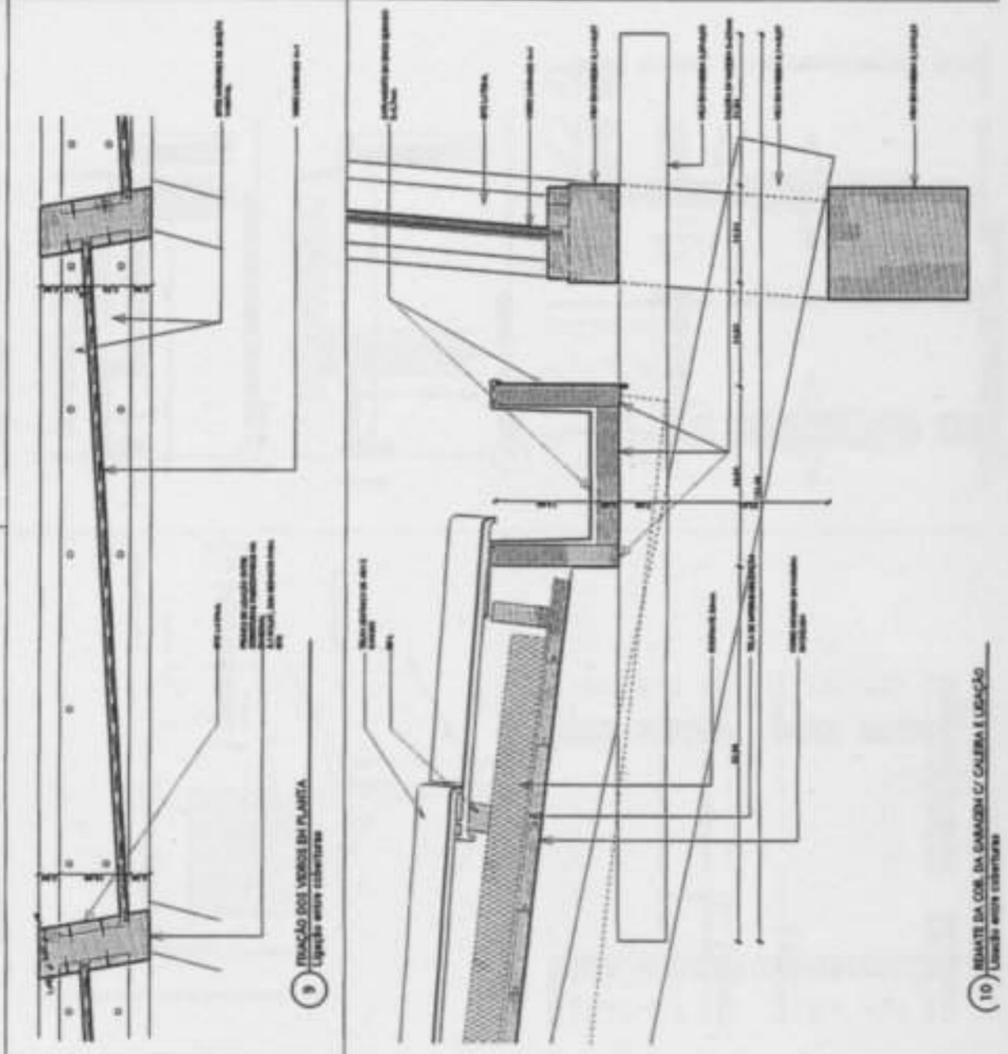
11 APOSLAMENTO EXTERIOR DAS VIGAS  
Escala: 1/20



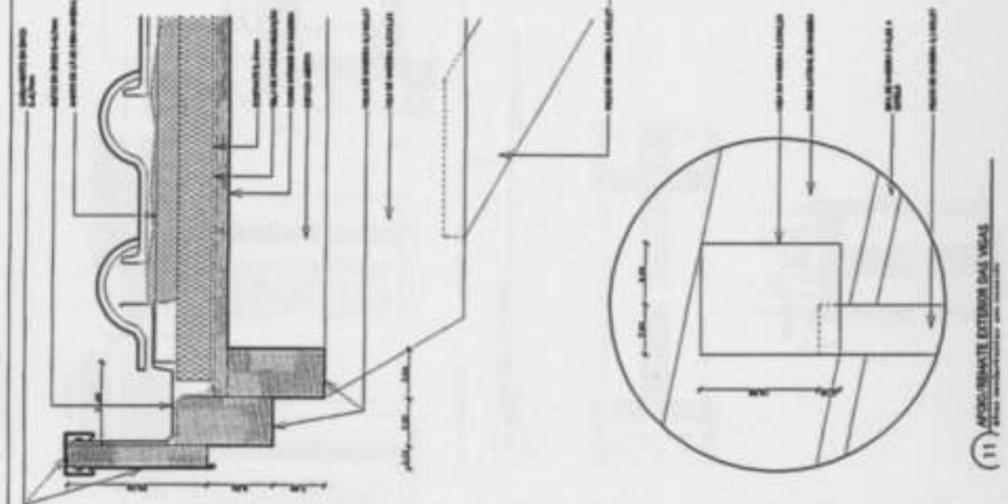
12 REMANTE LATERAL DA COBERTURA  
Escala: 1/20



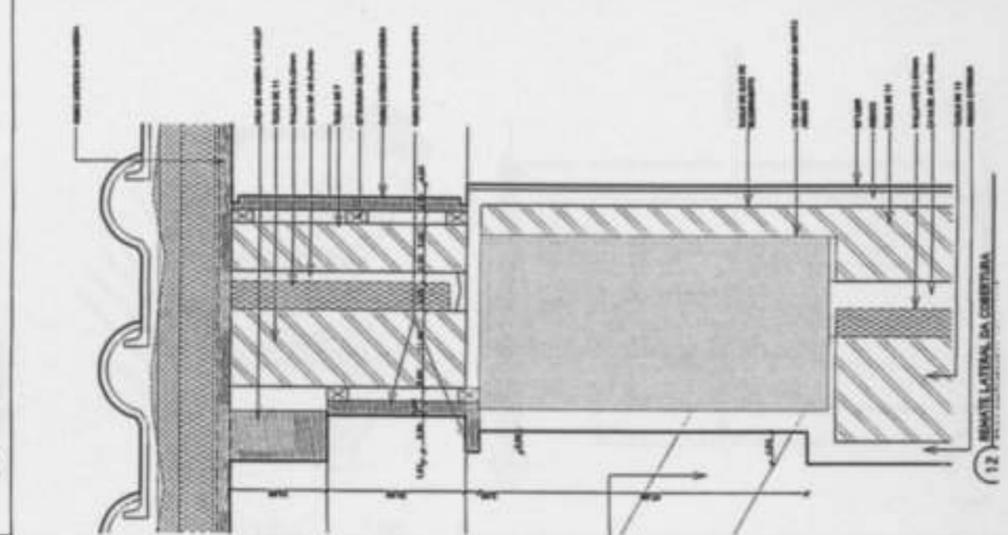
9 REACÇÃO DOS VIGAS NA PLANTA  
Escala: 1/20



10 REMANTE DA COB. DA SARRAZEN C/ GALERIA E LIGAÇÃO  
Escala: 1/20

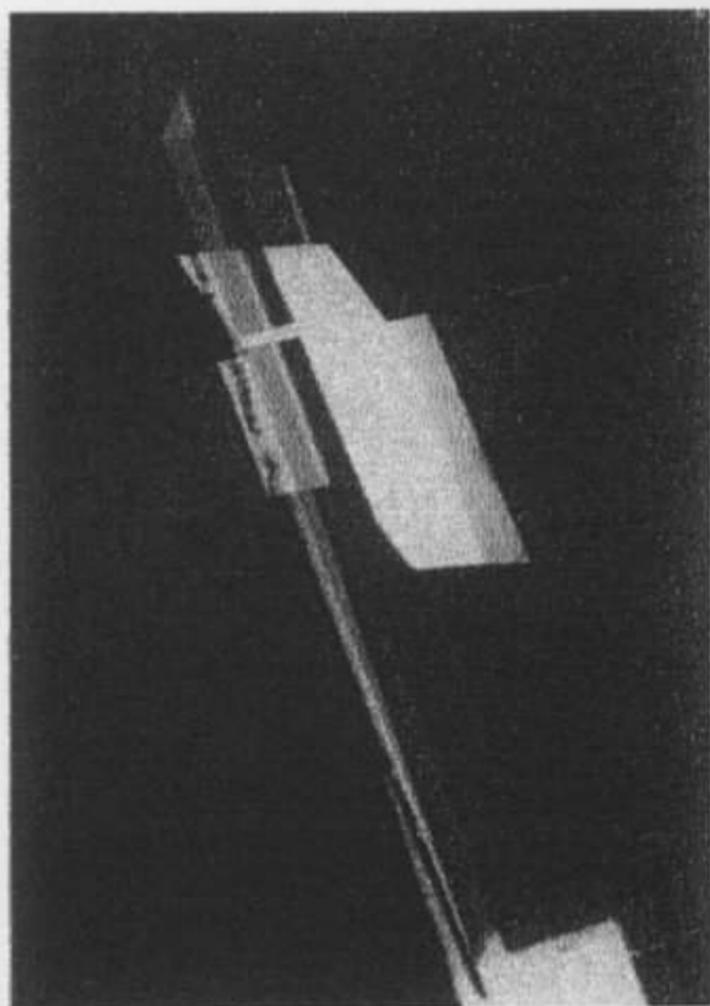


11 APOSLAMENTO EXTERIOR DAS VIGAS  
Escala: 1/20



12 REMANTE LATERAL DA COBERTURA  
Escala: 1/20





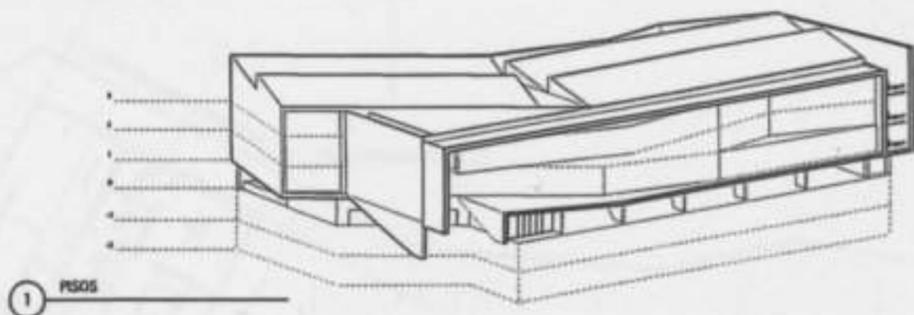
**Restaurante / Museu Flutuante, Ílhavo**  
**Estudo Prévio de Viabilidade, 1998**



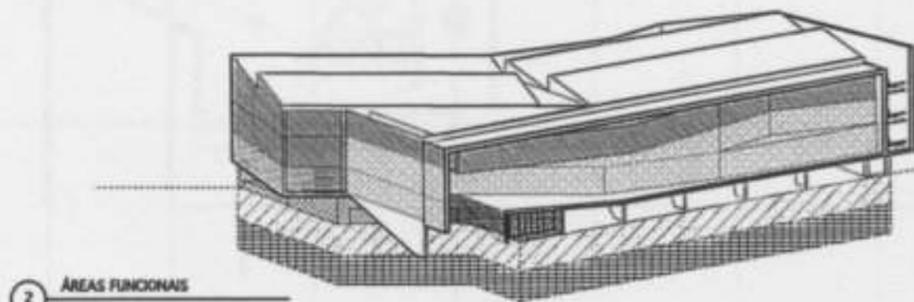




Biblioteca da Faculdade da Universidade Nova de Lisboa  
Concurso Público Internacional, 1998

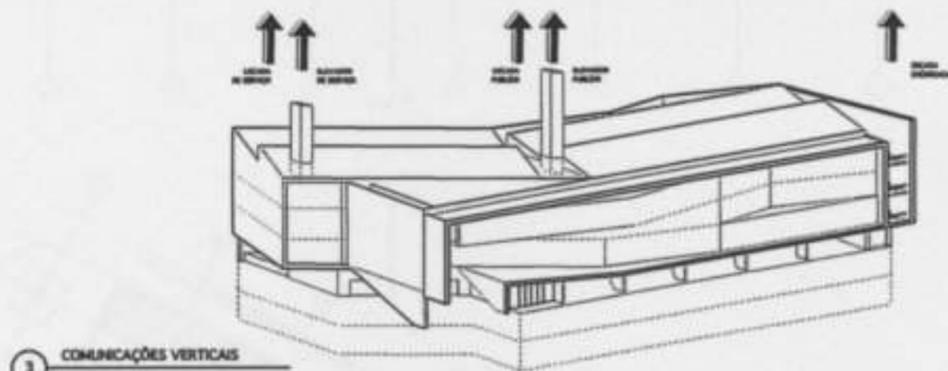


1 PSOS

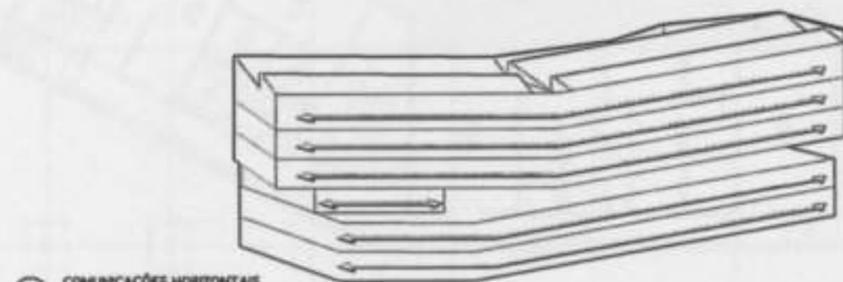


2 ÁREAS FUNCIONAIS

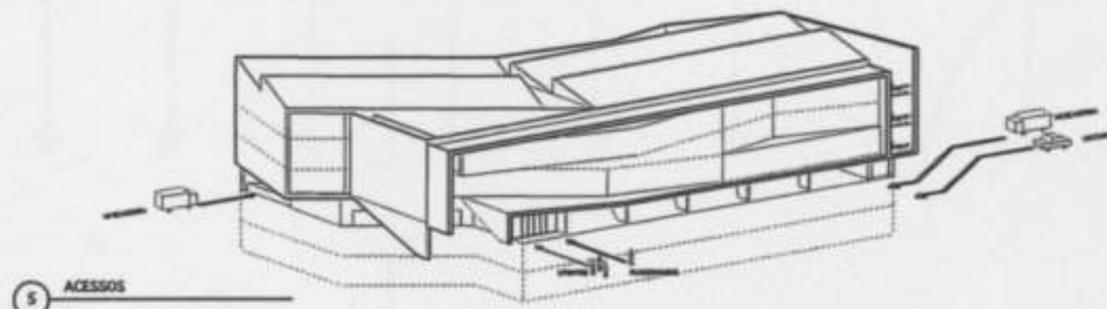
- BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS - SECTOR 2 -
- LETURA GERAL - SECTOR 1 -
- SERVIÇOS TEC. ADMINISTRATIVOS  
TRAT. BIBLIOGRÁFICO, DIRECÇÃO - SECTOR 3 -
- LETURA P/ INDIVISUAIS - SECTOR 1 -
- ESPAÇOS DE UTILIZAÇÃO COMUM - SECTOR 4 -
- SERV. TÉCN. ADMINIST. - SECTOR 3 -
- SERV. TÉCN. DE ALENQUISMAS - SECTOR 5 -
- DEPÓSITOS GERAIS - SECTOR 5 -



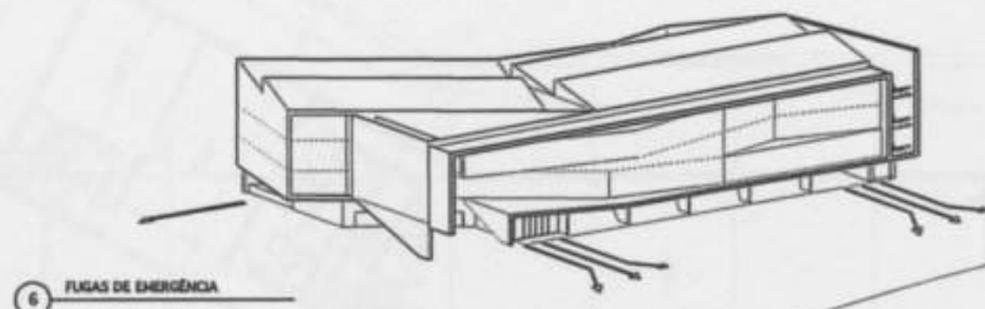
3 COMUNICAÇÕES VERTICAIS



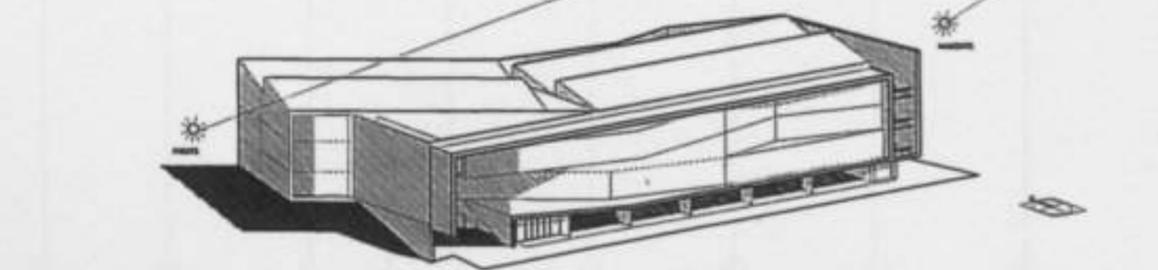
4 COMUNICAÇÕES HORIZONTAIS



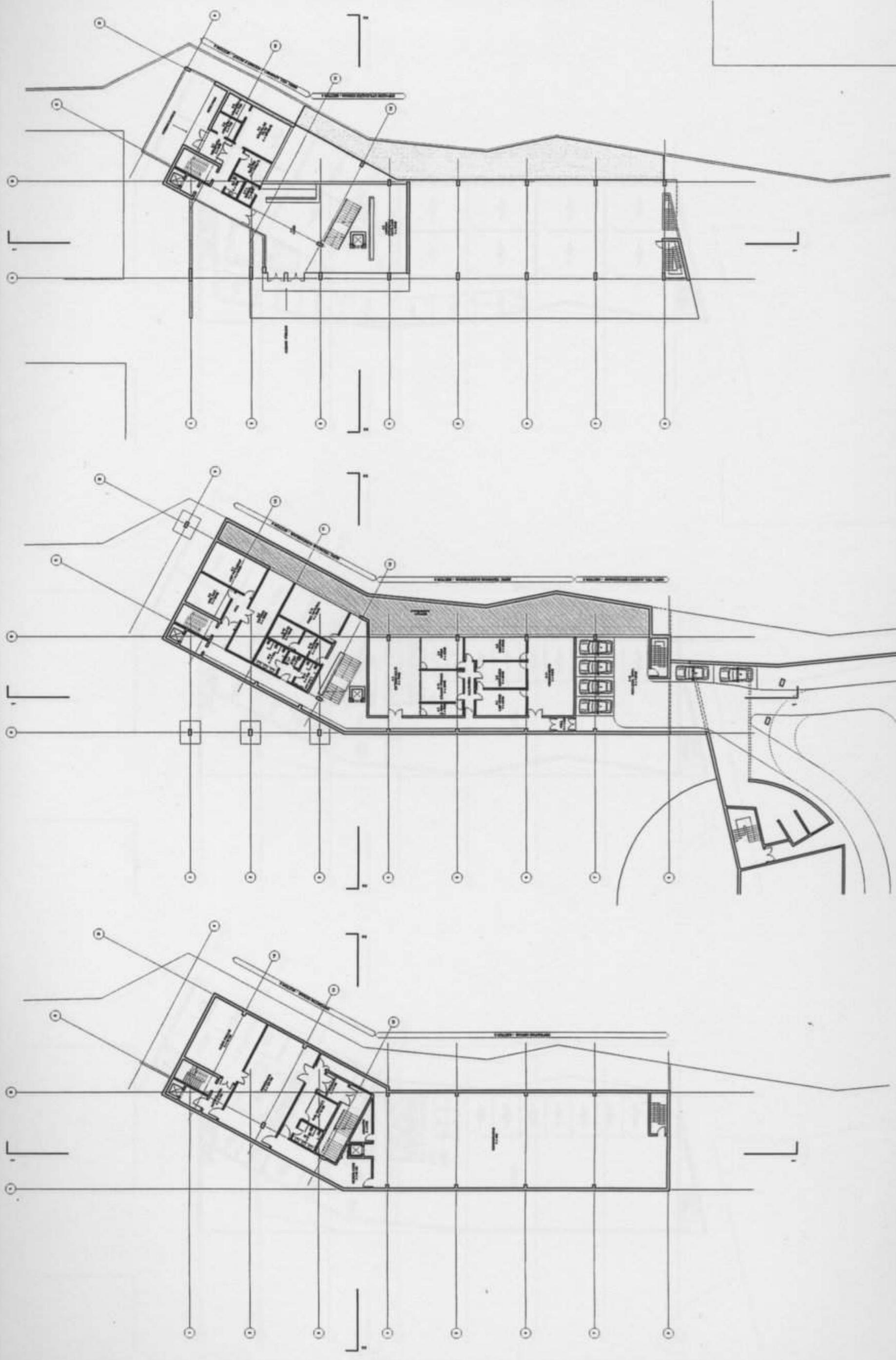
5 ACESSOS



6 FUJAS DE EMERGÊNCIA



7 EXPOSIÇÃO SOLAR



3 - PLANTA DO PISO TÉRREO

2 - PLANTA DA CHAVE 1

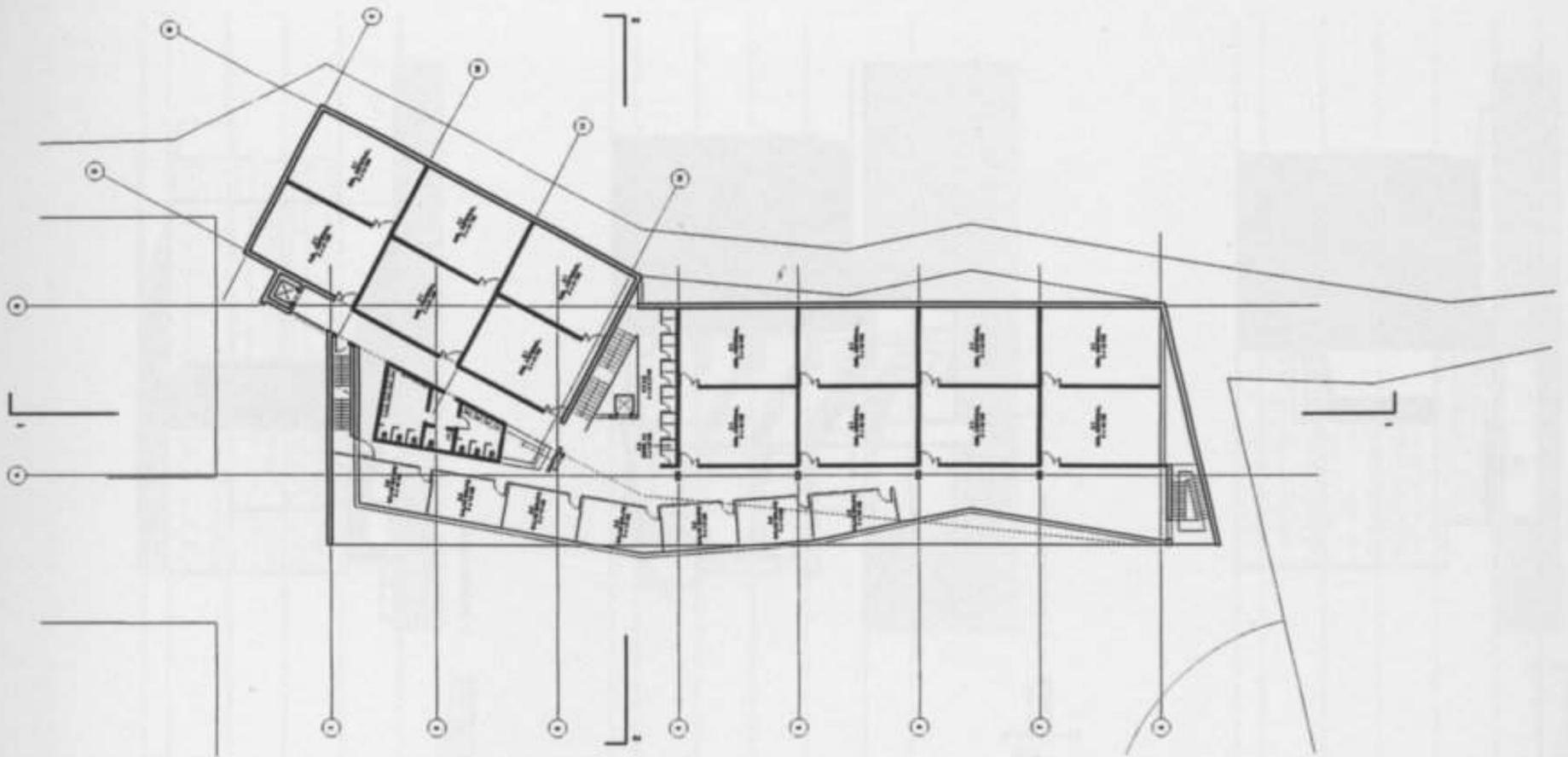
1 - PLANTA DA CAVE

PLANTAS 1

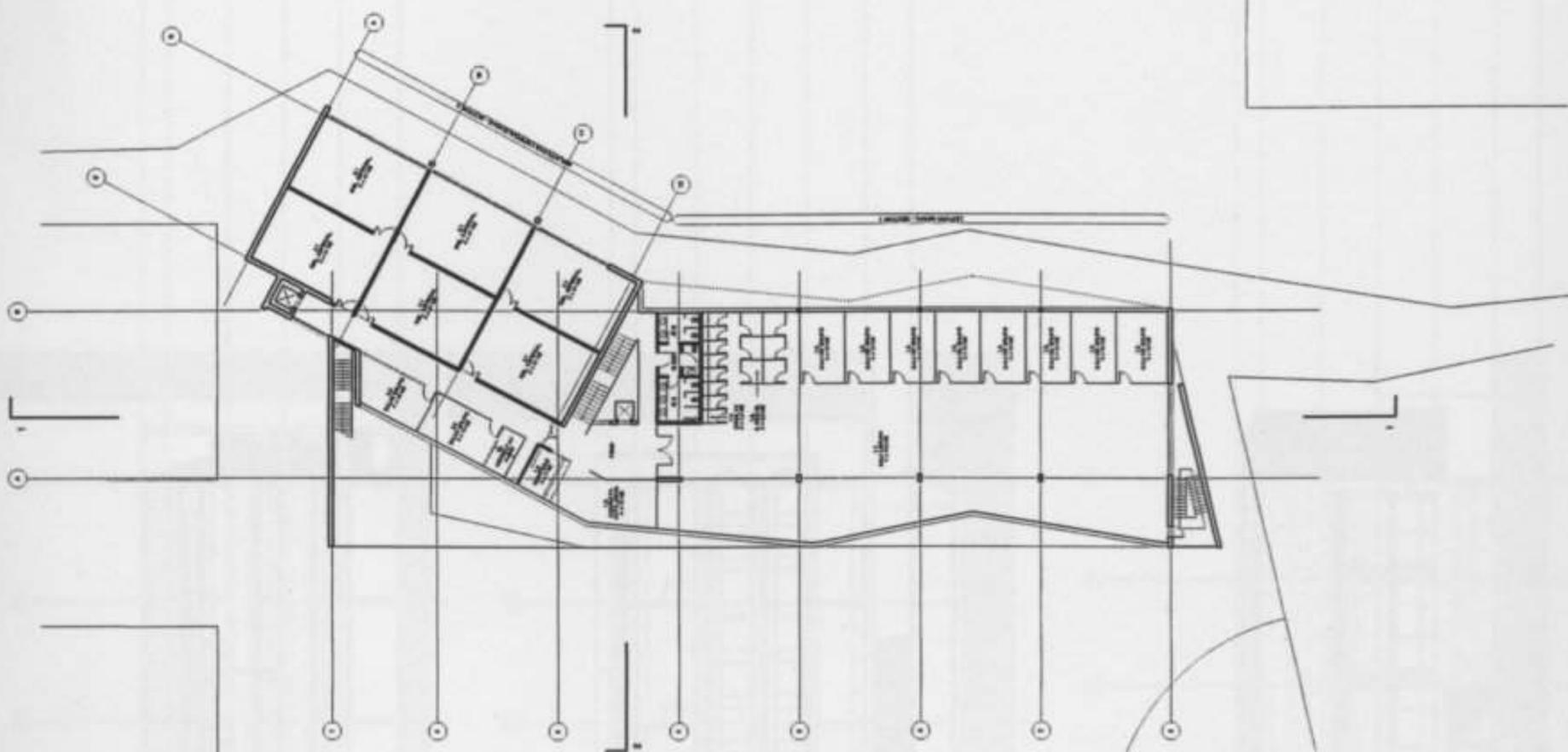
ESCALA 1:100



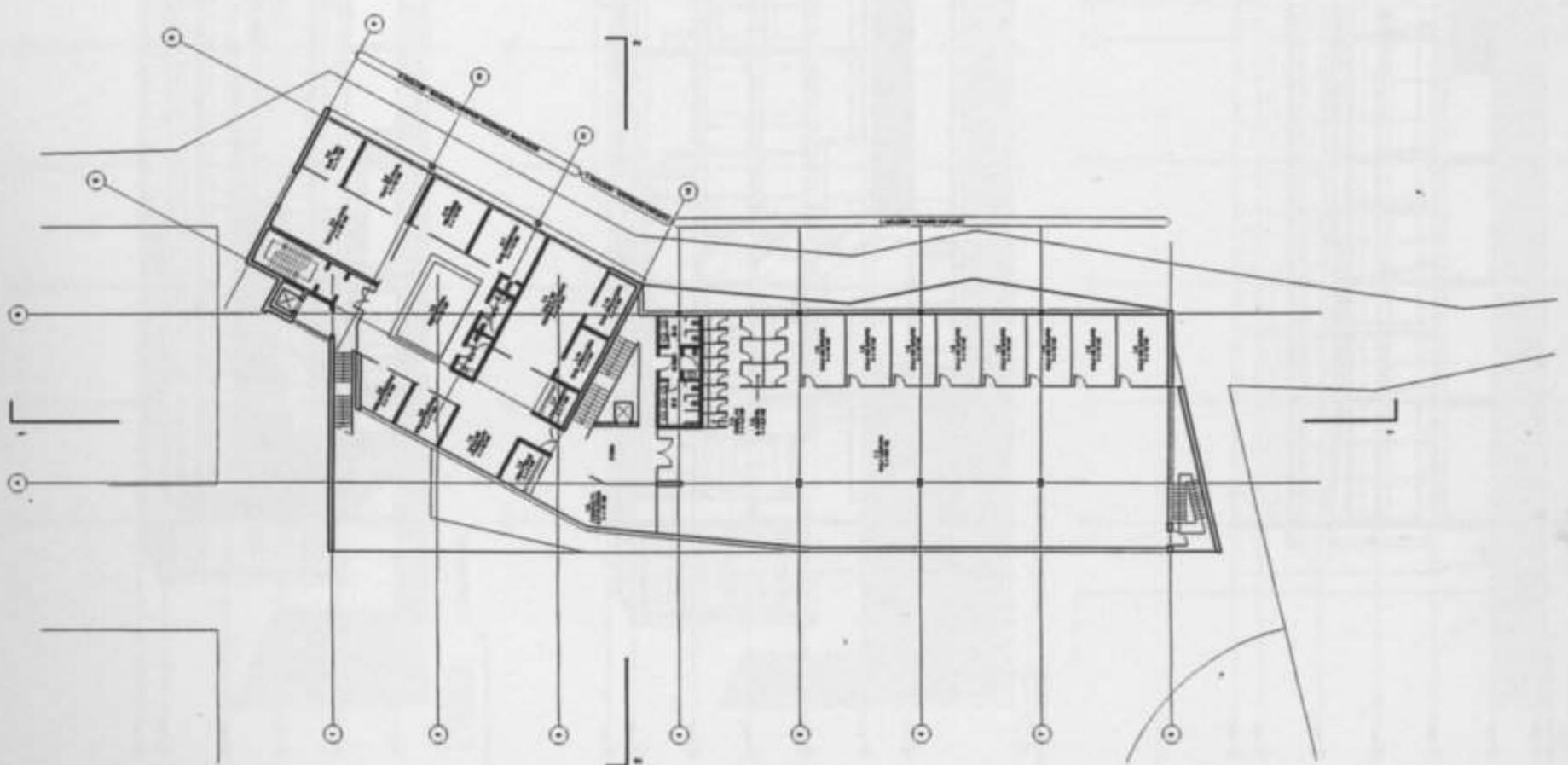
069803



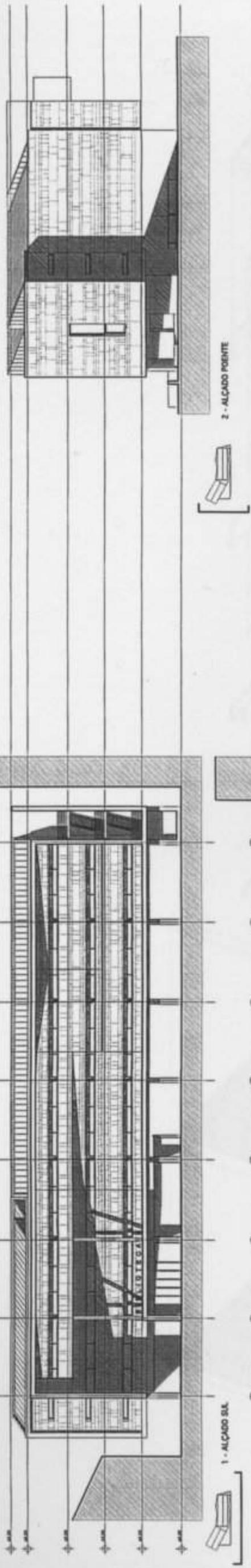
3.ª PLANTA DO 3.º ANDAR



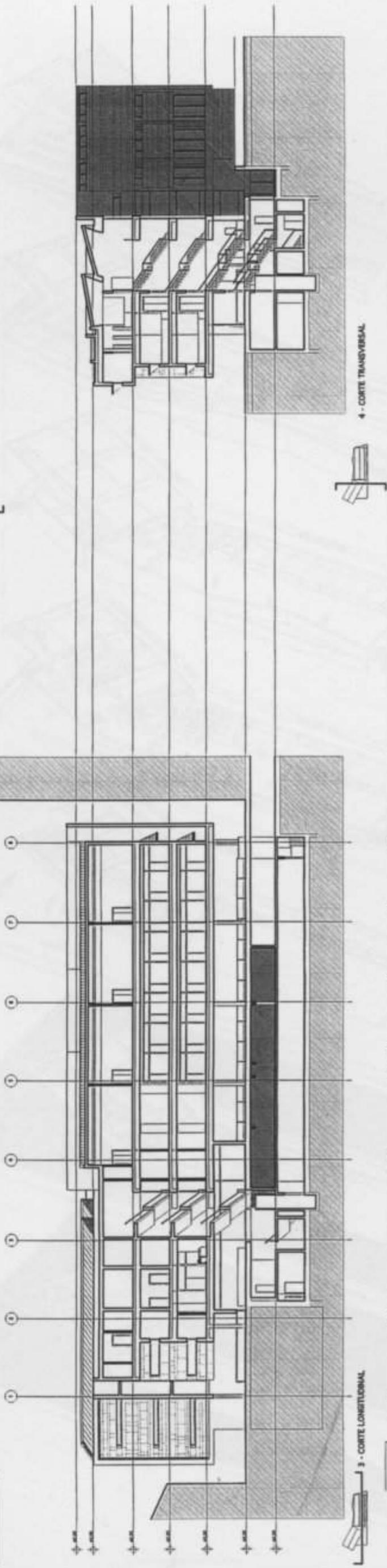
2.ª PLANTA DO 2.º ANDAR



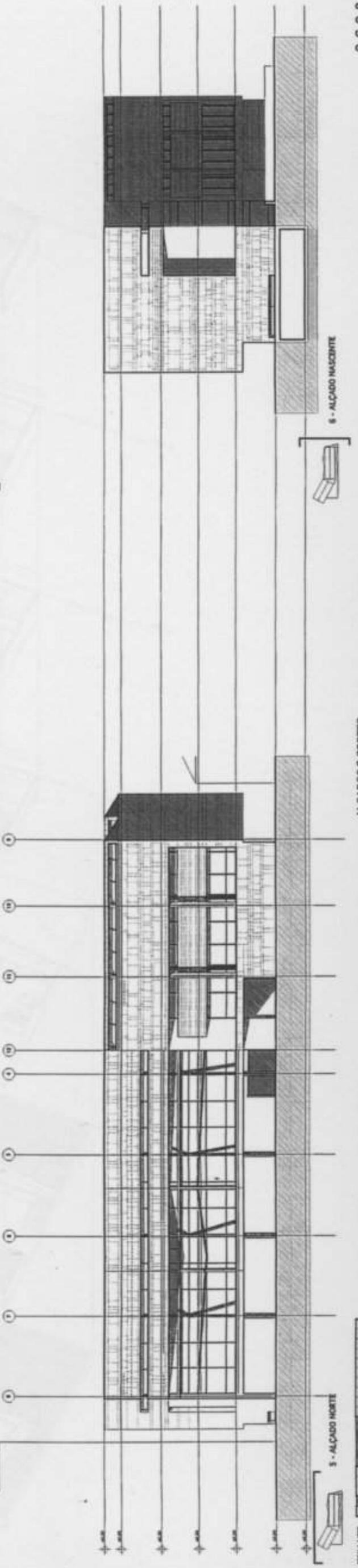
1.ª PLANTA DO 1.º ANDAR



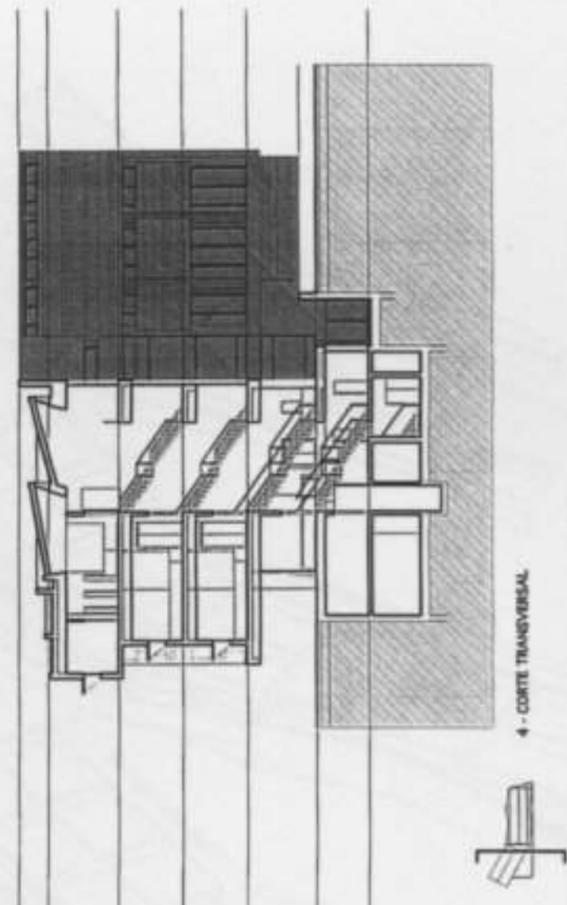
1 - ALÇADO SUL



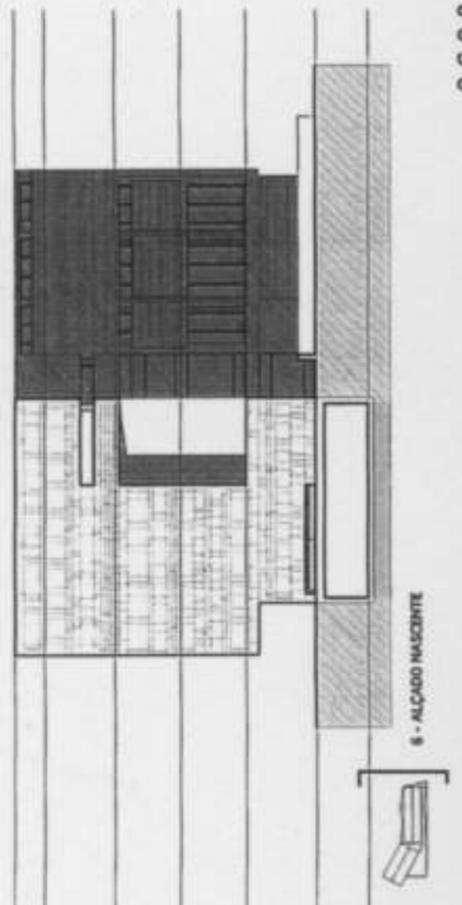
2 - ALÇADO POENTE



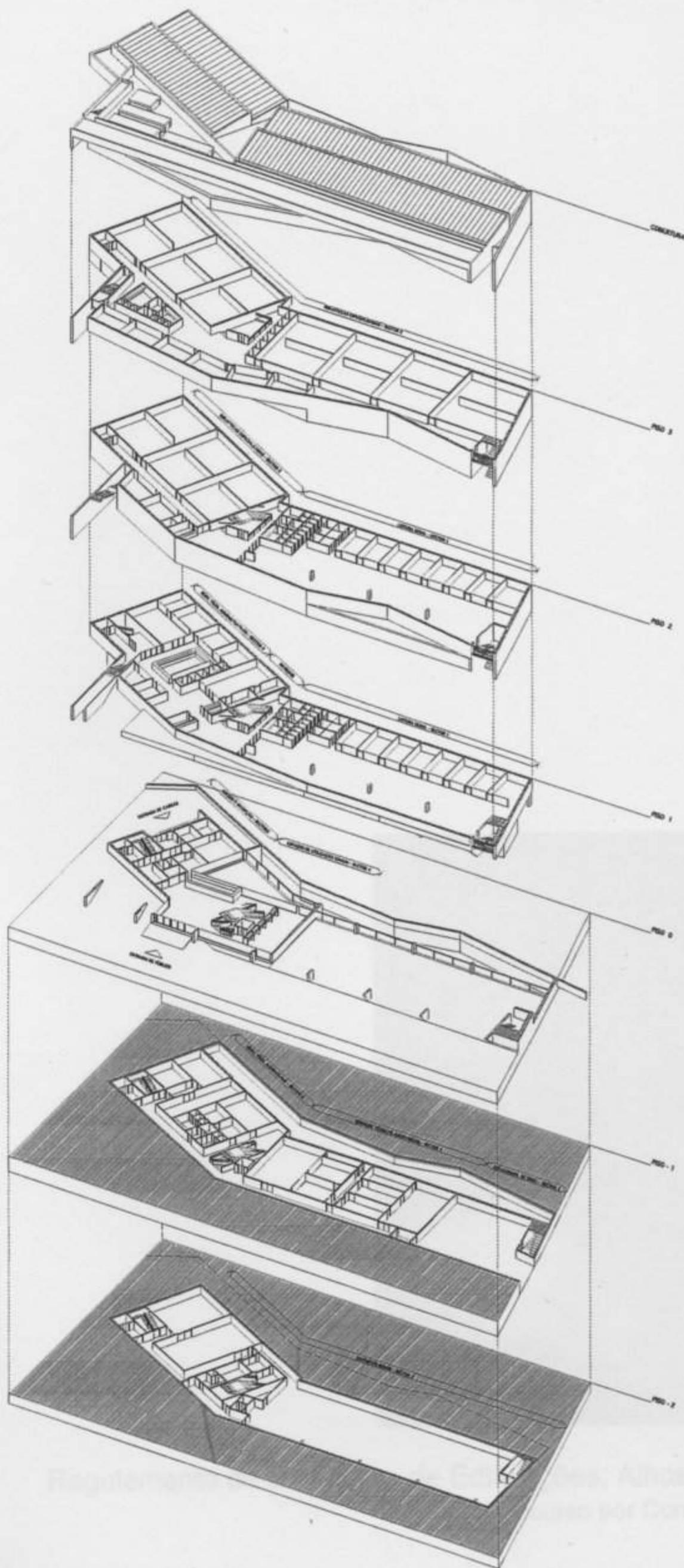
3 - CORTE LONGITUDINAL



4 - CORTE TRANSVERSAL



5 - ALÇADO NASCENTE



Região de Lisboa, Alameda Velha  
Largo do Comércio, 1978



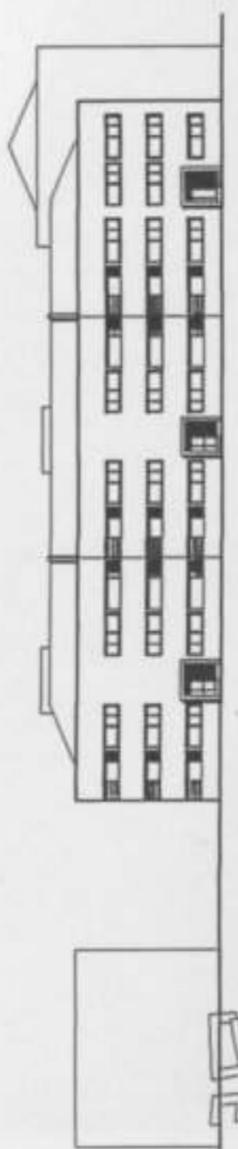
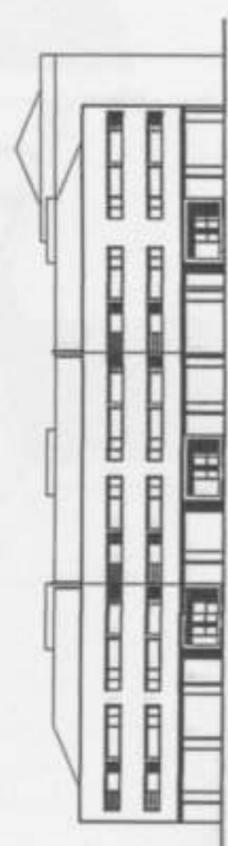
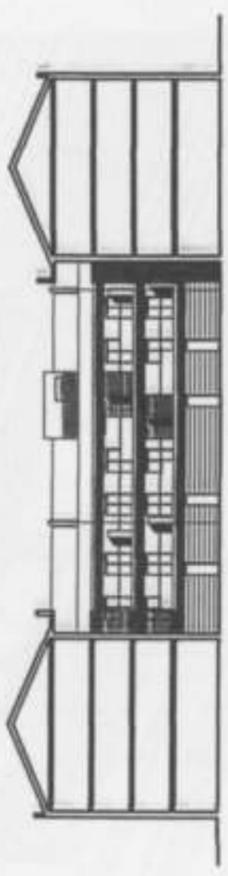
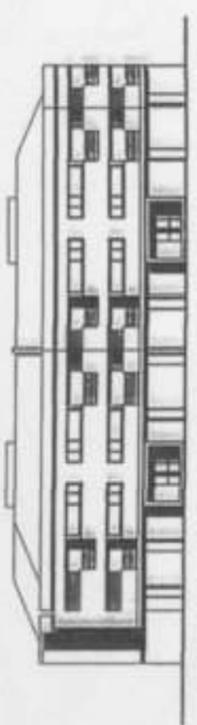
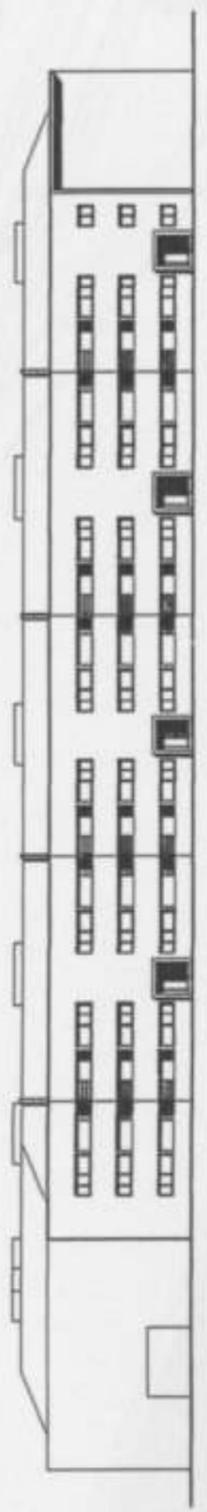
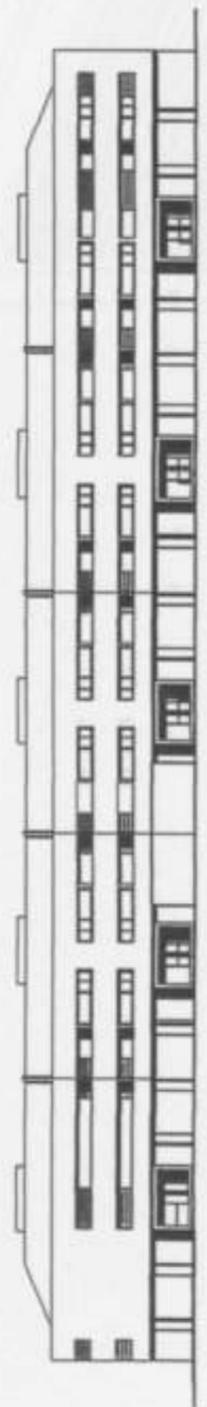
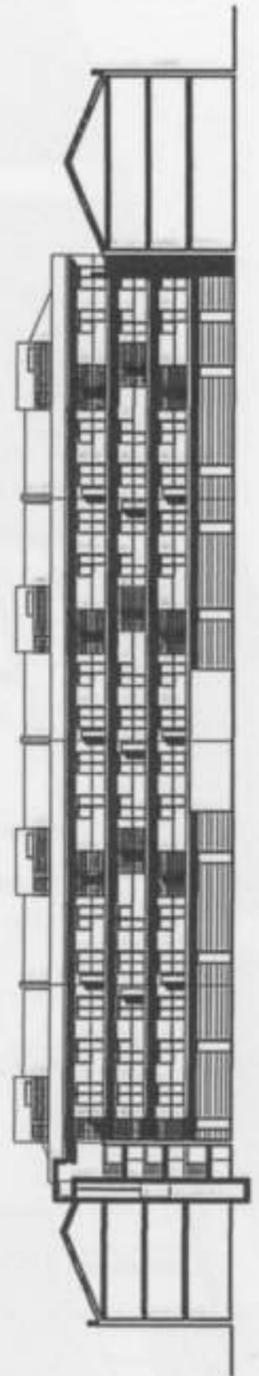
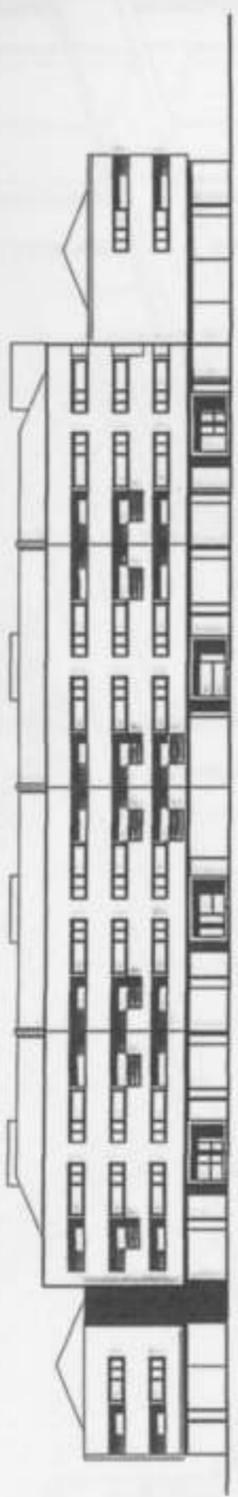
**Regulamento de Exteriores de Edificações, Alhos Vedros**  
Concurso por Convite, 1998

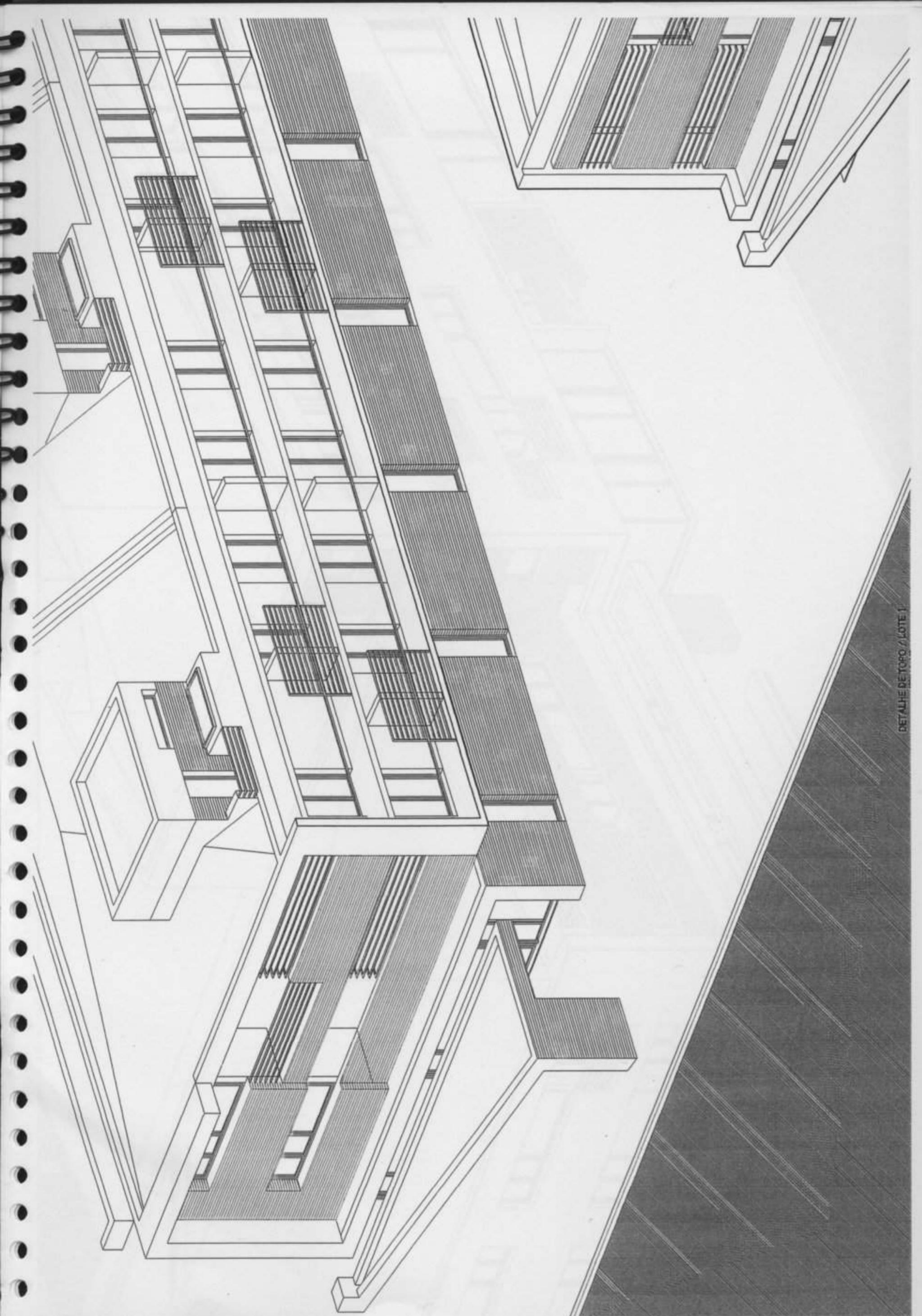


PLANTA DE LOCALIZAÇÃO  
ESCALA 1:1000

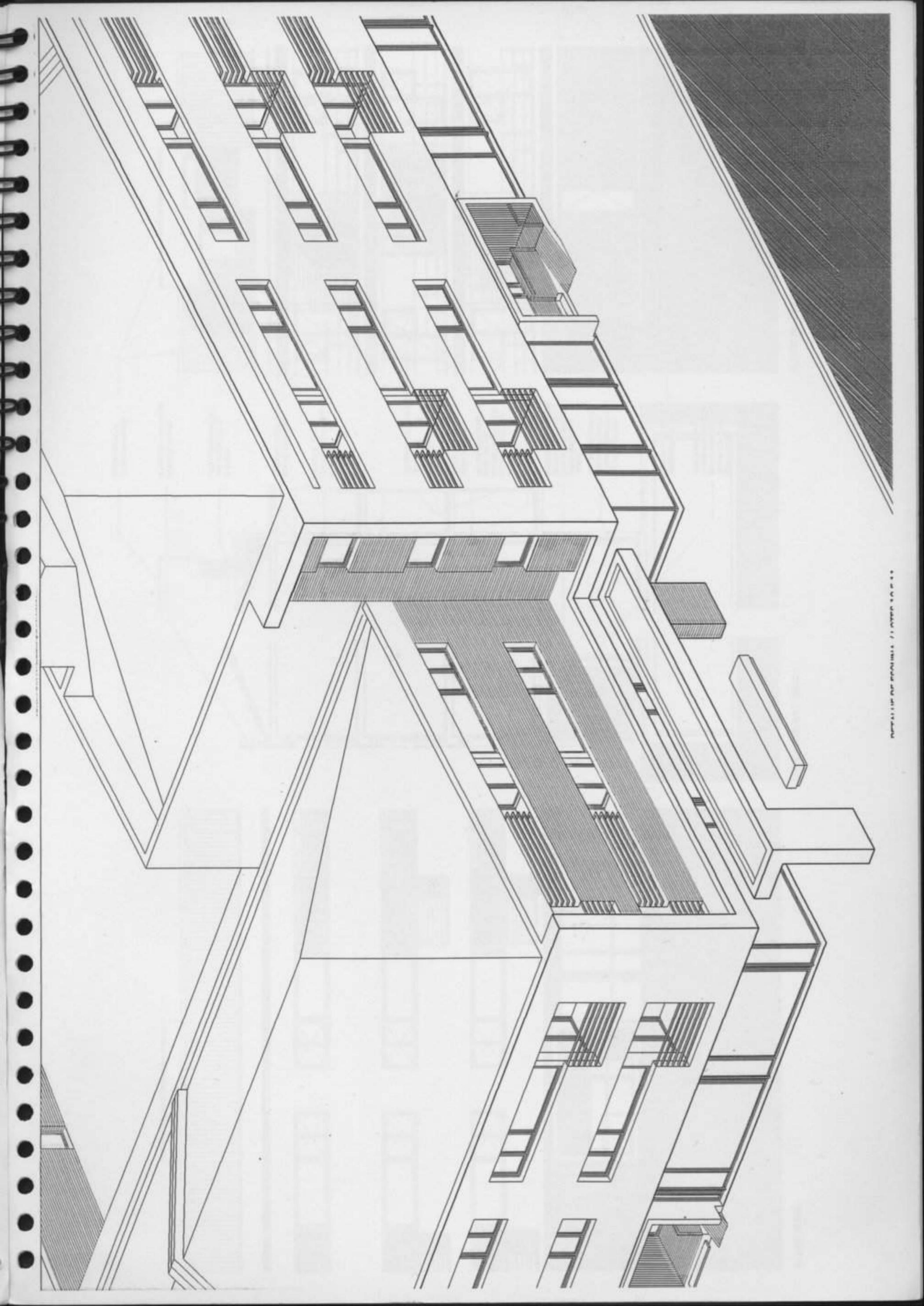


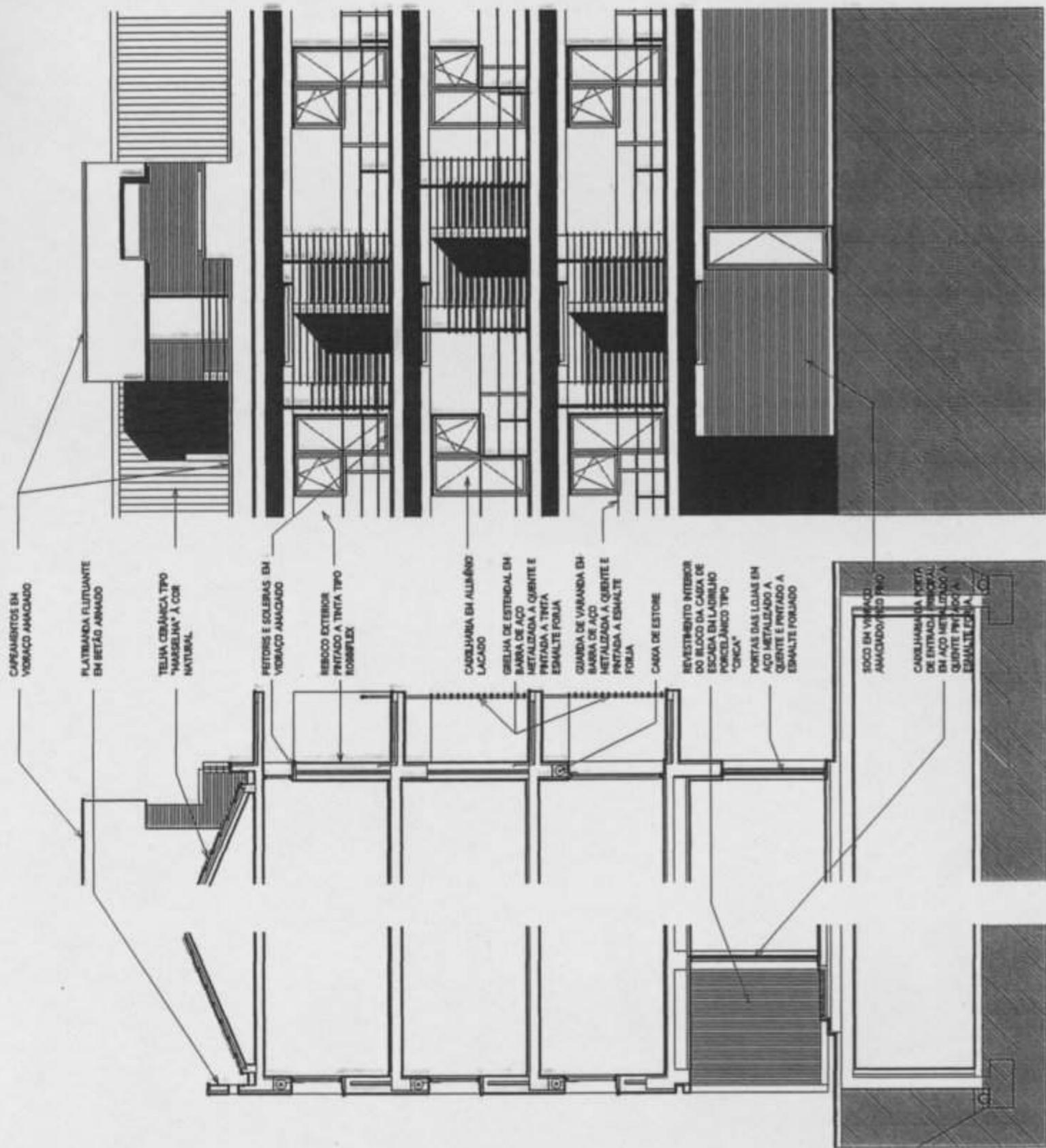






DETALHE DE TORO / LOTE 1





ALÇADO DE LOGRADOURO

CORTE ( FRENTE E TARDOZ )



ALÇADO DE RUA

